This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 468856 DUPL

ESTUDOS DE LITERATURA

JOSÉ VERISSIMO de mattos,

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

ESTUDOS

DE

LITERATURA

BRAZILEIRA

TERCEIRA SERIE

UM SECULO DE LITERATURA — O "MISSIONARIO" DO SR. INGLEZ DE SOUZA
O "DOM CASMURRO" DO SR. MACHADO DE ASSIS — AS CONDIÇÕES DA LITERATURA BRAZILEIRA
O "FELISBERTO CALDEIRA" DO SR. RODRIGO OCTAVIO
O ALMIRANTE JACEGUAY E A NOSSA HISTORIA NAVAL — JOSÉ DE ALENCAR E O SEU DRAMA "O JESUITA"
"A FORMAÇÃO" DO SR. JOAQUIM NABUCCO
A ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA — O SR. GARCIA MÉROU E A LITERATURA BRAZILEIRA
OS HOLLANDEZES NO BRAZIL. — LIVROS DE 1900

ADVOGADO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES,
RIO DE JANEIRO | PARIS

1903

869.9
V52es
v.3

I

UM SECULO DE LITERATURA

Os primeiros annos do seculo XIX são de decadencia, de estagnação completa para as letras no Brazil. Após o brilho dos Mineiros, de Basilio da Gama, de Silva Alvarenga, succede, até os ultimos annos de 30, o escuro, que um ou outro talento de mais porte, Souza Caldas, José Eloy Ottoni, José Bonifacio, Pedra Branca, mal consegue allumiar com a sua luz, aliás pouco intensa. Nesse primeiro periodo do seculo, uma historia minuciosa da literatura brazileira contaria muitos nomes, além desses, mas nenhuma obra das que vivem ou merecem viver : Antonio Mendes Bordallo, Joaquim José da Silva, Domingos Caldas Barbosa, Francisco de Mello Franco, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Manoel Joaquim Ribeiro, Fr. Francisco de S. Carlos, Marquez de Paranaguá, Visconde

de Caravellas, Paulo José de Mello Azevedo e Brito, José da Natividade Saldanha, Luiz Paulino Pinto de França, Joaquim José Lisboa, Gaspar José de Mattos Pimentel, Januario da Cunha Barbosa, Padre Silverio da Paraopeba, Ladisláo dos Santos Titara, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, Alvaro Teixeira de Macedo, Francisco Bernardino Ribeiro, Antonio Augusto de Queiroga e ainda menores, e todos de poetas. Nenhuma obra em prosa de qualquer genero literario apparece no Brazil antes dos annos de 40. A só manifestação do pensamento existente é em verso que se faz. A literatura — a expressão espiritual da vida nacional — resume-se na poesia. Ella é de facto a fórma e a lingua dos povos em nascimento, dos primitivos, o idioma especial em que, antes de chegarem á idade da razão e da cultura, os povos exprimem as suas sensações e as suas idéas, contam as suas ficções e a sua mesma historia, misturada de lendas. No Brazil, até á segunda metade do seculo XIX, a literatura propriamente dita, isto é, a obra escripta com uma intenção literaria e de arte, é quasi exclusivamente constituida pela poesia, si não o é totalmente.

A existencia daquelles poetas no começo do seculo e até o cabo de seu primeiro quártel mostra que, embora desfallecida e decadente, a

cultura das musas, segundo a linguagem dos tempo, cultura sempre viva na raça portugueza, se não perdêra de todo aqui, num tempo em que uma profunda decadencia literaria reduzia a literatura portugueza aos miseraveis genios da Nova Arcadia, ao prodigioso e ôco versejador Bocage, ao insupportavel José Agostinho de Macedo e ao copioso e duro metrificador Filinto Elysio — que são os typos eminentes da época. De facto só Bocage tinha talento — Filinto não tinha mesmo nenhum — nessa ultima geração poetica portugueza do seculo XVIII e começos do XIX, mestra e guia da nossa no mesmo periodo. Dos poetas nomeados, alguns, como Mendes Bordallo e Caldas Barbosa, apenas têm de braziteiro o accidente do nascimento, pois viveram e poetaram exclusivamente em Portugal. Barbosa tinha, além disso, o tocar viola e cantar modinhas, o que o tornou querido nos saráos da gente fina de Lisboa, e lhe mereceu a protecção decidida dos condes de Pombeiro.

As obras mais notaveis desses poetas, apparecidas neste periodo, são : *Obras poeticas*, de Manoel Joaquim Ribeiro, Lisboa, 1805 ; *Cantigas*, de Caldas Barbosa, Lisboa, 1806-1807, contrafacção na Bahia em 1813 ; *Paraphrase* dos proverbios de Salomão em verso portuguez, por José Eloy Ottoni, Bahia, 1815, tendo este poeta publicado em Lisboa, em 1801-1802, sob

o titulo de *Analia de Josino*, uma collecção de lyras e sonetos e no Rio de Janeiro, em 1811, outras poesias avulsas ; *Assumpção*, poema de Fr. Francisco de S. Carlos, Rio de Janeiro, 1819 ; *Obras poeticas* do Padre Souza Caldas, Pariz 1820-21 ; *Poemas offerecidos aos amantes do Brazil*, de José de Natividade Saldanha, Coimbra, 1822 : *Poesias* offerecidas ás senhoras brazileiras por um Bahiano, do Visconde da Pedra Branca, Pariz, 1825, ; *Nitherohy*, poema do Conego Januario da Cunha Barbosa, Londres, 1822 ; *Poesias avulsas de Americo Elysio,* de José Bonifacio, Bordeaux, 1825 ; os primeiros volumes das *Obras* de Santos Titara, de 1829 e annos seguintes. Uma rebusca mais minuciosa e completa poderia descobrir alguma cousa mais, algum livro provinciano, folhas avulsas, opusculos quasi ignorados com versos de comprimentos, odes allusivas, felicitações a poderosos, conforme a moda do tempo; cousa de mais valor duvido encontrasse.

A imprensa foi estabelecida no Brazil, no Rio de Janeiro, em 1808. Era official a primeira typographia aqui fundada, e por muito tempo a unica, a Impressão Régia chamada. As obras que della nos primeiros annos sairam, foram publicações officiaes, pastoraes episcopaes, livros de piedade e edificação, de propaganda politica dos interesses dynasticos, memorias economi-

cas, livros didacticos, em geral traduzidos, sermões, odes avulsas dirigidas aos principes, reimpressões de algum livro portuguez, traducções. Na longa lista das obras dali saidas se não encontra, além de composições poeticas de nenhum valor, de reimpressões (entre outras, em 1810, da *Marilia* de Dirceu) e traducções, nada que seja propriamente literatura. Esta vivia então exclusivamente da poesia. O theatro era portuguez, original ou traduzido, e de commum tambem em verso; a ficção em prosa não apparecêra ainda entre nós, a historia estava abandonada, a critica não existia, a philosophia era puramente oral, feita nas classes dos seminarios e conventos. A prosa não tinha outro emprego que as memorias economicas, agricolas, politicas — todas numerosas no tempo, e na polemica jornalistica, que ia começar com a agitação da independencia.

A poesia de até 1840, porém, apezar de occupar só o campo da literatura, ou talvez por isso mesmo, é desvaliosa e sem caracter. Si a banalidade pudesse distinguir, seria ella a sua caracteristica. É o classicismo dessorado, anemico, gasto por uma imitação que se não renova e ao contrario ha seculos se repete. Contemporaneos ainda do facto mais estrondoso do mundo moderno, e alguns tambem do movimento philosophico que o precedeu, não revelam,

entretanto, esses poetas que o mundo real existisse para elles. O seu pensamento é o atrazado e rotineiro pensamento portuguez, ainda mais apoucado em um estreito meio colonial, de um seculo atraz. Afóra, talvez, Souza Caldas, a quem a forte poesia biblica empresta ainda a sua força, e José Bonifacio, cuja larga cultura injecta sangue novo á depauperada musa lusitana, todos esses poetas são sem valor algum. Valem apenas por não terem deixado interromper de todo a tradição da nossa poesia.

Os primeiros tempos da independencia, e mesmo os primeiros annos que se seguiram, todos occupados pela agitação politica, não deixaram lugar para as preoccupações literarias. De 1822 a 1830, além do já citado, nada mais se publica no Brazil e de Brazileiro digno de menção e apreço.

A poesia, essa mesma, nos annos da independencia calou-se, talvez envergonhada dos hymnos patrioticos de Evaristo da Veiga e quejandos vates. É nos ultimos annos de 30 que se manifesta no Rio de Janeiro, centro unico da vida espiritual brazileira, e delle se irradia frouxamente pelo paiz, um movimento intellectual, que corresponderia na ordem do espirito ao que foram o 7 de setembro de 22 e o 7 de abril de 1831 na ordem politica. Si a ordem

interna não estava ainda firmada, já não havia duvidas sobre a estabilidade da independencia, da nova nacionalidade e das mesmas instituições, que desde 37 ganhavam força bastante para resistirem aos embates da guerra civil começada dous annos antes no Rio Grande do Sul, e das revoltas de 1842 em Minas e de 48 em Pernambuco. A joven nacionalidade assente, confiada em si, esperançosa, cheia do orgulho da sua aliás facil victoria, como que sentia no seu organismo novo a falta de um orgão e a necessidade de exprimir-se por elle. A creação, em 1838, do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, correspondeu, creio, a este sentimento e a esta aspiração. A despeito do seu titulo e do seu fim especial, essa associação, que no primeiro momento recolheu o que havia no paiz de mais distincto em letras e sciencias, e que com pouco se faria illustre, foi de facto um centro de irradiadiação literaria, sendo um ponto de convergencia e de contacto, sobretudo pela sua *Revista*, de todos os espiritos cultos e homens de letras do paiz.

Até certo ponto, exerceu o Instituto Historico a funcção de uma Academia, congregando os esforços esparsos, provocando estudos, estimulando vocações tibias ou desamparadas, facilitando a publicação de trabalhos, consagrando escriptores, creando, em summa, a preoccupa-

ção espiritual das cousas brazileiras. E o seu maximo serviço ás nossas letras foi dar-lhes a base historica e tradicional, sem a qual impossivel é exista uma literatura original ou ao menos nacional.

Comprehendendo largamente a historia e a geographia, o Instituto Historico animou de facto o estudo do Brazil sob todos os aspectos, não esquecendo o ethnographico, que teria uma tão grande influencia na literatura, de que alguns dos seus socios mais illustres seriam os creadores. Antes da *Revista* do Instituto, Gonçalves Magalhães, Salles Torres Homem e o Francez E. Monglave publicavam em Pariz, em 1836, uma revista brazileira de sciencias, letras e artes, e simultaneamente com aquella erão aqui publicadas a *Minerva Braziliense* (1843), *o Iris* (1847), *o Guanabara* (1849), e a primeira *Revista Brazileira* (1857), todas consagradas ás sciencias, letras e artes. Favorecendo, acompanhando, estimulando, dirigindo o movimento literario que se pronunciava, surgia a critica com Torres Homem, Gama Castro, Paula Menezes, Varnhagen, Pereira da Silva, Norberto de Souza, Santiago Nunes Ribeiro, José Soares de Azevedo e outros, que naquellas revistas escreviam sobre a literatura nacional sua contemporanea.

Magalhães, Domingos José Gonçalves de

Magalhães, futuro Visconde de Araguaya, é o chefe do movimento. Lendo-o hoje, mal comprehendemos a impressão que elle fez no seu tempo, e como a critica, quasi unanime, e não só a critica mas a nação, que podemos dizer que ainda então lia os seus autores, o consagrou como o grande poeta nacional, o creador da literatura brazileira.

Elle nos parece agora apenas um pseudo-classico, de talento não muito elevado, e que sómente houvesse despido o apparelho mythologico e outros accessorios da velha poetica, sem haver adoptado com intelligencia e convicção os da nova, Em 1832 publicou Magalhães um volume de *Poesias*, que não destoariam no parnaso coévo. Em Pariz, para onde foi com um cargo diplomatico, publicou em 36 os *Suspiros poeticos e Saudades*, que a falta de outros poetas melhores, a ajuda da critica amiga, e, sobretudo, as circumstancias, fizeram um acontecimento literario, o ponto de partida da nova literatura, uma data da nossa historia literaria. Não nos insurjamos desasisadamente por isso, nem accusemos os nossos pais de máu gosto ou de falta de senso critico. Em primeiro lugar, a poesia quasi não existia aqui : ficara-se em Titara, em versos patrioticos, capazes de fazerem de um homem de bom gosto um renegado, de odes laudatorias e que taes productos de

uma musa em completo esgotamento. Depois, a nova nacionalidade queria ter tambem a sua literatura, emancipar-se tambem intellectualmente. Havia nella, e jamais houve depois, um ardor de viver, um enthusiasmo juvenil e creador, de que os corypheus do romantismo aproveitaram sem talvez o merecerem. Leiam-se as criticas do tempo e estes mesmos poetas, Magalhães e Porto Alegre, e ver-se-á que não fantasiamos. Magalhães exclamava no final do seu poema — *Deus e o homem*, de 1834, supplicando a Deus:

> Nada por mim, por minha Patria tudo,
> Fados brilhantes ao Brazil concede.

e Porto Alegre brada, em um verso de ponta de lenço de patriota de 1830:

> O Italo, o Franco e o Britano
> Conquistaram o orbe inteiro!
> Mas a conquista dos ares
> Deu-a Deus a um Brazileiro!

A detestavel estrophe é de um poema das *Brazilianas*, consagrado a Bartholomeu de Gusmão.

Era este o diapasão da alma dos poetas e dos seus leitores.

Magalhães é um chefe quasi sem soldados, um mestre quasi sem alumnos, e elle, quasi

só, occupa o Parnaso nacional por alguns annos. O seu mais notavel discipulo é Porto Alegre, que começa a poetar em 1836 na revista *Nitherohy*, dirigida por Magalhães em Pariz, mas que só publica volume em 1845, no Rio. São as *Brasilianas* a mais enfadonha leitura que é possivel imaginar. Mas o que devia levantar ainda mais o nome de Magalhães e consagrar-lhe definitivamente a reputação, seriam as suas obras dramaticas, a que, parece, o genio de João Caetano emprestaria a força que lhe não sentimos á leitura. Dous annos antes de Garrett crear o theatro portuguez moderno, Magalhães o inaugura aqui, com o *Antonio José ou o poeta e a inquisição*, representado em 1838. Um anno depois dava elle a tragedia *Olgiato*, e mais tarde o *Othello*, traduzido de Ducis. A gloria do autor dramatico devia servir a do poeta — e foi o que succedeu.

Nem Magalhães, nem Porto Alegre foram verdadeiramente romanticos. São dous temperamentos classicos, de classicos de decadencia, perdidos no romantismo. Achando-se no fóco do romantismo na Europa, no momento do seu apogeu, elles, não duvido dizer, não o comprehenderam. Filinto Elysio, tambem, atravessou a Revolução franceza sem se aperceber della. Ha naturezas que, sem nenhuma originalidade, são entretanto refractarias aos contactos exte-

riores. Basilio da Gama é mais romantico que Magalhães ou Porto Alegre. Entretanto são estes os promotores do nosso romantismo, que Gonçalves Dias, dez annos mais tarde, devia de facto crear. Não neguemos, porém, a Magalhães e Porto Alegre a parte relevante que lhes cabe na nossa literatura, no momento em que com elles pincipalmente nascia ella para uma existencia mais conscientemente nacional. Qualquer que seja o valor esthetico da sua obra, ella só por si, pela sua variedade — poesia, historia, critica, theatro, philosophia — pelo seu mesmo volume, contribuiu poderosamente para a sua creação. E, sómente sob o aspecto da belleza, ha na *Confederação dos Tamoyos* e no *Colombo* trechos magnificos.

Gonçalves Dias publica successivamente em 1846, 1848 e 1851 seus *Primeiros*, *Segundos* e *Ultimos Cantos*, e então vê o Brazil o que era de facto um grande poeta, e tem uma sensação nova na poesia. O romantismo lá estava na predominancia do sentimento, na abundancia do subjectivismo, e, sob o aspecto social, no erro — *felix culpa*! — de tomar o indio pelo nosso antepassado e voltar-se para elle como os romanticos europeus se voltavam para a idade média. Gonçalves Dias creava o indianismo, não o indianismo puramente rhetorico de Basilio da Gama e Durão, mas o indianismo

intencionalmente amoroso do nosso selvagem. Pela primeira vez a nossa poesia traz um sopro em que se misturam na realidade o acre das essencias e o suave dos perfumes da nossa matta virgem, o halito dos nossos campos, o sentimentalismo dengoso e sensual da nossa paixão amorosa, da nossa dôr, em que se casam a saudade do Portuguez e a nostalgia do negro, alguma cousa emfim que era bem nativo, como que a nossa poesia popular, a nossa modinha, sublimada até á grande poesia e impregnando-a do seu sentimento e da sua melancolia. Pela primeira vez a idealização do selvagem despertava em nossas almas a nossa sensibilidade por esses miseraveis, a que a reacção romantica, exagerando, ia emprestar aspectos cavalheirescos e gloriosos. Era novo, não estava em Garção, nem em Diniz, nem nos Arcades, nem nos Mineiros, nem mesmo em Durão ou Basilio ou ainda em Magalhães e Porto Alegre.

A veia épica da poesia portugueza creada por Camões, dessangrada embora, não se extinguira ainda do Brazil em meio do seculo. Em 47 publicava Antonio Gonçalves Teixeira e Souza o primeiro volume (o segundo saíu em 55) do seu poema épico em doze cantos, *A Independencia do Brazil*; em 57 Magalhães e Gonçalves Dias publicavam quasi simultaneamente *A Confederação dos Tamoyos* e os *Tymbiras*. Joa-

quim Manoel de Macedo, no mesmo anno, dava *A Nebulosa*, poema ultra-romantico, em que ha trechos de real vigor e belleza. Entre os poetas do tempo convem ainda contar Odorico Mendes, Joaquim Norberto, e somenos.

Mas o decennio de 50 a 60 devia ver surgir da semente lançada á terra por Magalhães, e sobretudo por Gonçalves Dias, a serie dos poetas mais notaveis, mais espontaneos, mais sinceros, mais verdadeiramente poetas que, com este ultimo, jamais teve o Brazil : Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabello. Estes poetas vêm até aos annos de 60. Com elles entra na nossa poesia e na nossa literatura o romantismo sceptico ou desesperado de Byron, Musset, Espronceda, e o sentimentalismo, sem a religião, de Lamartine. Os que lhe succederam mais proximamente, Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, Fagundes Varella, não se distinguem notavelmente delles, principalmentes os dous ultimos. Castro Alves é dos ultimos annos de 60 e dos primeiros de 70. Aparta-se dos da geração precedente por maior arroubo do estro, imaginação mais viva, um grande enthusiasmo e, essencialmente, novas preoccupações sociaes.

Com Magalhães e Martins Penna, comediographo seu contemporaneo, tinha o theatro nascido no Brazil, podemos fixar a data, em

1838. Com esses dous autores, dos quaes foi Penna o creador, com a farça, da comedia nacional, devemos contar mais como escriptores dramaticos dignos de nota aqui : Joaquim Manoel de Macedo, Agrario de Menezes (morto em 63), e José de Alencar. E' muito maior o numero dos que só se podem chamar autores de theatro. O theatro teve em geral no Brazil, e particularmente no Rto de Janeiro, muito melhor situação que a que tem hoje.

E' Joaquim Macedo o creador do romance brazileiro, com o *Forasteiro*, de 1839. Acompanham-no Teixeira e Souza, Joaquim Norberto, que se encontra, laborioso sem genio, em todos os generos da nossa literatura, que deve aliás muito á sua obra de erudição literaria, Pereira da Silva e outros de ainda menor valor. Será, porém, José de Alencar o grande romancista do romantismo aqui, e que nos dará o quadro mais perfeito e mais completo da vida brazileira. As suas obras capitaes não são, entretanto, ao meu ver, nenhuma das suas descripções dessa vida, sinão duas idealizações da vida selvagem no seu contacto com a portugueza. *O Guarany* (*1857*) e a *Iracema* (*1865*). Um outro romancista que é preciso citar, é Bernardo Guimarães, cujo primeiro romance, *O Ermitão do Muquem*, é de 1858. Depois delles, no tempo, vêm Taunay (Sylvio Dinarte)

cuja *Innocencia* é uma das obras primas da nossa literatura, e Machado de Assis, ainda vivo, o patriarcha querido e admirado da nossa literatura, cuja obra, quer como poeta, quer como romancista, occupa nella um lugar á parte e distincto.

O romantismo fizera voltar os nossos poetas para a consideração e estudo de nós mesmos e do nosso meio. Elles o fizeram quer em verso, quer em prosa, com o partido determinado de brazileirismo. E, em summa, é na sua obra que se encontra a definição da vida brazileira.

Nem todos os aspectos dessa vida estão nella representados, a imitação estrangeira de um lado, e de outro o exclusivismo da vida literaria na « Côrte », frequentemente alheiaram os nossos romancistas de uma representação exacta e completa do mundo e da sociedade que se offereciam á sua observação. O naturalismo, que aqui data dos annos de 80, quando já elle entrava em declinio na França, d'onde o tomámos, não teve em a nossa literatura a importancia do romantismo, nem o seu vigor. Com elle se multiplicam, sinão os romancistas, os novellistas ou contistas, que foram e são numerosos. No naturalismo enxertou-se alguma cousa das novas tendencias, ou antes da fórma das novas tendencias estheticas, conhecidas em França com o nome geral e impreciso de sym-

bolismo, e das preoccupações psychologicas do romance francez contemporaneo, e a nossa ficção ganhou de algum modo em intelligencia.

O naturalismo na poesia precedeu no Brasil o naturalismo no romance, sob a fórma chamada em França parnasianismo. Salvo aos seus representantes mais eminentes, e esses são tres ou quatro, essa poesia foi aqui muito inferior á romantica, e toda de imitação, tendo-se talvez nella perdido as melhores qualidades do lyrismo brazileiro.

Não é este o lugar para maiores desenvolvimentos, nem para dizer de outros aspectos da literatura, a historia, a philosophia, a moral, a erudição, que aqui são propriamente deste seculo tambem com Varnhagen, o creador da nossa historia, com Caetano da Silva, com Candido Mendes, com João Lisboa, o mais philosopho dos nossos historiadores, o mais correcto dos nossos escriptores, com Sotero dos Reis, com Pereira da Silva, com Julio Ribeiro, e com outros, cujos nomes escapam á minha penna.

Deve-se dizer da nossa literatura que ella tem vivido muito de imitação; mas isso não é deprecial-a. Todas, as mais ricas, vivem de escambos de idéas e concepções. Somente nós não trocamos, apenas recebemos. Nem podemos pretender a uma literatura original, não tendo, nem podendo ter, um pensamento original, e

não sendo nós, sociologicamente, uma organisação ethnica original. E' a França, e, em segundo grau, Portugal que tem fornecido idéas, moldes, inspirações ao nosso pensamento literario. A literatura franceza, aliás a mais rica e formosa do seculo, é-nos mais familiar talvez que a portugueza. Todos os seus grandes autores do seculo, de Chateaubriand a Zola, de Victor Hugo a Verlaine, tiveram aqui notavel influencia. Não foi certamente menor a dos Portuguezes, Herculano, Garrett, Castilho, Castello Branco, Theophilo Braga e os coimbrões, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e derradeiramente dos « novos » dali, Eugenio de Castro, Antonio Nobre e Alberto de Oliveira.

Para dar ao nosso pensamento sinão mais originalidade, mais força; para pôl-o em estado de melhor julgar o pensamento europeu, e transfundil-o no nosso pensamento proprio, o que nos falta é cultura e os habitos de reflexão que ella impõe. Ha, porventura, muita seiva na nossa intelligencia literaria, prompta e facil; mas falta-lhe a cultura, feita irregular, mal e apressadamente, sem nenhuma correspondencia com a cultura literaria de outros paizes, mesmo da America. Ora, sem ella, não vejo que uma literatura possa prosperar e sair dos constantes inicios em que mais ou menos tem andado a nossa.

Não quiz falar dos vivos, receioso de esquecer, mau grado meu, nomes e obras; não significa esse silencio que não se faça neste acabar do seculo no paiz nenhum trabalho literario. A verdade é que, não obstante as condições sociaes serem antipathicas a toda a fórma de vida espiritual, ha quem ainda continue a viver principalmente dessa vida...

II

UM ROMANCE DA VIDA AMAZONICA

O Missionario, por H. Inglez de Souza, 2ª edição, Laemmert et C., Rio de Janeiro, 2 vols., in-16.

Este romance do Sr. Inglez de Souza não é talvez, sem embargo de se republicar agora em segunda edição, tão conhecido quanto merece. Appareceu ha nove annos, em Santos, num formato improprio e incommodo a este genero de literatura; foi certamente lido pelos, não mui numerosos, que lêm livros brazileiros; estimado pelos que o leram, louvado pela critica ou pelo noticiarismo; com tudo isto, porém, si não me engano, não penetrou propriamente no publico, se não divulgou, ficou injustamente meio desconhecido. Si não é inexacta esta minha impressão, a nova e boa edição que delle acaba de publicar a casa Laemmert, revista pelo au-

tor e precedida de um estudo do Sr. Araripe Junior, é quasi um livro novo. E, não hesito em affirmar, um dos melhores, ao meu parecer, da nossa ficção em prosa.

Tem este romance, infelizmente, um defeito, cuja gravidade não tentarei diminuir: a desproporção entre o assumpto e o desenvolvimento que lhe deu o autor. O drama parece-me pequeno para tamanho scenario, o painel demasiado vasto para a pintura. Deste senão inicial derivam as maculas secundarias que uma critica meticulosa poderia descobrir na sua composição: excesso e minucias de descripções e narrações, amplificação de episodios, prolixidade, sinão diffusão do texto. Estes defeitos, porém, fundem-se e quasi desapparecem na fluencia da narrativa, na analyse intelligente e, por vezes, subtil dos caracteres, na excellencia das descripções, no interesse que o escriptor teve o talento de dar ao seu romance. E a impressão geral que nos resta, que me ficou ao menos das duas vezes que o li, é o de uma obra quasi perfeita, em que a lingua, sem ser de uma pureza irreprehensivel, é correcta, exacta e elegante; o estylo claro, pittoresco e natural; a invenção imaginosa; as sensações sinceras; a emoção discreta e a composição geral, que combina e faz valer tudo isto, a disposição, a architectura do livro, em summa, boa. Boa mesmo,

como não é vulgar nos nossos romancistas.

Passa-se a acção do romance no Amazonas, ha mais de vinte annos. A uma villa do interior, Silves, chega um novo vigario, padre moço, ardente na fé, zeloso na pratica, cuidadoso na disciplina. Justamente precedêra-o naquella vigararia um padre, de nome ainda hoje famoso naquellas paragens, que foi ali um escandalo da religião, um açoite da moral e dos bons costumes. O novo parocho encontrára aquelle mesquinho rebanho destroçado pelo seu proprio pastor, a miseravel igreja abandonada e descuidada, descuradas as praticas e officios religiosos, apagada a crença, relaxados os costumes. Si a sua fé e zelo se revoltaram no intimo da sua alma de crente fervoroso, achou talvez que Deus o favorecia, deparando-lhe para primeira vigaria um lugar onde havia muito que fazer pela religião. Com inteiro devotamento e ardor, entrou elle a exercer o seu ministerio. Limpou a igreja, restaurou os exercicios de piedade, instituiu o ensino do cathecismo aos meninos, acudiu pressuroso a todos os que buscavam os officios da religião, foi um exemplo, um modelo raro de bom procedimento, de modestia, de compostura e de virtudes. « Um santo », dizia edificada, nos primeiros tempos, toda a villa, inclusive Xico Fidencio, o espirito forte do lugarejo, carioca intelligente e bohemio, que, de aventura em

aventura, fôra ter áquella aldeia, onde vivia miseravelmente de lições de latim, e de onde mandava a um jornal de Manáos correspondencias maledicas da mofina vida da pobre povoação e diatribes anti-clericaes. Esse mesmo tinha de reconhecer raivoso que o padre Antonio de Moraes era um santo, ou um refinado hypocrita, que conseguia illudil-o, a elle, o esperto e incredulo Xico Fidencio.

Parecia ao principio fructificar a obra do exemplar vigario. Enchia-se a igreja para os officios divinos, compunham-se os costumes, afervorava-se a fé, restabelecia-se a pratica dos actos religiosos. Mas de pouca dura foram estes effeitos do devotamento do padre Antonio de Moraes aos deveres do seu cargo e, mais, ao desempenho da missão religiosa que se déra. Mais do que Xico Fidencio, o professor publico Annibal Americano Selvagem Brazileiro, os mações, os rapazes libertinos, os janotas da villa, admiradores de Xico Fidencio, contraminavam-lhe a obra o temperamento indifferente, os habitos relaxados, a incapacidade de fervor da gente do lugar. A rigidez da vida do vigario, a austeridade dos seus costumes, a pureza da sua existencia, acabára por pesar-lhes como um reproche vivo, um obstaculo á vida facil e desmanchada que com o outro levavam. Os seus nervos de indifferentes e desmazelados não pu-

deram supportar por longo tempo a tensão em que os puzera elle. Achavam-no já excessivo, exigente, impertinente, e começaram a retirar-se delle e da igreja e dos seus officios. Nesta disposição estavam, quando chegou a época da colheita das castanhas, principal producto da exportação da villa. E, apezar das admoestações severas do padre, quasi toda a villa partiu para os castanhaes, sitios que a agglomeração de adventicios de toda a parte, costumes e indole torna outros tantos fócos de licença, de irreligião e immoralidade. Um grande e fundo desgosto se apoderou do padre. Viu perdida a sua obra, inutil o seu fervor e devoção, incomprehendido o seu zelo, menoscabadas as suas intenções. Sentia em torno de si a opposição, o ataque do Xico Fidencio e dos seus asseclas. Um grande desalento tomava-lhe a alma, pensando que a sua sciencia theologica, orgulho do Seminario Maior do Pará, a sua intelligencia, a sua instrucção e, mais que isso, o seu desejo ardente de servir ao seu ministerio, á sua fé, á religião, tudo inutilizavam os máus instinctos de uns e a indifferença de outros; tudo se viera miseravelmente perder naquella mesquinha aldeia, onde se lhe acabaria a vida inutil e obscuramente.

Este era o estado de sua alma quando uma circumstancia lhe descortinou uma tarefa mais

nobre, mais elevada, por incomparavelmente mais difficil que aquella que lhe tinha gorado, qual a de ir, como os padres antigos, os Anchietas, os Luiz Figueiras, os Vieiras, missionar os indios, os Mondurucús selvagens, que justamente acabavam de commetter depredações e mortes em populações christãs vizinhas. E isto assentado, apparelhada difficilmente a viagem, partiu, com o seu sacristão, o antigo sacristão de Silves, Macario de Miranda Valle, o Sancho Pansa deste novo D. Quixote, mas um Sancho Pansa bem local, bem original, uma boa creação do Sr. Inglez de Souza.

Não quero tirar ao leitor o gosto de ler no proprio romance as aventuras do vigario de Silves, transformado em missionario do Evangelho ao gentio Mondurucú.

O romance do Sr. Inglez de Souza é ao mesmo tempo um quadro vivo e exacto da vida amazonica — mas um quadro cuja realidade tenha sido, muito ao de leve embora, diminuida pela pintura de memoria — e uma representação de um aspecto moral dessa vida. Não direi que o padre Antonio de Moraes seja um symbolo dos parochos sertanejos da região; o seu caso, porém, é frequentissimo ali. E' constante em todos os observadores a nota de indifferença do caracter brazileiro. Em materia religiosa essa indifferença é, parece-me, desmarcada. Essa

indifferença geral, e especialmente religiosa, não creio seja em parte alguma do Brazil maior que na Amazonia. Aliás a predominancia acolá do elemento indigena, a grande facilidade da vida em uma gente profundamente accommodada a todas as circumstancias e condições della, explicam este saliente rasgo do seu caracter. O padre Antonio de Moraes pertencia bem ao seu meio e, talvez, á gente nelle dominante. Crearase na vida solta e dissoluta dos sitios e fazendas de Igarapémiry, que deixou nome indigno na tradição paraense. O Seminario contivera, disciplinára, compensára, com a sua regra, os seus exercicios, a sua disciplina, o seu temperamento melancolico por sua mãe, brutal e lascivo por seu pae, cuja casa era um serralho. Fez bons estudos, foi o primeiro em theologia, saíu physica e moralmente puro do Seminario, onde, á força de exercicios de piedade e devoção, ganhou uma exaltação mystica. Chegou á sua parochia cheio das mais altas resoluções de um verdadeiro apostolado religioso. Impoz ao principio pelo seu exemplo, realmente singular ali, cujo ultimo vigario deixou a fama ignobil de que se encontram éco em relatorios presidenciaes. Mas, pouco e pouco, a incapacidade de ardor daquella gente foi vencendo a reacção que o seu zelo produzira. Elle sente a sua obra perdida, inuteis os seus esforços, sem reper-

cussão os seus actos e palavras. Os seus inimigos, os Homais, os livres pensadores, os mações do lugarejo, duvidam da sua sinceridade, desafiam-no a uma grande obra de abnegação e sacrificio, como a cathechese dos selvagens, que precisamente assolavam uma região não muito distante. A sua vaidade, porque no intimo do seu ardor, da sua devoção, do seu espirito de proselytismo ha este sentimento, um desejo de gloria, de renome, de posições, de apparecer e subir, elle que fôra o mais laureado alumno do Seminario, excita o seu animo desalentado pela indifferença ingrata dos seus parochianos. Não, não se inutilizará naquella aldeia, onde sente acabará por desmoralizar-se, como o seu antecessor, o famoso padre José, como a maioria dos outros vigarios sertanejos. Irá cathechizar selvagens, prestando á religião e á civilização do Amazonas este grande serviço. Terá o martyrio talvez e, certamente, a gloria. Parte ardente de enthusiasmo mystico, soffre, não só resignado, mas satisfeito, contrariedades, inclemencias do tempo e daquelles sertões bravios, arrisca a vida, padece, confortado da sua fé e alentado pela sua ambição de apostolado, crueis incommodos e privações, até que, quando esperava receber o martyrio buscado, se acha confortavelmente installado, carinhosamenle agasalhado, num sitio do que outro padre,

vigario de Maués, fizera o retiro dos seus amores sacrilegos. Ahi dá-se o supremo combate da sua fé, da sua honestidade, do seu ardor apostolico, com o seu temperamento, com o seu caracter real, a sua verdadeira indole, que educação ecclesiastica subjugando e disciplinando não conseguira de todo vencer e anniquilar.

O romance moderno, com o naturalismo principalmente, inspirando-se numa physiologia materialista de curto descortino, que, esquecendo as reacções sociaes, evidentemente tão poderosas, deu á carne uma absoluta preponderancia sobre o espirito, usou e abusou do falso presupposto, contrariado pela experiencia, das irresistiveis necessidades genesicas. E sobre este postulado architectou crescidissimo numero dos seus romances. O do Sr. Inglez de Souza deriva da mesma concepção, sómente é um daquelles em que a verdade relativa della é menos sacrificada ao que de absoluto ha nessa noção biologica, e ao preconceito que della se gerou no espirito dos literatos. Pela verdade da sua ficção, pela sua completa verosimilhança, tem o autor de *Missionario* os exemplos copiosos do meio em que se collocou, e, como elle tem a intelligencia de expôr, a mesma feição moral do seu personagem, fortemente favorecido pelas determinações desse meio. O caso do padre

Antonio de Moraes é um daquelles em que mais nos parece aquella noção physiologica de perfeito accordo com a realidade, e é para louvar a arte com que o romancista graduou a evolução do apostolo para o libertino, de modo a não offender nenhuma dessas verdades superiores da natureza humana que são a base immutavel da arte. A transformação faz-se logicamente, naturalmente, e a metamorphose ultima do padre, que acaba por conciliar a sua fé, a pratica do seu ministerio, com a irregularidade sacrilega da sua vida, e vive em paz com a sua consciencia, dividindo a sua existencia em duas metades distinctas, appellando tranquillo e confiante para um arrependimento extremo, uma absolvição final, é um facto de experiencia e, neste romance, de uma grande verdade artistica. Os sonhos ambiciosos do falso missionario não o são menos, si bem me não pareçam tão conformes ao que chamarei a realidade local.

Recebi este livro com prazer. Ao seu merito proprio, não pequeno, junta elle para mim a evocação de paizagens, scenas, typos e cousas familiares, que a saudade poetisa e engrandece. Não julgo somenos no romance a exacta e minuciosa figuração das cousas descriptas e recontadas. Ella remata a verdade e a perfeição do quadro, dá á representação artistica o acabado das cousas existentes e completa para nós a

illusão do real. Uma ou outra ligeira falha que, a este respeito, um conhecedor da vida amazonica pudesse notar, não diminuiria em nada a exactidão geral da pintura, a realidade superior que della finalmente resulta. E essa é a unica, talvez, que se tem o direito de exigir do artista.

Filia-se estreitamente á corrente geral do naturalismo, e mais de perto do naturalismo zolista, divulgado em a nossa lingua pelo Sr. Eça de Queiroz, o romance do Sr. Inglez de Souza. Não creio que o naturalismo tenha produzido no Brazil obra superior a esta; mas nella mesma, estou em que o reconhecerá o proprio autor, deixou os vicios inherentes aos preconceitos das escolas. Na explicação, por exemplo, dos motivos do padre Antonio de Moraes ha talvez demasiada minucia, rebuscada analyse, sobeja interpretação. Recorre tambem o romancista a noções scientificas para robustecer a sua analyse psychologica da alma e dos moveis de acção do seu protogonista, o que se me afigura um erro. A arte certamente ha de utilizar, e utilizou sempre, os resultados geraes da sciencia, aquelles que, por assim dizer, perdendo quanto têm de technico e especial, se incorporam no que podemos chamar a atmosphera intellectual da humanidade. Mas como nem o chimico é capaz de sentir na atmosphera physica em

que vivemos os elementos que a compõem, assim na obra de arte não devemos sentir siquer traços do que não fôr puramente artistico. Não abusa, aliás, o Sr. Inglez de Souza; este peccado da escola é muito menos saliente no seu livro que, por exemplo, no *Homem* do Sr. Aluizio Avezedo ou na cerebrina *Carne* de Julio Ribeiro, sem falar dos mediocres copistas do naturalismo.

III

UM IRMÃO DE « BRAZ CUBAS »

Dom Casmurro, por MACHADO DE ASSIS,
H. Garnier, Rio de Janeiro, 1900.

Dom Casmurro é irmão gemeo, posto que com grandes differenças de feições, si não de indole, de *Braz Cubas*. Eu preferia, e commigo estarão porventura os devotos do escriptor, que a este raro e distincto livro, e a *Quincas Borba*, que o seguiu, differenciando-se por uma humanidade maior, uma realidade mais viva, succedesse uma obra que mostrasse um novo aspecto da imaginação e do pensamento do autor. Relativamente a *Bras Cubas*, *Quincas Borba*, derivado embora, da mesma inspiração, era novo; filho do mesmo sangue, tinha, entretanto, outra physionomia e outro caracter. Sem ser uma reproducção de *Braz Cubas*, *Dom*

Casmurro tem com elle mais que o ar de familia dos filhos do mesmo pai, semelhanças de irmão gemeo. São semelhanças, entretanto, que não deixam lugar á confusão. Parecem-se, mas não são o mesmo, nem se podem confundir. Si *Bras Cubas* e *Dom Casmurro*, contam ambos os dous a sua historia, cada um tem o seu estylo, a sua lingua, a sua maneira de contar. No que mais se assemelham é no fundo da sua philosophia e no modo de considerar as cousas. Mas ainda assim ha no homem do primeiro reinado e da regencia, que era Braz Cubas, e no homem do segundo imperio, que foi Dom Casmurro, sensiveis differenças de épocas, de civilização, de costumes.

Basta comparar-lhes a linguagem. Certo o estylo é o mesmo, pois é o estylo de um escriptor feito, e se não muda de estylo como de penna. Só o trocam os que de facto não o tem, e menos poderia reformal-o um escriptor completo, como o Sr. Mochado de Assis, e que o possue com uma individualidade como nenhum outro dos nossos. Mas si não é possivel mudar de estylo sem mudar de personalidade, não é impossivel varial-o, conforme as condições, os generos, os personagens, a indole, a natureza da acção ou da composição da obra literaria. E esta variação, feita com intelligencia, do *Braz Cubas*, para o *Dom Casmurro,* bastou para differen-

çal-os. Não faltaria quem inquinasse aquelle de uma linguagem, comquanto de raro sabor artistico e inexcedivel pureza e elegancia, quasi antiquada, com os seus boleios classicos, o uso, embora discreto, de expressões archaicas, a construcção intencionalmente invertida. Não viam esses que era um homem, para nós do tempo antigo, espirituoso e douto em letras, que nos recontava a sua historia com a lingua do seu tempo e da sua classe, accrescentada de preoccupações literarias. Quem fala en *Dom Casmurro* é outro homem, já do nosso tempo e das nossas idéas, que se formou em S. Paulo e não em Coimbra, e, comquanto pelo espirito, pelo temperamento, apezar da sua casmurrice ulterior, e pela concepção da vida, parecido com o outro, muito differente delle pelas fórmas e modos com que sentia e se exprimia. Porque na vida, como na arte, que a representa, define ou idealiza, são as fórmas e modos de sentir e exprimir o que sentimos, mais que o mesmo sentir, que produzem as variedades e differenças da existencia em todos os seus multiplos aspectos. E Dom Casmurro, sentindo talvez como Braz Cubas, exprime o seu sentimento de outra maneira, que basta para renoval-o e distinguil-o. Braz Cubas, em summa, não dispensa Dom Casmurro, antes de alguma sorte é completado por elle. Mas, e aqui venho ao fim do

meu reparo, si a critica tem o direito de formular um desejo, eu quizera que, mesmo sem inteirar a trilogia que alguns esperam de *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, o escriptor consummasse a evolução, que porventura neste ultimo se pronunciava, para um modo mais piedoso, si não mais humano, de conceber a vida, e nos désse, como com aquelles dous admiraveis livros, uma obra inteiramente nova. Sabe o Sr. Machado de Assis que taes pedidos se não fazem sinão aos opulentos.

A obra literaria, a obra d'arte, se define pela emoção que deve provocar ou despertar em nós. Essa emoção póde ser sentimental ou intelletual. Mesmo de uma emoção puramente sentimental não é possivel excluir, ou siquer abstrair, a intelligencia, que tem nella a sua funcção propria ; mas ha emoções que, sem necessidade dos conceitos da psychologia, cada um de nós sente que nellas predominam já a intelligencia, já o sentimento. E esta predominancia a distingue para nós. Theoricos da esthetica quizeram que o sentimento predominasse sempre nas emoções artisticas e literarias. A concepção é, talvez, estreita e acanhadamente comprehensiva, pois uma emoção intellectual, de ordem esthetica, tende necessariamente a transformar-se em emoção sentimental, e satis-

fazer assim aos fins que á arte assignam os seus theoristas.

Na obra do Sr. Machado de Assis, a emoção é por via de regra, não sei si não poderia dizer sempre, de ordem intellectual. Fallece-lhe, ou esconde-a ciosamente — e, talvez, seja esta a hypothese verdadeira—a emoção sentimental. Advirto que não quero fazer a psychologia do Sr. Machado de Assis; e os meus conceitos, certos ou falsos, do escriptor, derivo-os apenas do estudo da sua obra. E' notavel que vindo do romantismo, nada lhe haja ficado do sentimentalismo romantico, e que, ao contrario, toda a sentimentalidade, talvez com horror da pieguice em que ella descambou finalmente naquella escola, lhe repugne profundamente. Mas, quando em um escriptor como elle, de uma tão alta honestidade literaria, sentimos esta especie de repugnancia organica de um tão humano e legitimo sentimento, esta falta desnatural do amor, ao qual devem a arte e a literatura mais que as suas mais bellas obras, a sua mesma existencia, desperta-se-nos tambem a curiosidade de indagar da sua mesma obra até que ponto será qual se nos figura. Dessa obra resumbra uma philosophia amarga, sceptica, pessimista, uma concepção desencantada da vida, uma desillusão completa dos moveis humanos. E com isto, em vez das imprecações e raivas

dos pessimistas profissionaes, como os prophetas biblicos, ou seus imitadores hodiernos, a quem uma fé, uma esperança desesperada, uma forte convicção alça a colera ou exaspera a paixão, uma ironia fina, brincalhona, cortezã, de homem bom, mas seguro, como o Ecclesiaste, de que tudo é vão neste mundo e resolvido por isso a se não illudir com alguma apparencia. Neste ultimo rasgo, sente-se no escriptor, si não o esforço, o proposito, como que o timbre, de se não deixar tomar por nescio e ludibriar por cousas que elle assenta fallaciosas. Tudo é vaidade, vão é quanto ha sob o sol. Mas não será tambem vã a ironia, vão o scepticismo, vã a nossa tenção de escaparmos a todas as illusões? Como quer que seja, não escapamos ao encanto amargo desta philosophia desenganada. Si Cohelet buscou palavras deliciosas com que ensina magistralmente as maximas da sua verdade!

Não me é possivel resumir a auto-biographia de *Dom Casmurro*. Si elle não nasceu homem calado e mettido comsigo, a vida acabou por fazel-o tal. Sómente aquella philosophia desabusada, que estava nelle, não consentiu que com elle entrasse a maldade, permittindo-lhe apenas a malicia. Quem foi que disse que a bondade do sceptico é a mais solida?

Não sei si acerto, attribuindo malicia ao po-

bre Bento Santiago, antes que se fizesse *Dom Casmurro*. Não, elle era antes ingenuo, simples, candido, confiante, canhestro. O seu mestre — formoso e irresistivel mestre! — de desillusões e de enganos, o seu professor, não de melancolia, como outro que inventou o autor de um certo *Apologo*, mas de alegria e viveza, foi Capitú, a deliciosa Capitú. Foi ella, como diziam as nossas avós, quem o desasnou, e, encantadora Eva, quem ensinou a malicia a esse novo Adão. Sómente haveria nelle adequadas disposições para receber a agradavel doutrina. Tembem eu duvido que delle sejam as reflexões, as considerações, a luz a que vè as cousas do seu passado. Dom Casmurro traío e calumniou o Bentinho, o bom menino, o filho amante, o rapaz innocente e respeitoso, o estudante applicado, o joven piedoso, o namorado ingenuo, o amigo devotado e confiante, o marido amoroso e credulo. A moral, os commentarios de que acompanha os factos e gestos de Bentinho, são delle, mas depois que o espirito se lhe desabusou daquelles olhos de Capitú « que traziam não sei que fluido mysterioso e energico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca », daquelles « olhos de cigana obliqua e dissimulada », como lhes chamava, com demasiado estylo, José Dias, e tambem dos « olhos dulcissimos »

de Escobar, como lh'os achava o mesmo José Dias, e da sua polidez, das suas boas maneiras, que a todos captavam. Sim, é de Dom Casmurro e não de Bentinho ou siquer do Bento Santiago, a parte que não é propriamente narrativa da auto-biographia, as reflexões moraes, as explicações dos actos e sentimentos. A unica verdadeira e certa das qualidades que se attribuem á mocidade é a illusão com a emoção correspondente. Decididamente Dom Casmurro, de boa ou má fé, calumniou a Bentinho, isto é, a si proprio. Sómente, ditosa culpa, si o não houvesse feito, talvez a sua obra, promessa auspiciosa da *Historia dos Suburbios*, que tanta falta está fazendo á nossa historiographia, não tivesse este picante sabor de malicia, nem a novidade com que renovou um velho thema, difficuldade só dada a vencer aos grandes artistas.

Mas tambem, apezar das prevenções de José Dias, quem houvera com quinze annos e a innocencia de Bentinho, e mesmo sem isso, resistido á curiosa e solerte Capitú, acoroçoada pela ingenua e velhaca cumplicidade dos pais? Lêde-me aquelle delicioso capitulo do « penteado », ó vós que já tivestes quinze annos, e dizei-me quem houvera capaz de resistir á Capitú? Bentinho acabára, por um jogo de crianças intimas,

de pentear-lhe os cabellos, e exclama, a obra concluida:

« — Prompto!

« — Estará bom?

« — Veja no espelho.

« Em vez de ir ao espelho, que pensais que fez Capitú? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitú derreou a cabeça a tal ponto, que me foi preciso acudir com as mãos e amparal-a; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ella, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.

« — Levanta, Capitú!

« Não quiz, não levantou a cabeça, e ficámos assim a olhar um para o outro, até que ella abrochou os labios, eu desci os meus, e... ».

Que excellente, e penetrante, e fino estudo de mulher nos deu, como a brincar, recobrindo-o de riso e de ironia, o Sr. Machado de Assis, nesta sua Capitú! E ao demais, novo, original, bem nosso, como aliás são, sem embargo da sua real generalidade humana, as creações do Sr. Machado de Assis. Porque, e é seguramente um raro e alto merito, sendo o autor de *Dom Casmurro* o unico talvez dos

escriptores brazileiros que na ficção se eleva até o geral, o simplesmente humano, sem preoccupação de representações ethnographicas e locaes, nenhum, emtanto, é mais verdadeiro e exacto do que elle quando as faz. A extrema flexibilidade do seu talento permitte-lhe casar perfeitamente a verdade geral e superior da natureza humana, com a verdade particular do temperamento nacional. E esta é, si não me engano, uma das condições da grande arte, do realismo na sua fórma mais elevada e mais pura. A sua literatura não é, de intenção, descriptiva; no mundo só lhe interessa de facto o homem com os seus sentimentos, as suas paixões, os seus moveis de acção; na sua terra, o puro drama, humano, talvez elle preferisse dizer comedia, sem lhe dar da decoração, da paizagem, dos costumes, de que apenas se servirá para crear aos seus personagens e aos seus feitos o ambiente indispensavel, porque sendo entes vivos não podem viver sem elle.

Entretanto, raros terão, com toda a sua intenção de scenographia, de pintura de costumes, de representação da vida material nos seus aspectos familiares, dado da nossa vida quadros tão acabados, tão vivos. Ainda *Dom Casmurro* é um testemunho de que não erro ou exaggero.

E', talvez, que na obra do Sr. Machado de

Assis a representação dos aspectos materiaes da vida não provêm da descripção ou da enumeração das partes que os compõem, sinão, como nos pintores das novas escolas — e não me refiro ás chamadas decadentes — da impressão geral, e por assim dizer animada, e quasi espiritual das cousas. Neste sentido elle é, talvez, e muito a seu modo, um ruskiniano : a paizagem, que elle, aliás, não ama, e da qual, que me lembre, jámais se occupou — não será para elle um conjuncto de arvores, montes, aguas, pedras, com este ou aquelle aspecto particular, sinão a impressão moral e esthetica que ella produz no artista.

Si esta é, como creio, a caracteristica da sua representação literaria, tanto nos romances como nos contos, a da sua psychologia é identica a esta, mostrando assim que os seus processos literarios, como proprios e pessoaes que são, derivam do seu mesmo temperamento de escriptor e procedem de um fundo commum de idéas e sentimentos. Elle não faz a psychologia, nem á moda de Balzac, nem á moda de Bourget; sobretudo não a faz á moda deste e de seus imitadores, essa psychologia meticulosa, minuciosa, rebuscada, preciosa como a lingua das sabichonas, e, no fundo, falsa. Não a faz, como elles, procurando decompôr uma alma, como se decompõe um corpo em seus elementos

constituintes, ou analysar os seus sentimentos como se analysa uma substancia chimica, e explicar os seus moveis como um physiologista explicaria o jogo das funcções do nosso organismo. Sobretudo, elle não a faz com qualquer preoccupação estranha á pura literatura, ou com os retraços das pretensas psychologias scientificas apanhadas de atropello em leituras desordenadas e mal feitas. A sua, certa ou errada, vem evidentemente de uma observação longa, acurada e aguda. Não é no geral sympathica, o que póde bem ser lhe vicie a visão, mas sente-se que é sua. Não a expõe em capitulos didacticos, explica-a quanto baste para completar a representação que da sua dão os mesmos personagens nas suas falas, nos seus gestos, nas suas acções. E ao cabo os seus livros são galerias de gente viva, como este *Dom Casmurro*, com Capitú, José Dias, Escobar, e as figuras, secundarias, os pais de Capitú, D. Gloria, Justina, o tio Cosme. Capitú, a dissimulada, a perfida, é deliciosa de affectuosidade felina, de reflexão e de inconsciencia ou desplante, de animalidade intelligente e perspicacia feminil, de geito, feitiçaria e graça, e, com isto tudo, viva, real, exacta. *Dom Casmurro* a descreve, aliás, com amor e com odio, o que póde tornal-o suspeito. Elle procura cuidadosamente esconder estes sentimentos, sem

talvez conseguil-o de todo. Ao cabo das suas memorias sente-se-lhe uma emoção, que elle se empenha em refugar. E só. A sua conclusão, que não é talvez aquella que elle confessa, seria acaso que não ha escapar á malicia das mulheres e á má fé dos homens. Mas vejo que é, no fundo, a mesma que elle nos dá. Perco-me decididamente em explicações. Lêde a fabula, e tirai-lhe vós mesmos a moralidade.

IV

DAS CONDIÇÕES DA PRODUCÇÃO LITERARIA NO BRAZIL

I

Num livro recente, *Essais sur l'histoire de l'art*, o Sr. Emilio Michel, critico de arte dos mais reputados de França, volta a indagar, após tantos outros, as condições da producção artistica. Não se occupa o Sr. Michel sinão das artes propriamente ditas, das bellas artes, da musica, da pintura, da esculptura, da architectura. Alguma fugaz incursão na poesia, ou pelo campo da literatura, não tira que o seu estudo seja exclusivámente consagrado á producção no dominio daquellas artes. Como o titulo do seu livro mostra, procede o critico historicamente, á historia das artes vai buscar os ensi-

namentos que, parece-lhe, della se tiram. Este methodo é, não só o mais recommendavel, mas, desde que seja verificado pelo emprego de outros, o unico possivel. Só se conhece bem uma instituição qualquer pela sua historia, ensinou Augusto Comte, e este conceito não é menos justo applicado á literatura e á arte, do que applicado á constituição das sciencias e dos institutos sociaes. Sómente a historia nos poderá dar um conceito exacto da arte e das suas condições de producção como da literatura e das condições de producção que lhe são proprias, da sua natureza, das suas funcções, dos seus fins e até dos seus meios e das variações delles. As theorias e as praticas, mais ou menos extravagantes, que periodicamente surgem em literatura e em arte, acham explicação, sinão excusa, na ignorancia, ou irracional menosprezo, da historia da arte, ou da literatura. Desde que os conceitos subjectivos com que as pretendam justificar se não apoiarem nella, ou estiverem em desacccôrdo com as suas lições, podemos, com segurança, tel-os por falsos.

As idéas do S. Emilio Michel sobre a producção da obra de arte fundam-se, não só na historia dessa producção, mas no estudo comparativo dos seus productos. Um methodo só e exclusivo em critica é, com effeito, por via de regra, perigoso e fallaz, e o unico meio de esca-

par aos defeitos que lhe são proprios será verificar os seus resultados por outros processos, sujeital-o a outras provas, examinar e estudar os factos a outra luz. Até bem pouco tempo o estudo directo das obras de arte não era facil, e ficava sempre incompleto, pela defficiencia dos decumentos necessarios, ou pela difficuldade de os haver. A esthetica não possuia um numero bastante de factos em que apoiar as suas generalizações, ás vezes gratuitas ou precipitadas. Vagas indicações, exames incompletos e imperfeitos de um numero restricto de obras de arte, theorias preconcebidas, sem a verificação pela confrontação dos documentos, bastavam á creação de theorias estheticas. As facilidades de communicações e de estudos, a abertura de numerosos museus em todos os paizes de alta civilização, a sua accessibilidade, os progressos da sua catalogação executada com uma erudição exacta e minuciosa, as descobertas biographicas feitas nos archivos, os processos de vulgarização das obras de arte, a photographia, a gravura, as copias, as moldagens, espalhando-as largamente por toda a parte, a multiplicação das exposições publicas ou privadas, enfim uma larga publicidade feita á obra de arte de todos os tempos, deu a todos a possibilidade de conhecer, de estudar, de comparar a producção artistica na sua totalidade e, ao mesmo

tempo, de verificar as theorias que nella se apoiavam ou a explicavam. A mesma musica teve, na vulgarização dos theatros e dos concertos, esta divulgação e publicidade benefica á formação e educação do gosto publico. De tudo isto devia necessariamente proceder uma esthetica mais precisa, theorias mais seguras e, sobretudo, um mais certo conhecimento das condições da producção artistica, segundo os tempos e os lugares, e conforme o temperamento do artista e as influencias que sobre elle actuaram.

Um dos maiores theoristas da arte do nosso tempo, sinão tambem de todos os tempos, Taine, attribuiu ao « meio », nas producções do espirito humano, a parte principal. Para elle essas producções, como as da natureza viva, só pelo seu meio se explicam. Sem insurgir-se completamente contra o conceito de Taine, nem em absoluto negal-o, acha-o, entretanto, o Sr. Michel exagerado. O seu estudo tem justamente por fim indagar si, no puro dominio das artes, a producção tem realmente o caracter fatal e de algum modo necessario que lhe attribuiram Taine e seus díscipulos, ou si, pelo contrario, as obras mais eminentes creadas pela arte não são ao mesmo tempo aquellas em que a liberdade humana, por mais límitada que a supponhamos, apparece-nos com maior elo-

quencia e brilho. E' claro que na indagação do Sr. Michel está a sua resposta e que elle concluirá contra Taine. Não sei, porém, si o philosopho não acharia vã esta disputa e lhe não responderia que o seu criterio não exclue por fórma alguma a personalidade do artista. Tambem em a natureza viva, absolutamente nas mesmas condições de meio, junto um do outro, crescem carvalhos differentes de fórma, uns mais alterosos e robustos que outros.

Si os criticos de arte que são mais philosophos que artistas, e é o caso de Taine, mais theoricos que technicos, podem extraviar-se nos seus conceitos estheticos, a verdade é que, em geral, o seu descortino é maior, a sua apreciação mais cabal, a sua concepção mais larga, o seu juizo mais agudo, a sua intelligencia mais comprehensiva que a dos criticos especialistas. O Sr. Michel é evidentemente um sabedor em cousas de arte, a technica da obra de arte como as condições materiaes da sua producção são-lhe por igual sobejamente conhecidas; a historia da arte não terá para elle segredos, mas todos estes predicados não logram supprir a deficiencia philosophica das suas theorias e de muitos dos seus modos de ver. Assim, elle oppõe á theoria de Taine o exemplo de Miguel Angelo, « que alheio ás paixões que agitam seus contemporaneos, remonta o curso

do tempo para ir pedir ao Dante o austero ideal ao qual quer ficar fiel ». Mas quando, depois de nos recordar que « as figuras grandiosas que, nas abobadas da capella Sixtina ou ao redor dos tumulos dos Medicis, ostentam as suas attitudes altivas, esses gigantes desdenhosos da luta e cujas forças ficam sem emprego, essas tristezas que se não querem consoladas, esses desesperos que reservam as suas forças, todas essas creações mysteriosas e potentes, parecem protestos reiterados de uma alma tomada do desgosto das baixezas deste mundo e que, procurando em vão evital-as, fica ainda demasiado commovida para lh'as não soffrer e demasiado altiva para se lhes não associar »; quando nos lembra « que como se lhe não bastasse a muda eloquencia das duas artes em que é mestre, Miguel Angelo procura ainda exprimir o menosprezo do seu tempo, nos versos celebres, pungentemente amargos, em que inveja a fria insensibilidade do marmore por não ver mais os vicios que o affrontam e lhes escapar a vergonha,

Grato m'è il sonno, e piû l'esser di sasso
Mentre che il danno e la vergogna dura »

somos naturalmente levados a reflectir que por tudo isso elle é do seu tempo, que o seu

desgosto delle, a sua revolta contra elle mostram ainda o seu interesse por elle. E' o proprio critico que nos diz que o artista, por mais que procure alheiar-se das baixezas da sua sociedade, permanece commovido demais para as não soffrer e por demais altivo para se lhes associar. Prevendo a objecção, o escriptor pergunta, em nota, si se pretenderá que os artistas reflectem tambem o meio em que vivem pelo contraste que com elle offerecem suas obras. Porque não? Não tira alento e força o seu protesto da mesma cammunhão do artista com o meio e do modo especial por que este reage sobre elle? E mais, seria possivel conceber Miguel Angelo no seu tempo, em outro lugar que a Italia e na mesma Italia que a côrte dos Medicis?

Taine certamente exagerou a influencia do meio na producção artistica; tem razão o Sr. Michel quando mostra a parte grande da liberdade humana nessa producção, contra « a pressão do espirito publico que comprime ou desvia os artistas, impondo-lhes uma direcção determinada », segundo queria Taine. Todas as condições da producção da obra de arte, o meio, a hereditariedade, a educação, soffrem, aliás, excepções, sem que que por isso possamos razoavelmente negar essas condições. O Sr. Emilio Michel admitte entre as causas da voca-

ção artistica, como a mais importante, o nascimento, o exemplo e o ensino do meio familiar, e cita como demonstração : Raphael, os Bellinis, os Lippis, Ticiano, Paulo Veroneso, os Van Eycks, os Cranachs, Holbein, Van Dyck, os Teniers, os Ostades, Páulo Potter, os Cuyps, os Wauwermans, os Lenains, Jauvenet, Watteau, Bach, Mozart, Beethoven, Weber, as dynastias artisticas dos Luccas della Robbia, dos Coypels, dos van de Veldes, dos Brughels, dos Van Loos. Contra esta regra, entretanto, poude tambem citar : Giotto, Miguel Angelo, Leonardo, Corregio, André del Sarto, Rubens, Rembrandt, Poussin, Claudio Loreno, Donatello, Hændel, Haydn, Schubert e outros, que não acharam nos seus antepassados ou no seu meio familiar nenhuma incitação para se tornarem artistas.. Poder-se-ia, porém, admittir, para a producção da obra de arte, que *spiritus flat ubi vult?* Penso que não, quaesquer que sejam as condições dessa producção, nós, sem talvez saber ainda definil-as com toda a precisão, percebemos que ellas existem e mesmo que algumas dellas são, dada sempre a relatividade das cousas, necessarias. Não se imagina um artista verdadeiramente eminente, um creador, um igual dos maiores pintores, esculptores, musicos, poetas ou architectos da Europa culta nascendo na America e aqui se creando e de-

senvolvendo. Nenhum tem ella de facto, e os que de mais perto se aproximam daquelles — e lhes ficam todos ainda muito distantes — só têm de americano o nascimento : a sua inspiração, o seu talento, a sua technica, a sua sciencia artistica, o seu estylo, a sua maneira são o resultado do estudo, da imitação, do exercicio, da cultura da arte européa.

As causas que, segundo o Sr. Michel, podem influenciar na producção das artes, são as condições geographicas, o regimen religioso, politico ou social, a herança psychologica, o nascimento, o meio familiar, a educação, a leitura, a sociedade, as viagens, a excitação provocada pelas outras artes. O autor analysa cada uma destas causas á luz, não só dos factos historicos e biographicos, mas tambem segundo o exame minucioso das mesmas obras de arte que o permittem, esboços, varios estados da obra, processos de trabalho do artista, influencias por elle confessadas na sua obra evidentes, fontes de sua inspiração, desenvolvimento dos seus themas, primitivos ou iniciaes, sua technica. Não posso infelizmente, siquer resumir o interesante estudo que de cada uma daquellas condições faz o Sr. Emilio Michel. Ha nelle muito que aprender para um artista, para um critico, mesmo para um escriptor e até para o simples leitor curioso e intelligente. Reconhecendo e verifi-

cando influencias exteriores na producção artistica, o Sr. Michel não é, entretanto, systematico, e, não obstante alguma superficialidade da sua philosophia da arte, leva algumas vezes vantagem contra Taine e nos convence realmente de que é grande a parte pessoal do artista — ao menos do artista verdadeiramente superior — na producção da obra de arte. Não é de duvidar que os mais eminentes delles tenham antes reagido contra certas influencias do meio que as soffrido servilmente, sómente me parece que já nessa reacção haveria alguma cousa do mesmo meio, pois que incontestavelmente o homem é um producto do antepassado e do meio. A cultura, é certo, póde modificar, e muito, esse producto, mas não é ainda capaz de destruir nelle os elementos com que a herança e o meio geographico, social e moral, o affeiçoáram. Alargada assim, e nem a posso comprehender sinão assim, a hypothese de Taine parece-me ainda exacta, e preciosa para entendermos a genesis e a evolução artistica.

Seria talvez interessante applicar os conceitos do Sr. Michel á producção da obra literaria, e especialmente da obra literaria brazileira.

II

Fôra talvez um erro, ou um abuso de generalização, suppor que as condições da producção literaria sejam absolutamente as mesmas que as da producção artistica, no puro dominio das bellas-artes. Como ha fundas differenças de natureza entre taes artes e a literatura, não obstante os seus pontos de contacto, ha tambem differenças notaveis nas suas condições de producção. Basta recordar, para proval-o, que si todos os povos em certo gráu de cultura têm uma literatura mais ou menos notavel pela quantidade ou pela qualidade da producção, raros são os que nas bellas-artes se achem em iguaes condições. Tomemos para exemplo a America — pela cultura, pela civilização, pela raça dominadora, pelas instituições juridicas e sociaes, prolongamento, ramo das nações da Europa occidental. Todos os povos americanos, quer os anglo-saxões, quer os latinos, ou melhor ibero-americanos, têm uma literatura digna já de consideração como expressão do seu viver e do seu sentir, quaesquer que sejam as suas falhas e os defeitos do seu pensamento,

da sua esthesia, da sua fórma, da sua technica. Todos ou quasi todos têm poetas, romancistas, escriptores de theatro, e outros artistas literarios relativamente notaveis. Nenhum tem musicos, esculptores, pintores, com caracteristicos differenciaes sufficientes para dar á arte nacional, como aquelles já dão á literatura nacional, feições, embora ainda apagadas, que a distingam da arte estranha, e poucos possuem estes artistas, mesmo nesta condição secundaria. É que a expressão artistica é mais difficil, mais complexa e mais exigente de condições especiaes de producção que a expressão literaria, e que requer, muito mais que esta, condições particulares de tradição e de meio, moraes e materiaes, para realizar-se. O proprio apparelho technico indispensavel á producção da obra de arte, seja em musica, seja em pintura, seja em esculptura, seja em architectura, é muito mais consideravel e custoso que o preciso para a producção da obra literaria. Um conjunto de condições sociaes, menos de rigor na producção desta, é quasi obrigatorio na daquella; a existencia de uma « cidade » e nella de uma sociedade bastante culta e opulenta e amiga do grande luxo, que empreguem o artista e lhe remunerem o trabalho, é a primeira e indispensavel. Nas sociedades novas, de cultura ainda rudimentar, que por mil razões não têm,

nem podem ter, o gosto sincero e apurado das artes, pobres, mais preoccupadas com os problemas materiaes da sua existencia que com questões de sentimento e arte, de vida insegura ou desassocegada, sem uma aristocracia, de raça ou não, mas culta e refinada, como são, com pequenas differenças, as americanas, começa por faltar esta condição necessaria.

Nem aqui encontra a vocação artistica siquer as escolas, os mestres, os museus, as collecções com quem ou onde aprenda, se exercite, pratique, se instrua, se eduque, se inspire. Menos ainda acha o exemplo, a emulação, o estimulo fecundo.

A arte literaria tem sobre as bellas-artes a vantagem de dispensar condições matèriaes de producção indispensaveis áquellas — e de ser mais nativa, mais espontanea, e tambem mais facil de realizar, que ellas.

Que ella, até certo ponto, e em certo grau, dependa tambem das condições do meio, que na sua producção influam causas geographicas, historicas e moraes, como a tradição, a cultura, o nascimento, a educação, as viagens, a influencia das bellas-artes, a reacção da sciencia e da mesma literatura, as questões sociaes ou moraes, é incontestavel. Como actuam e em que proporções actuam essas diversas causas, não é facil dizer nem indicar. A analyse mais

subtil não conseguiu ainda abranger e explicar todas as hypotheses e todas os casos que podem ser apreciados. Fica sempre uma larga margem ás excepções.

Tomemos para exemplo o caso do meio geographico. Todos lhe admittem a influencia ; mas até que ponto é possivel determinar-lhe as condições, ninguem póde dizer com certeza. Ao clima da Grecia, aos seus aspectos geographicos, attribue-se a magnifica florescencia do seu espirito, mas porque a Grecia, desde que perdeu, na mão dos Romanos, até hoje, mais que a sua independencia, a sua existencia moral, nunca mais produziu nada digno de nota em arte ou em literatura, quando o seu meio physico não mudou ? Os povos meridionaes da Europa affirmam e nós repetimos como um lugar commum, e assim o escreveu não ha muito um patricio nosso, expondo a literatura brazileira em Lisboa, que o céu, a paizagem, a natureza dos nossos paizes cheios de sol e de luz, alegres, vivos, ruidosos, suscitam poetas. E a Inglaterra, e a França do Norte, e os povos scandinavos, e a Allemanha, e a Nova Inglaterra, nos Estados-Unidos, não os terão por acaso, em tão grande numero e tão grandes como os meridionaes ? Shakespeare, Milton, Cowper, Burns, Wordsworth, Coleridge, Byron, Shelley, Dante Rosseti, Tennysson, Klopstock,

Wieland, Gœthe, Schiller, Heine, Ronsard, Malherbe, Corneille, Racine, Chateaubriand, Bouillet, Longfellow, Bryant, Lowel, Ibsen e Bjoersen, e os modernos poetas, em prosa ou verso, da Dinamarca ou da Suecia e Noruega, e os grandes creadores da frigida Russia, todos do Norte, serão acaso inferiores aos que do Sul se pudessem citar ? Ao contrario, o que os criticos são unanimes em reconhecer é que a poesia de Norte, com menos ardencia, sobretudo com menos eloquencia e menos brilho que a do Sul, é mais profunda, de uma emoção mais forte e mais intensa, de um sentimento mais intimo, mais sincero que aquella. As condições geographicas têm na producção da obra de arte apenas uma importancia secundaria, e o Sr. Emilio Michel, que o nota, mostra que, entretanto, podem oppor a certas manifestações estheticas uma impossibilidade absoluta. A Hollanda, por exemplo, não teve uma architectura peculiar, por falta dos materiaes de construcção necessarios, no seu solo. Mas, pergunta elle, porque a mesma Hollanda, que teve uma tão illustre escola de pintura, não gerou nenhum compositor, nenhuma obra musical notavel, tendo aliás seus costumes, sua religião, seus usos, tantas affinidades com os da Allemanha, sua vizinha, e porque esta, tão grande na musica, não teve uma

grande escola de pintura, e porque, como observa Gœthe, a sua pintura devia, depois de Holbein e Dürer, morrer em flôr ? Estes exemplos mostram, como tantos outros identicos que poderiam ser multiplicados, que a condição geographica por si só é secundaria. Salvo nas regiões estereis, de vida por demais difficultosa, e climas extremos de frio ou de calor, a producção artistica é possivel em toda a parte, onde não faltem tambem inteiramente outras das suas condições. O mesmo é certo da literatura, com a vantagem, já dita para esta, que a producção da obra literaria é menos exigente de condições materiaes e sociaes que a da obra de arte.

Qualquer que seja o valor da nossa poesia, não póde deixar de sorprender a quem a estuda, a florescencia da poesia no Brazil, desde o seculo XVII. Como numa região, que quasi se não póde ainda chamar um paiz, inculta, mal saída da selvageria, escassamente habitada por uma gente silvestre e boçal, não muito numerosos negros não menos broncos, e a gente infima, tambem em numero pouco avultado da raça colonizadora, inteiramente votada ás cousas materiaes da vida, á veniaga e á chatinagem, e antes preoccupada com assenhorear a terra, dominar-lhe o gentio, refugar o estrangeiro e assentar o seu dominio e morada, que

de qualquer assumpto espiritual (pois da cathechese só cuidavam devéras os jesuitas), como é que em tal terra e em taes condições nasceu e vingou uma poesia relativamente rica e brilhante? Que a natureza brazileira não teve nisso sinão uma parte insignificante, si alguma teve, é evidente. A primeira poesia brazileira é apenas uma reproducção da portugueza, e o será ainda por dous seculos. Si um poeta, como Botelho de Oliveira, nos fins do seculo XVII, mostra enthusiasmo pela terra do seu nascimento, e, como diz Costa e Silva, apresenta alguns rasgos de colorido local, si elle proprio, na dedicatoria do seu livro, observa que « mal se podia esperar que as musas se fizessem brazileiras nesta America, inculta habitação antigamente de barbaros indios » e onde, « como a doçura do assucar é tão sympathica com a suavidade do seu canto » se acharam tantos engenhos poeticos, si esse poeta lhe canta já as bellezas, os aspectos e os productos, a sua poesia é ainda pela inspiração, pela fórma, pelo sentimento poetico, por todos os seus caracteres intrinsecos e extrinsecos, portugueza, conforme será a de Gregorio de Mattos, seu contemporaneo. Quem poderá descobrir em Bento Teixeira vislumbre siquer da influencia da natureza brazileira? E só isto bastaria acaso para afastar a idéa de ser possivel que elle fosse o autor, tão

impressionado pela nossa terra, dos *Dialogos das grandezas do Brazil.*

A causa desta nossa florescencia poetica não foi a terra, nem essa belleza exagerada que lhe emprestou o nosso nativismo, de que muitos poetas nossos foram os cantores conscientes e enthusiastas, e que se systematizaria, é quasi um dever de patriotismo reconhecer, em Rocha Pitta. Foi a herança portugueza, a tradição literaria e poetica de um povo cuja poesia, no seculo da conquista, era das mais illustres da Europa. Nem se póde dizer que a cultura jesuitica a favorecesse proposital e directamente. Essa cultura, sobre ser toda classica, votada toda, nos seus gráus mais elevados, á ornamentação da memoria, com os autores latinos e sagrados, foi sempre antipathica á cultura nacional portugueza, podemos dizer, á literatura portugueza tradicional.

Não se encontra nos documentos que de si e do seu ensino no Brazil deixaram os jesuitas, cartas, annuas, informações, chronicas, historias, nenhuma referencia ou allusão a este aspecto da nossa balbuciante vida nacional, e é singular que no maior delles, o padre Antonio Vieira, se não ache, em toda a sua obra copiosa, signal de commercio com a literatura da sua patria, uma citação, ou siquer uma referencia. Afóra talvez uma a João de Barros, que me

não é possivel verificar agora, só uma vez se me deparou nelle uma allusão a Camões, quando no sermão pelo bom successo das armas portuguezas, pregado na Bahia, em 1640, pergunta: « Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? » E tanto mais de admirar é esta falha em Vieira, quanto é elle nimiamente citador, não só da Biblia e dos autores sagrados, mas dos poetas e escriptores profanos, antigos e modernos.

Foi, pois, a herança de um povo de grande tradição literaria, de um povo que madrugou para as letras mais cedo que outros que ao depois o deviam sobrelevar nellas, que lançou os germens de uma literatura aqui. Essa literatura é já de si, e com a só excepção de um Gregorio de Mattos, insignificativa, incaracteristica, sem personalidade, palaciana, longe de inquietar os governantes, os poderosos, se fazia ministra da sua grandeza, glorificadora dos seus feitos, aduladora do seu poder. Seguindo tambem uma tradição da metropole, lhe davam aquelles a sua protecção, ás vezes, e com as nossas idéas de hoje, humilhante, paga com sonetos, acrosticos, discursos academicos, dithyrambos, elogios poeticos, dedicatorias, epithalamios, poemas, odes, e outras varias fórmas da Musa ao serviço da Lisonja. A primeira manifestação do engenho brazileiro no dominio

espiritual, a insipida *Prosopopéa* de Bento Teixeira, é um producto dessa alliança e daquelles sentimentos.

O nosso meio geographico não foi obstaculo ao desenvolvimento dos germens aqui postos pela herança portugueza. A' costa brazileira, onde elles foram lançados, abrolharam e se desenvolveram, comquanto quente, não cabe a qualificação de um clima de extremo calor, que é ali moderado pelos ventos maritimos, pela humidade das florestas e dos numerosos, e alguns consideraveis rios, que as cortam. Gente do Sul da Europa, como a portugueza, ali se acclimaria, como se acclimou, facilmente, e prolificando com o gentio e com o negro daria o mestiço, fundo da nossa nacionalidade, donde justamente sairiam os representantes mais eminentes da nossa intelligencia nacional, nas artes, nas letras, na politica. Si é certo que, em regra geral, os climas médios são os mais convenientes á producção artistica e literaria, no Brazil, entretanto, esta regra soffre uma excepção, ao menos na producção literaria. Aqui a producção artistica na musica, na pintura, na esculptura, na architectura é mais notavel no Sul que no Norte ; o padre José Mauricio, Carlos Gomes, o pai, o irmão e o sobrinho, os mestres da chamada Escola Fluminense de pintura, os nossos mais distinctos pintores, esculp-

tores e architectos vivos, Almeida Junior, talvez o mais talentoso dos nossos pintores, são do Brazil meridional. A literatura brazileira, ao contrario, é principalmente nortista. Foi no Norte que ella começou, com Bento Teixeira, Euzebio e Gregorio de Mattos, Botelho de Oliveira, desde o principio do seculo XVII, e ao Norte restringiu-se até meiados do seculo XVIII. Dali são, da Bahia e de Pernambuco principalmente, todos os poetas, aliás na maxima parte sem nenhum valor, e os prosadores, como Frei Vicente do Salvador, padre Antonio de Sá, padre Nuno Marques Pereira, Rocha Pitta, desse primeiro periodo da nossa historia literaria. Não é que houvesse no Norte uma virtude favoravèl á producção literaria. Mas aquella foi a parte do Brazil primeiro colonizada e civilizada, onde primeiro, com a fundação do Governo Geral da Bahia, houve uma sociedade, condição indispensavel á producção literaria, relativa cultura, facilidade de vida e tranquillidade. Quando o Rio de Janeiro passou a ser a capital do paiz e residencia do Vice-Rei, em 1763, a vida literaria se deslocou da Bahia para cá, e a poesia, que parecia um privilegio do Norte, deu a florescencia unica dos poetas mineiros, incluindo nestes Basilio da Gama, Santa Rita Durão e Silva Alvarenga.

A literatura e a arte são, no bom e no mau

sentido, cortezãs. Precisam de uma sociedade polida que as aprecie, estime e acolha, e, emquanto o publico não começou a pagar os seus labores, precisaram tambem de quem as protegesse e patrocinasse. Esses erão os reis, os principes, os magnates ; e aqui no Brazil, os vice-reis, os governadores, os fidalgos portuguezes com alguma alta funcção , os bispos. A' imitação de Portugal, elles lhe não faltaram com a sua protecção, amparando os poetas e promovendo a creação de academias, que presidiam. Dahi o caracter aulico da nossa literatura em todo o periodo colonial, e ainda depois quando, com a revivescencia literaria do romantismo, o Imperador se fez decidido protector das letras nacionaes. Felizmente não havia nelle o gosto da cortezanice e do aulicismo, e pouco zeloso da sua magestade, não soube ou não quiz fazer uma côrte de poetas e literatos, acaso com despeito de alguns delles.

Desde o estabelecimento do vice-reinado do Brazil, no Rio de Janeiro, até á maioridade, é no Sul, isto é, no Rio de Janeiro e Minas Geraes, que é principalmente vivida a vida literaria brazileira. Entretanto, dá ainda a Bahia Jaboatão, Itaparica , bom chronista aquelle, ruim poeta este. Porém depois, passa de novo ao Norte a producção literaria : Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Lisboa, Flavio

Reimar, Joaquim Serra, Henriques Leal, José de Alencar, Pedra Branca, Franco de Sá, Junqueira Freire, Maciel Monteiro, Castro Alves, TobiasBarreto, Alexandre Rodrigues Ferreira, Victoriano Palhares, Visconde de Cayrú, Bruno Seabra, Agrario de Menezes, Alves Serrão, Odorico Mendes, Abreu e Lima, Theophilo Dias, Arruda Camara, Celso de Magalhães, Candido Mendes, para só citar os mortos e os mais notaveis, são do Norte. É do Norte tambem a maioria dos homens politicos, estadistas, jurisconsultos, parlamentares de mais nomeada no segundo reinado : Monte Alegre, Montezuma, Abrantes, Caravellas, Olinda, Paranhos, Visconde de Albuquerque, Rebouças, Teixeira de Freitas, Nabuco, Souza Franco , Gonçalves Martins, Zacarias, Cotegipe, Tavares Bastos, Saraiva, Costa Ferreira, Dantas. E não ha negar que, com excepção do Rio de Janeiro, que exerce a funcção de mediador entre o Norte e o Sul e de apagar as differenças regionaes, é no Norte que a nossa vida literaria é mais viva e tambem mais intensa. Nem sombra de bairrismo ou de regionalismo, que a ambos sou profundamente alheio, determina este juizo. Apenas verifico um facto. Qual a razão desta preponderancia espiritual do Norte, não a saberia explicar em poucas palavras . Quero sómente notar que no Brazil é justamente na

região mais quente delle que é mais numerosa, sinão tambem mais notavel, a producção literaria. Talvez houvesse uma explicação para aquelle facto : é que si ha um espirito brazileiro, é acaso ali que elle se conservou mais forte e mais estreme. Talvez se pudesse tambem dizer que o Norte, apezar de sua pobreza, tem uma sociabilidade mais facil, tem mesmo mais sociedade que o Sul, exceptuando o Rio de Janeiro. Ha mais no nortista, com maior sensibilidade, maior emotividade, imaginação mais prompta e mais viva, maior confiança em si, mais petulancia, mais audacia. O Norte tem ainda a maior antiguidade da cultura.

Uma sociedade é condição indispensavel para a producção literaria, e a historia da nossa literatura mostra que ella justamente floresceu nas épocas em que houve para ella essa condição: na Bahia dos Governadores geraes, no Rio de Janeiro dos Vice-Reis, em Minas Geraes, quando numa especie de pequena côrte de governadores faustosos, o acaso reuniu um grupo de homens de engenho e cultura, no Maranhão quando, rica então a provincia com o trabalho do negro, possuia uma sociedade que foi sem duvida uma das mais civilizadas e luxuosas do Brazil. A vida social aqui não foi jámais completa. Salvo talvez no Maranhão e no Rio, faltou-lhe sempre, para inteiral-a e aperfeiçoal-a,

o concurso da mulher. Segundo o velho costume portuguez, a mulher era systematicamente apartada da convivencia social, na sua propria casa. Quando havia visitas, as senhoras não vinham á mesa, e uma conversação entre ellas e homens, que não fossem parentes ou amigos intimos, não era quasi possivel. E' o que notaram todos os viajantes, principalmente o exacto Saint-Hilaire, e que os provincianos de mais de quarenta annos ainda conheceram. Resta deste costume o uso, não de todo acabado, mesmo aqui, de numa reunião, num saráo, num jantar, destacarem-se os dous sexos, cada um para seu lado. Eu creio que muitos dos nossos romancistas conhecem mais a mulher do romance francez que a brazileira. Dizendo-o, aponto mais um defeito da nossa literatura: a sua ausencia—perdôem-me o que a frase terá de pedantesco — de objectividade. Vem esse vicio da decadencia da literatura portugueza, quando perdida pela reacção culteranista a tradição nacional de Gil Vicente e Camões, caiu-se ali no classicismo e pseudo-classicismo e triumpharam as Arcadias. E' do nosso tempo a questão da « arte pela arte », mas si ha quem a tenha praticado são os arcades, que versejavam por puro amor de versejar, sem se lhes dar do thema, da inspiração, da emoção. Tudo lhes servia de assumpto e occasião de fazer versos, e punham nessa tarefa

todo o seu cuidado e toda a sua gloria. Não ha, por isso, poesia mais incaracteristica que a dos arcades. Um ou outro poeta de verdadeiro engenho, como Garção, que porventura se ache perdido entre elles e desvairado por elles, não consegue ainda assim livrar-nos da impressão da banalidade arcadiana. Nas arcadias ou academias brazileiras, sobe de ponto essa banalidade, porque os pobres vates indigenas, a maior parte sem talento real, não são mais que pallidos imitadores dos da metropole, e, todo entregues ao pseudo classicismo, ficam inteiramente estranhos á nova natureza, ás novas cousas, aos novos aspectos que os rodeiam, Quando se verifica que, salvo algumas não muito vulgares excepções, a nossa literatura não perdeu nunca, não perdeu ainda, esta falta de caracter, esta ausencia de um pensamento, de uma inspiração, de um objectivo, somos naturalmente levados a crer numa influencia hereditaria da rhetorica arcadiana. De facto, que caracteres distinctivos, que significação, que feição propria é possivel descobrir em a nossa poesia actual, feita porventura com uma rebuscada perfeição metrica, ás vezes mesmo com exellencia de fórma, mas sem idéa, sem real emoção, sem representação? Que signal já deu ella, e toda a nossa literatura actual, de que lhe não são estranhos os problemas, as questões, os mais

graves interesses humanos e sociaes do tempo presente? Nisto, aliás, é ella talvez representativa, porque de facto a sociedade em que se inspira, em que se alimenta e de que vive, e que define, tambem não tem nenhuma preoccupação dessa ordem. E uma sociedade incaracteristica não póde produzir sinão uma literatura incaracteristica. Resta, porém, saber si a nossa sociedade é totalmente indistincta e apagada, e si o talento verdadeiro não conseguiria descobrir nella aspectos novos, significativos e interessantes.

III

As fórmas de governo por si mesmas não têm nenhuma virtude intrinseca no que respeita a producção literaria. Republicas e monarchias são por igual propicias e adversas ás letras. Na organização social, qualquer que seja a fórma politica que tome, toda a questão das suas relações com as letras resume-se no grau de cultura geral, no estado mental de governantes e governados, e na liberdade espiritual existente, menos na lei escripta que nos costumes. Fóra destas condições, apenas se poderia notar que a aristocracia, salvo o caso excepcio-

nal e unico de Athenas, e talvez, em menor grau, da Florença dos Medicis e da França moderna, é mais fácil ás artes e ás letras, e em geral ás preoccupações espirituaes que a democracia. Ella tem para isso motivos especiaes: vagares e ocios que lhe permittem o estudo ou simples gozo das obras do espirito, que ficaram sendo um ornamento de solares e de senhores, desde que a influencia da mulher e uma paz relativa transformaram a fortaleza feudal em paço senhorial, e que o cavalleiro poude cessar a sua vida constante de guerreiro. Protegendo os cantores, os artistas, os poetas, os cantadores, os escriptores e philosophos, que eram tambem ornatos das suas côrtes, os reis induziram os seus grandes vassallos a imitarem-nos. Si já não houvessem existido Pericles, Mecenas e Augusto, podiamos deste facto originar o patrocinio das letras pelos melhores da cidade, mas é ainda assim delle que, no mundo moderno, deriva o apoio que ellas encontraram universalmente nas aristocracias.

Em Portugal, onde havemos de ir buscar o motivo e a explicação de nossos factos sociaes, a literatura não só saíu da fidalguia de espada ou de béca, da aristocracia clerical ou administrativa, mas dellas viveu. Apenas se acharia entre os seus cultores ali escriptor ou poeta que não fosse fidalgo de linhagem ou ennobrecido

por alguma das funções que então levantavam o burguez, e mesmo o villão, a par do nobre. Póde-se, aliás, notar ali—e não sabemos dizer si só ali—que, quando do povo entrou a sair maior numero de homens de letras, aos quaes o talento e o estudo não desbastaram da rusticidade primitiva, se começou a prezar mais a arte que o artista, mais a escripta que o escriptor

Aceitavam-se-lhes as obras, com as suas dedicatorias louvaminheiras aos poderosos, de que ainda agora aqui mesmo se encontrarão exemplos, festejavam-se-lhes as producções, admirava-se-lhes o engenho, mas o seu lugar, afinal, era mais entre a domesticidade que entre as visitas e os convivas de palacio. E' de notar que esta decadencia do literato na estima da nobreza coincide não só com o augmento dos homens de letras do povo, mas ainda da decadencia da aristocracia, já tambem incapaz de entender e prezar as obras excellentes. Bem antes dos poetas parasitas das Arcadias, de José Agostinho e consortes, dos Bocages e dos Tolentinos, lastimava Camões que só em Portugal se não achasse «um forte capitão que não fosse tambem douto e sciente», como entre os Romanos, e que só ali se não prezassem as letras

O verso e rima.

Porque quem não sabe a arte não a estíma.

Para que nascessem as letras no Brazil e se desenvolvessem, foi preciso que encontrassem a protecção dos que pela sua propria cultura e gosto dellas, e por imitação do que na Côrte se praticava, a podiam dar. Não existia ainda aqui uma sociedade de cujo seio saissem e no qual se alimentassem. A protecção dos governadores e vice-reis creou-lhes artificialmente esse meio de producção e estimulo, nas suas assembléas, nas arcadias e academias, que á sombra delles e sob seus auspicios se crearam. Não havia liberdade para os largos e desimpedidos vôos do espirito, mas tambem esses poetas não pensavan em soltal-os. Tinham a liberade de que careciam e que lhes bastava. Gregorio de Mattos abusou mesmo della, mas não consta que o mandassem surrar ou matar. As suas satyras seriam ainda agora possiveis? A liberdade espiritual é indispensavel a uma producção literaria, forte e digna. Essa necessidade, porém, entende-se sempre relativa ao meio e ás exigencias dos proprios escriptores. Em regra geral os reis e os grandes a toleraram melhor, mesmo nos seus abusos, que os governantes da democracia e ella propria. Os escriptores e poetas do reinado absoluto e despotico de Luiz XIV e Luiz XV seriam impossiveis durante a Republica, o Consulado e o Imperio. E sob

aquelles dous reis absolutos, e na sua côrte brilhante, espirituosa e culta, philosophos, poetas, romancistas, sabedores prepararam a emancipação do mundo moderno. Havia, é certo, as *lettres de cachet*, mas a mesma Bastilha servia a Voltaire de gabinete de trabalho. A democracia franceza de hoje quasi assassina a Zola por defender Dreyfus, a aristocracia franceza do seculo XVIII foi o mais precioso auxiliar do multiplo e versatil autor do *Diccionario Philosophico* quando elle reclamou, com tanto ardor e vehemencia, a revisão dos processos dos Calas e de Sirvens. A literatura ainda é possivel com a falta de liberdade simplesmente politica, mas quando pelo predominio de uma classe ou pela tyrannia de um despota, ou da massa popular, falta a liberdade espiritual, mesmo no puro dominio philosophico, ella não é mais possivel. No Paraguay de Francia, mesmo que o povo não fosse por completo illetrado, não poderia haver producção literaria. A insipidez da literatura norte-americanaa té bem pouco tempo póde-se talvez attribuir ao velho espirito puritano, hostil ás artes e ás letras. Toqueville mostra admiravelmente como esse espirito creou ali uma atmosphera asphyxiante para certa ordem de producções literarias, e de manifestações de pensamento,

No Brazil houve sempre a liberdade espiritual

compativel com as nossas necessidades, e até com os nossos desejos. O Codigo Penal prohibia, é certo, se negasse a existencia de Deus e a immortalidade da alma. Essa velharia ridicula foi sempre letra morta e ninguem fazia de facto caso da prohibição anachronica e impertinente. Salvo para fanaticos de certa especie, o não poder ser enterrado aqui ou ali, ou o não casar-se legitimamente sinão segundo esta ou aquella fórma, não constitue propriamente falta de liberdade espiritual. Para o verdadeiro livre pensador são formalidades secundarias, que lhe não offendem as crenças, desde que elle se submette a ellas como se submette ao imposto, por obrigação legal. Na expressão literaria foi absoluta a nossa liberdade espiritual. Aliás, o mais desconfiado dos governos não acharia que dizer da sua perfeita innocuidade. Só a poesia nos ultimos annos do Imperio se inflammava em estrophes republicanas, socialistas, revolucionarias, materialistas, da «idéa nova», por via de regra ruins. Nem os governantes, nem o povo as liam, e os poetas catechisavam-se entre si. Os primeiros tempos de um novo regimen que se quer firmar e fazer-se definitivo, são sempre mais ou menos intolerantes, e desconfiados da liberdade. A republica no Brazil confirma esta regra; sentiu-se com ella um retrahimento daquella liberdade. As letras, porém, que na sua indiffe-

rença e alheiamento arcadicos da vida nacional, quasi nada della exprimem, não revelam esse phenomeno, sinão pelo accôrdo geral de todas as vozes. Não ha poetas monarchistas, restauradores, reaccionarios contra a republica como os havia contra a monarchia. Os mesmos socialistas emmudeceram, receiosos talvez não fosse o seu socialismo considerado uma dissidencia. Si algum escriptor, como o autor do *Invejado*, do *Imperador no Exilio*, de *Minha filha*, canta numa nota discordante, isso não commove o governo, nem diminue o apreço publico pelo escriptor. Em livro, eu creio ha aqui a liberdade para dizermos quanto quizermos, porque o livro, pouco lido, não tem repercussão em o nosso meio. No jornal é outro caso; mas, salvo circumstancias especiaes, ainda ahi é grande a liberdade espiritual, sobretudo si não se abusa della no estreito dominio da politica practica e do dia. As dissertações doutrinarias passam absolutamente incolumes — talvez pelas mesmas razões que o livro: não temos estomago para as lêr. Os povos de cultura latina e educação catholica lêm muito pouco. O mesmo francez lê menos que o inglez, o allemão ou o americano. Laveleye attribuiu a maior capacidade de leitura dos povos protestantes ao habíto que estes ganham, desde a infancia, de ler a Biblia. Na infancia os catholicos não lêm nada, e nesses

povos a literatura infantil, tão rica nos protestantes, é escassa, desvaliosa ou apenas uma mesquinha imitação da dos anglo-saxões e germanos. Leu-se sempre, e ainda hoje, pouquissimo em Portugal. A mulher raro sabia ler, e a leitura lhe era desaconselhada pelos seus confessores e pelos moralistas. Na sua *Carta de guia de casados* aconselha D. Francisco Manoel de Mello: «Ainda fico com escrupulo sobre a lição em que muitas (mulheres) se occupam. O melhor livro é a almofada e o bastidor; mas nem por isso lhes negarei o exercicio delles. Estas que sempre querem ler comedias, e que sabem romances dellas de cór e os dizem ás vezes entoadas, não gabo. Outras são mortas por livros de novellas; taes pelos de cavallarias. Aqui é mais perigosa a affeição que o uso. Bem vejo que se lhes póde permittir este desenfado: mas seja com maior cautela áquellas que excessivamente se lhe entregarem; visto que podemos temer se ama nelle antes a semelhança dos pensamentos que a variedade da lição». D. Francisco Manoel, com ser um dos fidalgos portuguezes mais intelligentes e allumiados do seculo XVII, homem viajado e culto, não faz sinão exprimir o conceito da sua gente sobre as leituras das mulheres, e afinal, esse conceito, cheio de desconfiança e restricções, mesmo no espirito esclarecido do mal aventurado escriptor, se

resume na sua frase: «O melhor livro é a almofada e o bastidor...» As nossas avós, na maxima parte, não sabiam ler, e o numero de analphabetos no Brazil, em 1890, segundo a estatistica official, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.356, isto é, sabiam ler apenas 16 ou 17 em cem brazileiros ou habitantes do Brazil. Difficil será, entre os paizes presumidos de civilizados, encontrar tão alta proporção de illetrados. Assentado este facto, verifica-se logo que á literatura aqui falta a condição da cultura geral, ainda rudimentar e, igualmente, o leitor e consumidor dos seus productos. Dous milhões de leitores bastariam em um paiz do Norte de gente amiga da leitura, como os Scandinavos, os Allemães, os Hollandezes, os Anglo-saxões para sustentarem uma literatura; em um paiz catholico-latino, e sobretudo, latino-americano, são de todo o ponto insufficientes. Falta-lhe pois, para viver a atmosphera indispensavel, que são os leitores que lhe fazem, e não fica sendo sinão uma literatura de poucos, interessando a poucos. Os escriptores, de facto sem communhão com o seu povo, com a sua nação, são forçados tambem a viver espiritualmente fóra della, no commercio quasi exclusivo, não direi só da literatura, mas do mesmo pensamento, da mesma emoção alheia.

Aos salões, á convivencia da mulher, attri-

buem os criticos, não só francezes si não estrangeiros tambem, a florescencia, o brilho, a riqueza da literatura de França e ainda o seu caracter de sociabilidade. Mas os salões literarios, si bem nascidos e prosperados em França, não são uma cousa exclusivamente franceza, a Allemanha, a Inglaterra, a Italia, a mesma Russia os tiveram, no tempo em que a sua acção foi mais necessaria e mais util, quando elles faziam a sociedade indispensavel á producção literaria, e os tem, com menos efficacia e brilho, ainda hoje que, nesses paizes, a socieciade geral, feita de todos, porventura dispensa essa sociedade particular. Tambem esta condição faltou á nossa literatura. Substituiram-na mal e imperfeitamente as arcadias e academias, que aliás tiveram a vantajem de approximar os homens de estudo e estimulal-os. O Instituto Historico, por exemplo, foi um bom elemento de producção literaria no momento da sua fundação e ainda por annos depois. Mas essas associações literarias não são entretanto a sociedade e acabam por estreitar os espiritos dos seus habituados, quando o effeito da sociedade é alargal-o pela multiplicidade e diversidade das impressões intellectuaes e das emoções moraes, pelo encontro e opposição das idéas, dos sentimentos, dos juizos. Ella é ao demais, e só ella o póde ser, o campo de observação do

poeta, do romancista, do philosopho, do psycologo, o meio de onde todos os que pensam e escrevem podem receber impressões, lições, sensações, estimulos, vibrando nelle e por elle.

Os contactos literarios foram poucos na literatura brazileira, a falta de sociedade, as enormes distancias e as difficuldades de communicação os obstavam. Começaram-se a fazer mais efficazmente quando o Rio de Janeiro tomou definitivamente a funcção de nossa capital intellectual. Os exemplos de Villa-Rica e do Maranhão não provam contra a impossibilidade das literaturas locaes. Taes literaturas não têm reaes condições de vida em mesquinhas cidades provinciaes. Só uma grande capital lh'as offerece. E' o facto historico que o desapparecimento do localismo literario allemão, nos ultimos vinte annos, vem mais uma vez comprovar. Desde que a Allemanha se unificou e teve uma capital, a sua literatura tendeu a concentrar-se nessa capital, como a ingleza em Londres, a franceza em Pariz e, hoje, a italiana em Roma, como a hespanhola em Madrid, e a portugueza em Lisboa. Aliás a Allemanha e a Italia, e a mesma Hespanha, historicamente federações, mais regiões geographicas que nações, não eram excepção á regra, pois antes da sua unidade politica a sua literatura vivia nas capitaes dos seus

differentes paizes. Em uma federação como a brazileira, sem vida e menos espirito local, cujos estados carecem inteiramente das condições necessarias á producção literaria, vã é a tentativa da existencia de literaturas locaes. O Rio de Janeiro tem fatalmente de absorver tudo. E' o que já começa a passar nos Estados Unidos onde, embora federação mais natural que a nossa, e apezar de grandes centros intellectuaes como Philadelphia, Baltimore, Chicago, Boston, Nova York se faz de facto a capital literaria e artistica do paiz.

No Brazil, mesmo no Rio de Janeiro, não encontra ainda o escriptor a reacção das bellas artes, os contactos estheticos que lhe podem ser uteis estimulos e lições ao seu pensamento e á sua fórma. A sua cultura puramente esthetica fica assim falha, si elle não póde viajar, ver e estudar os grandes mestres. As viagens são para a producção da obra de arte uma condição ou, pelo menos, uma causa efficiente della. Os artistas do norte da Europa têm lucrado immensamente em ver o sul; a Italia foi a mestra confessada não só dos grandes pintores, esculptores e architectos do norte, mas de escriptores como Gœthe, Shelley ou Ruskin. Que não deve este á cathedral de Reims e a Veneza, a toda a arte gothica franceza e á pintura italiana? Raro será nos Estados Unidos o poeta, o escriptor que não

haja visitado a Europa; muitos ali estudaram, cursaram ou simplesmente frequentaram as uiversidades, as grandes lições de Oxford, de Cambridge ou da Sorbona ou do Collegio de França e de instituições similares da Allemanha. Si isto póde nos fracos diminuir a originalidade nativa, nos fortes antes as realça pelo augmento da cultura, pela visão das cousas novas, pelo proprio confronto dellas com as deixadas na patria. Exemplo: — Longfellow e Gonçalves Dias. Não viajam, porém, sómente fóra do paiz, mas nelle proprio; conhecem-no, assimilam-lhe o genio por todo elle esparso, isto não só os norte-americanos, mas os europeus. Em nação como a nossa, em que o conhecimento da nossa historia, dos nossos costumes, da nossa vida, é tão difficil, mais necessario se torna o conhecimento directo do paiz, que poderia ser causa de uma sensação mais completa de nós mesmos..

Qualquer que seja, porém, o valor destas condições, causas e incentivos da producção literaria, aqui ou alhures, não póde esta ser valiosa sem que no escriptor haja, além do talento, cultura que o fortifique e fecunde, idéas e sentimentos que o valorizem, e a sciencia de exprimil-os.

V

NOVA HISTORIA DAS ORIGENS BRAZILEIRAS

Brazil, pelo Dr. ANTONIO ZEFERINO CANDIDO, Rio de Janeiro, 1900.

Os centenarios dão sempre lugar a numerosas publicações commemorativas: umas eruditas, que estudam o facto ou o sujeito celebrado, outras apenas festivas, que o decantam, e ainda outras de que elles são apenas occasião e que não têm com elles propriamente relações directas. O quarto centenario do descobrimento de nosso paiz, anachronicamente celebrado a 3 de Maio de 1900, suscitou tambem um numero relativamente crescido de taes publicações. Por via de regra a literatura dos centenarios é mediocre, como em geral toda a literatura de occasião e de a proposito. Acode-me á lembrança o centenario

de Camões. Condignas verdadeiramente do excelso poeta foram as grandes festas com que o celebraram Portugal e Brazil, mas não o foram por igual as publicações com que o commemoram. Nenhuma é de facto consideravel; e si se publicaram algumas edições luxuosas e typographicamente nitidas do seu immortal poema, nenhuma é, sob o aspecto critico, a edição definitiva que os *Lusiadas* ainda esperam. De quasi todos os centenarios quasi se poderia dizer a mesma cousa. Por isso essas commemorações entraram já a fazer-se, na sua parte literaria, de outro modo, mais proficuo á gloria do caso ou individuo celebrado e á illustração dos contemporaneos. Si é um escriptor, um sabio, um poeta que se solemnisa, publicam-se-lhe as obras em edições criticas e esmeradas, estuda-se-lhes a vida, a obra, a influencia em trabalhos de segura e minuciosa erudição; si é um grande facto historico, acha-se que a melhor maneira de celebral-o é publicar os monumentos historicos ineditos ou pouco sabidos que a elles se referem. Foi assim qne por occasião dos centenarios de Colombo a da India, as nações directa ou indirectamente interessadas na commemoração dos dous altos feitos, Portugal, Hespanha, Italia, Allemanha, e outras editaram preciosas collecções de documentos, cartas, memorias a elles relativas. Era o que

deveriamos nós ter feito. Nos nossos mesmos archivos e nos da Europa, ha ainda numerosos documentos ineditos e outros quasi ineditos, tal é a sua raridade, do mais alto interesse para a nossa historia. Nenhuma occasião mais azada para virem á luz, que esta em que commemoramos o nosso quarto seculo de existencia historica.

As publicações do centenario, si nenhuma tem o valor, a importancia, a significação e a utilidade que teriam essas, cuja falta é lastimavel, não são todas sem valia. Antes algumas são, si não erro, benemeritas de attenção e apreço, como a do Sr. Zeferino Candido, intitulada *Brazil* e publicada pelo Instituto Historico.

O livro do Sr. Zeferino Candido é como os seus precedentes trabalhos um livro de discusão; propriamente um livro de critica historica. O autor tem-se ultimamente dado aos estudos da historia das navegações e descobrimentos começados no seculo XIV, e já trata estes asumptos com relativo conhecimento de causa; sómente sente-se, lendo-o, que são feitos talvez aínda ás pressas, muito de occasião e que não têm, por ora, a madureza dos estudos aturados. Livro de discussão, e desafiando a discussão, o que é um merito, é este mais, o que lhe accresce o merecimento, um livro de suggestões, que não sei si não mereceria um exame

mais detido do que eu, falho de competencia e vagar, posso fazer-lhe.

No primeiro capitulo da sua obra, tratando das grandes navegações, insiste o Sr. Zeferino Candido, no conceito já externado no seu livro *Portugal*, sobre o que ha de lendario na importancia geralmente attribuida á obra do infante D. Henrique o Navegador, e á pseudo-escola de Sagres, reivindicando para D. João II a autoria principal das grandes navegações portuguezas, dos seculos XV e XVI. Parecem pertinentes as caracterizações geraes, como lhes chama, da indole, do espirito, da significação e dos resultados que desses grandes emprehendimentos dá. Igualmente me parece boa a sua argumentação sobre os predecessores de Cabral, com a qual faz boa e inteira justiça das infundadas, inventadas ou mal apoiadas pretenções francezas e hespanholas, e mesmo portuguezas, como a de Ramalho em S. Paulo já por 1490 ou a de Duarte Pacheco Pereira pelo mesmo decennio.

Rejeita calorosamente o Sr. Zeferino Candido a parte do acaso na descoberta do Brazil. A sua argumentação neste ponto é uma das mais brilhantes do seu livro, mas não é por igual convincente. Elle proprio o sente, quando ao terminar o capitulo escreve: « Acaso? Talvez, no sentido de que Cabral não andaria

ali procurando terra, mas ventos; insania, na inculca de que ali chegára e por ali andava perdido, ás cegas, não sabendo ás quantas andava.» Esta observação tem a vantagem de pôr a questão no seu verdadeiro pé, de estabelecel-a de um modo positivo e certo. O sentido em que se diz, e é verdadeiro dizer, que o Brazil foi descoberto por acaso é, e não póde com effeito ser outro depois dos novos estudos de assumpto, sobretudo depois deste do Sr. Zeferino Candido, que Cabral não vinha com o proposito de achar uma terra, não a procurava, embora tivesse quasi a certeza, segundo a convicção commum em Portugal, da existencia de terras novas para oéste. Com toda a procedencia, mostra o Sr. Zeferino Candido como depois de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama a viagem incumbida a Cabral se devia fazer segundo um plano perfeitamente assentado, com pleno conhecimento e segura sciencia daquella navegação e do caminho que ella devia seguir. Neste ponto não haverá contestar a sua argumentação, fortemente apoiada na historia do tempo, e em irrecusaveis autoridades modernas. Si, porém, Cabral não andou a tôa, não perdeu a sua róta, não foi arrastado por uma corrente oceanica, que de facto não teria força para isso, antes, consciente do que fazia, procurava, bolinando, o ponto de reversão ao seu rumo, determinado e

previsto nas instrucções que teria, não é menos exacto, e o reconhece o mesmo autor, que apezar da bella navegação que fazia Cabral, com ventos ponteiros de nordeste ou de pôpa, inteiramente de feição, em monção favoravel á montagem do cabo esperançoso, «a corrente equinocial puxava os barcos para oeste e esse afastamento, accrescido sobre a estimativa da navegação, trouxe Cabral a um ponto mais occidental do que lhe seria determinado pela unica condição dos ventos». Ora, é a isto justamente que se chama acaso, fortuito, imprevisto. Nem colhe contra a verdade material, digamos assim, do facto que trouxe Cabral a uma terra onde elle não pensava ir ter, qualquer que fosse a sua suspeita da existencia de terras á direita, a razão de que a influencia daquella corrente «sendo constante, permanente, intransformavel, é forçoso concluir que, fosse Cabral, fosse outro, Portuguez ou Hespanhol, então ou hoje, o marinheiro, que saisse do Cabo Verde com a derrota com que saíu o descobridor do Brazil, este bello paiz tinha de lhe apparecer á boréste, quando o navegador bolinasse, á cata do ponto de reversão do seu premeditado rumo» E' incontestavel; mas não o é menos que, não sabendo da existencia dessa terra, nem vindo propositalmente ou á aventura procural-a, esse navegador, que nella viesse dar por um imprevisto afasta-

mento do seu rumo, a teria achado por acaso, fortuitamente. E, embora saibamos que em Portugal havia fortes e fundadas suspeitas da existencia não de uma terra, mas de terras, o que não é precisamente o mesmo, a oéste; que Vasco da Gama por pouco escapou de ser o descobridor do Brazil, que, por assim dizer, costeou na sua celebre viagem para a India, que o mesmo Gama, no seu roteiro, aponta indicios certos de terra na direcção de sudoéste, que era a do Brazil, e mais, que D. Manoel recommendava aos seus marinheiros lhe procurassem terras para este lado, emquanto se não provar, não com argumentos e raciocinios, mas com documentos, que Cabral trazia o fito, o proposito, de achar alguma terra nova a oéste, não se póde sinão dizer que o seu achado foi de acaso, um imprevisto. Ou então as palavras perderam na nossa lingua o seu sentido.

Esta questão aliás não tem outra importancia que a de méra curiosidade. O proposito da descoberta não levantaria o merito de Cabral, de um dos grandes navegadores do seu tempo. Não lhe custaria mais a achar uma terra indicada ou supposta em dada direcção, que refazer a viagem do Gama, atravessando de lado a lado o Atlantico. Antes acaso lhe custaria memos, sendo essa terra a porção meridional do continente que Colombo, tambem sem conscien-

cia completa do seu achado, descobrira. Entretanto esta questão de pouca monta desde meio seculo occupa os estudiosos da nossa primitiva historia. Começou em 49, no Instituto Historico, com uma these proposta por D. Pedro II sobre o assumpto, e discutida por Norberto e Gonçalves Dias, que sustentou a parte do acaso, o que lhe valeu agora azêdas corrigendas do Sr. Zeferino Candido. O Sr. Zeferino Candido, apezar do abuso, de que este seu livro está aliás cheio, de argumentação e de raciocinio, em que, principalmente, assenta as suas opiniões, apezar da incoherencia ou contradicção que afinal se lhe descobre neste capitulo, foi talvez de todos quantos da questão até hoje se occuparam o que viu melhor nella ou pelo menos o que a estabeleceu em melhores termos. Pena é que tenha começado pela proposição capitulando de *lenda do acaso* a opinião de que o descobrimento do Brazil foi fortuito, pois, como creio haver mostrado, no cabo do seu capitulo elle mesmo reconhece que o foi. Num artigo sobre o descobrimento do Brazil, publicado a 3 de maío de 1900, no *Jornal do Commercio*, e que julgo poder attribuir á penna autorizada do Sr. Capistrano de Abreu, se pergunta com razão, a proposito desta controversia « si Cabral, em vez das condições favoraveis de vento e corrente, encontrasse ventos e correntes contra-

rias, insistiria na derrota que o trouxe á vista do monte Paschoal? Vasco da Gama insistiu, na primeira viagem á India; Cristovão Colombo insistiu na ultima á America; Cabral teria insistido? »

O Sr. Zeferino Candido é um iconoclasta terrivel, um destruidor de idolos, de noções e de lendas. A crel-o, a nossa primitiva historia está cheia dellas e assenta em documentos, dos quaes muitos são falsos, apocryphos ou duvidosos e pouco dignos de fé. Já vimos como contrastou as pretenções dos precursores de Cabral, os Hojedas, os Pinzons, os Cousins. Contra a opinião dos melhores sabedores da nossa historia, Varnhagen, Candido Mendes, Rio Branco, Capistrano de Abreu e outros, contesta a expedição ao Brazil de 1501 e o seu commando por André Gonçalves, como contesta que este fosse quem levasse a Portugal a noticia do descobrimento, e ainda que Americo Vespucio fizesse parte dessa expedição ou de qualquer outra que viesse ao Brazil; contesta mais que D. Nuno Manoel commandasse armada alguma aqui vinda. Nega a autoria do Roteiro do Brazil por Gabriel Soares de Souza. Declara falsas as descripções do Brazil de Vespucio, falso o roteiro da navegação de Cabral, de Grineu e Ramusio, publicado pela Academia das Sciencas de Lisboa, falsa a carta de D. Manoel aos reis de Hespanha, noticiando-lhes o descobrimento.

A argumentação do Sr. Zeferino Candido, sob apparencias de convincente, é frequentemente casuistica e especiosa. Elle, repito, abusa do raciocinio. em casos que não podem sempre ser decididos com simples inferencias logicas, como são por via de regra as questões historicas. E, ás vezes, arrastado pela sua veia argumentadora, perdôe-se-me a expressão, desarrazôa, como quando, a paginas 140 e 141, tira conclusões extravagantes da carta de Caminha a favor da sua these contra o que chama, indevidamente, a *lenda do acaso* ao descobrimento do Brazil. Verdadeiramente o Sr. Zeferino Candido parece abusar dos argumentos de razão nas suas discussões, principalmente na dos documentos cuja authenticidade ou valor contesta. Não sei si uma critica mais competente que a minha e mais senhora dos processos de censura historica lhe aceitaria sem restricções os processos seus predilectos. Quer no aceitar, quer no refusar documentos taes, requer-se muita e igual discreção. Lembremo-nos que a carta de Caminha, que é para o Sr. Zeferino Candido, e para nós todos, um evangelho, um erudito Argentino a declara apocrypha.

Trata e discute este livro outras questões, como a do povoamento da America, da ancoragem de Cabral, do nome dado á terra, do indio, do reconhecimento da terra. Sobre a ethnolo-

gia brazileira me pareceram incompletos e deficientes os seus estudos. Ha hoje, depois dos ultimos trabalhos de Ehrenreich e outros, muito mais a dizer, mesmo a respeito do passado. Contra o seu parecer, penso que Varnhagen tem razão negando a existencia de uma nação tapuia. Havia, certo, numerosas tribus, que os indios impropriamente chamados tupis appellidavam tapuias, mas não havia nação, um grupo ethnico, ou siquer um conjunto de tribus, com caracteres communs, a que se désse ou pudesse dar aquella denominação collectiva. Com toda a certeza se póde affirmar que tapuio era para o Tupi, que creou a denominação, tudo o que não falava como lingua propria a lingua delle, chamadà tambem, impropriamente, tupi pelos navegadores que com elle se puzeram em contacto. Tapuyo ou tapuio quer dizer em abaneenga ou tupi do Paraguay, segundo a autorizada opinião de Baptista Caetano, « a multidão das choças, o vulgo das choças, a plebe; os escravos ou prisioneiros de guerra, os inimigos, os selvagens, a turba dos apanhados (na guerra) ». Montoya no seu *Tesoro* dá á palavra, além da significação de cousa comprada, geração, a de escravo, e accrescenta : *y assi llama el guarani á las demas naciones.* O facto é o mesmo na Costa entre os Tupis, que tratavam de Tapuios todos os indios que não

pertenciam á sua nação ou não falavam a sua lingua, como os Gregos e Romanos appellidavam de Barbaros todos os povos que não eram da sua estirpe e civilização. Póde-se falar, embora ainda com impropriedade, de uma nação tupi, não se póde, porém, sinão com grave incongruencia, falar de uma nação tapuia. Os Tupis tinham, pelo menos, a dar-lhe tal ou qual unidade, uma lingua commum e costumes communs, além de que é muito provavèl tivessem todos os mais caracteres ethnologicos communs. Não é possivel dizer o mesmo dos Tapuios, entre cujas tribus se não póde affirmar a existencia de nenhum traço de união como os que verificamos nas chamadas tupis. E, neste sentido, teve razão Varnhagen negando a existencia de uma nação tapuia. Tupis e Tapuios aliás, como de regra os povos selvagens, se não denominavam a si mesmos. Os nomes que têm na nossa ethnographia, são, como viu tambem Varnhagen excellentemente, alcunhas recebidas de outras tribus. O gentio que se deparou a Cabral teria insuperavel difficuldade de dizer-lhe o proprio nome, pelo não ter. Os nomes com que ficaram na nossa historia, dados por tribus vizinhas e de ordinario contrarias, fixaram-nos os primeiros chronistas e escriptores das nossas cousas. Denominar-se um povo a si mesmo já indica um estado de civilização a

que o selvagem brazileiro ainda não chegára.

Sobre a questão controversa da graphia do nome do nosso paiz, decide-se o Sr. Zeferino Candido, a meu ver com razão, pela fórma BRAZIL. Desprezada por falsa a etymologia de *braza*, ainda assim as fórmas mais antigas desta palavra, existente desde o seculo XII, como denominação de certa madeira de tinturaria e nome geographico, com a graphia *verzino*, *verzin*, *verzi*, *brazi*, *berzil*, por metathese, bersil e, nomes de lugares, *Bracir*, *Berzil* e *Brazil* recommendam a graphia com *z*. E' certo que todos os primitivos escriptores das cousas brazileiras, Portuguezes, Hespanhóes ou Francezes, escreveram o nome com *s*. Não podiam, porém, escrever de outro modo : tendo-se já firmado a metathese notada, vedava-lh'o a indole orthographica da lingua em que escreviam que, por influencia do latim, lhes determinava o emprego do *s* com o som de *z* entre vogaes. Não ha, pois, motivo para respeitarmos a sua orthographia, « contraria á etymologia historica e geographica »; tanto mais que este respeito não prevaleceria contra a tendencia manifesta da nossa lingua de abandonar, com toda a razão, o emprego desnecessario do *s* entre vogaes substituindo-o pelo signal *z*, com o seu valor natural. Desde muito, aliás, que a graphia Brazil é, não só a popular, mas a official.

ADVOGADO

Acha-se assim na nossa legislação, e desde mais de meio seculo, nas nossas moedas, nos nossos actos officiaes. Escreve assim o Instituto Historico desde o seu inicio, escreveu assim o grande mestre da nossa historia, Varnhagen, e assim escreve a maioria dos que a escrevem. Toda a reacção, mesmo fundada em boas razões, contra este modo de graphar o nome da nossa terra, seria, pois, inutil.

Pelo estudo que mostra, pelas questões que levanta, pela novidade de muitos de seus conceitos e apreciações, pela originalidade e independencia de opiniões, pela controversia que abre em numerosos pontos da nossa historia, o livro do Sr. Zeferino Candido é um livro de não vulgar merecimento. Si sujeito a uma critica mais capaz que a minha, houvessemos de aceitar-lhe as conclusões, poderiamos sem exaggero dizer que desde Varnhagen nenhum livro se publicou sobre as origens da historia brazileira de tanta importancia como este.

Alguma cousa, infelizmente, o desmerece: é não só os grandes defeitos da sua composição, mas o tom de chalaça, de pulha, de chocarrice em que está escripto; a linguagem plebéa, e não popular, as fórmas chulas, que fórmam a trama do estylo do autor — o que eu poderia documentar extensamente.

VI

UM NABABO DOS TEMPOS COLONIAES.

Felisberto Caldeira, Chronica dos tempos coloniaes por Rodrigo Octavio. Rio de Janeiro, Laemmert e C., 1900.

A execranda fome do ouro, como ao appetite desmarcado das riquezas chamou o poeta, fome que aliás é apenas a manifestação brutal da eterna e legitima e justa aspiração humana para o melhor, para a felicidade, para a alegria e o prazer de viver, foi, talvez mais que nenhum outro sentimento, o mais poderoso incentivo do progresso na ordem material. Nem a historia da humanidade se póde explicar, creio eu, sinão pelas suas causas economicas, sinão como o esforço do homem pora conquistar a terra, a habitação, o alimento, a mulher, o vestuario, as felicidades da existencia, os gozos da vida, a

autoridade, o poder, que tudo, mal saido elle da animalidade primitiva, em que só a força dominava, se obtinha com dinheiro ou pelo dinheiro, qualquer que fosse a sua fórma ou valor. O ouro, pois que este mineral devia symbolizar todas as feições e materias da riqueza, foi cedo, desde que o descobriram e trabalharam, o principal fito da energia humana. Uma das mais antigas historias, envolvida ainda nas nevoas da lenda, que de si conta a humanidade, é a dos Argonautas, que lá se vão á Phrygia, á busca do vellocino de ouro.

A historia da conquista e civilização da America é a mais frisante confirmação, nos tempos modernos, desse grande facto que faz da procura do bem-estar e dos meios que, ao parecer geral do homem, sómente o podem dar, a suprema occupação humana. Já Camões presentira genialmente que aquelles mesmos reis, que foram dilatando a Fé e o Imperio e andaram devastando as terras viciosas da Africa e da Asia, não buscavam afinal, por seus enviados, como Vasco da Gama, sinão estabelecer commercio com os povos exoticos da India rica, porque lhes

cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e súa)

E Lope de Vega, sem illudir-se, apezar de

religioso, sobre o espirito que animava os conquistadores seus compatriotas, delles dizia que

So color de religion
Van á buscar plata y oro
Del incubierto tesoro.

O mesmo movel, o mesmo estimulo determina, primeiro o descobrimento do Brazil, depois a penetração e conquista do seu interior. Desde Vaz de Caminha, a preoccupação do ouro e da prata, da mina emfim e de suas riquezas, significativa da ambição de fortuna, do bem-estar, de bom viver, anda em todas as cabeças e se publica em todos os chronistas, mesmo nos que pelo seu ministerio religioso, e pela sua fervorosa piedade, pareceria deverem ficar estranhos a ella, como os Anchietas, os Nobregas, os Vieiras. No Grão-Pará, onde jámais se encontraria ouro ou outro mineral precioso, é a mesma preoccupação que faz devassar os sertões, cujo accesso aliás os rios tornam facil. O padre Christovão da Cunha, relator da famosa viagem de Pedro Teixeira, como os outros noticiadores, todos religiosos, dessa expedição memoravel, a têm em grau subido e a cada passo a manifestam. Na sua legitima e inextinguivel sêde de melhorar, de gozar, de ser feliz, a pobre humanidade, tendo feito do ouro o fac-

tor necessario do bem-viver, procura afanosa e incessantemente alcançal-o, e ao cabo é esta sua luta continua por libertar-se, mediante elle, das durezas da vida que faz a trama da sua historia.

Si a exploração do Brazil interior começa a realizar-se desde os principios do seculo XVII, é a sêde do ouro, são as vagas e incertas noticias delle, havidas logo em meiados do seculo do descobrimento, e tambem das esmeraldas e da prata, que incitam os exploradores. Mas é já ao cabo daquelle seculo e começos do XVIII que as minas são descobertas e conhecidas, e essa exploração por assim dizer se systematiza, se desenvolve, se multiplica nas numerosas bandeiras que vão, sertão a dentro, até o coração do paiz, das beiradas do Atlantico ás regiões que receberam os nomes de minas dos Geraes, de Goyaz e de Matto-Grosso, chegandoa lgumas até ás terras do rio das Amazonas, de onde partiam outras, no mesmo afan, rumo do sul e do oéste, como a de Mello Palheta, em 1722-23. De muitos dos chefes dessas expedições, os *pionniers* brazileiros, guardou a historia o nome : Bartholomeu Bueno, pai, o famoso *Anhanguera*, Paschoal Paes de Araujo, Antonio Pires de Campos, que ainda no ultimo terço do seculo XVII devassaram os sertões desde S. Paulo até ás cabeceiras do Tocantins,

e Fernão Dias Paes e seus descendentes, e Bartholomeu Bueno filho, e Pires Linhares, e Castanho Taques, e Rodrigues Fróes e outros e outros. Ha certamente um estudo curioso, um livro de grande interesse a fazer da historia das bandeiras e bandeirantes, que seria a do descobrimento, do povoamento e da mesma civilização do nosso interior. Desse livro acaba de escrever um capitulo interessante o Sr. Rodrigo Octavio no seu volume *Felisberto Caldeira*.

Felisberto Caldeira Brant começou por ser um chefe de bandeira. Fidalgo de raça, como decimo neto de João III, Duque de Brabante e neto de D. Marianna de Souza Coutinho, de boa nobreza portugueza, com a qual casou seu avô João de Braut, Consul do Luxemburgo em Lisboa, na segunda metade do seculo XVII, Felisberto Caldeira nasceu já no Brazil, para onde, em 1700, se mudára seu pai, Ambrosio Caldeira, nos lugares onde é hoje S. João d'El-Rey, nos primeiros annos daquelle seculo. Sua mãi pertencia á nobreza colonial, oriunda da portugueza, e a mulher com quem casou em 1730, D. Branca de Almeida Lara, era tambem da melhor fidalguia paulista. Este nome de Caldeira — que elles, creio, escreviam com y, Caldeyra — tomou-o seu pai de sua avó Cornelia, cujo appellido Kettler em flamengo se

traduz por caldeira. Não são inuteis estas referencias á alta estirpe de muitas familias brazileiras, quando, a despeito do que nos ensinam as nobiliarchias locaes, como as de Taques e Jaboatão, e das noticias da nossa historia, se continua a affirmar que Portugal só povoou o Brazil de degradados e da ralé da sua população.

Espirito, ao que parece, cheio de audacia e ambição, aventuroso mesmo, bravo, ardente, tanto por propensão de raça, desenvolvida pelos incitamentos do meio, como por herança e educação paterna, que seu pai fôra já assignalado cabo de guerra na dos paulistas contra os emboabas, Felisberto Caldeira mal se fez homem entrou na vida aventureira de sertanista, fazendo entradas pelo sertão da capitania á procura de ouro e, naturalmente, á frente de tropas negociando nos generos do trato sertanejo. Ao mesmo tempo tinha aventuras de capa e espada só ou com seus irmãos, contra particulares e autoridades. Ha noticia de uma destas em que por haver disparado um tiro no Ouvidor do Rio das Mortes, abriu-se contra elle e seu irmão Joaquim devassa, e uma ordem regia mandou que, si fossem achados culpados em pena de morte, se executasse logo a sentença, *pondo-lhes a cabeça no logar do delicto.* Póde-se imaginar o que seria a este respeito

essa sociedade, e a vida e actos de homens atrevidos e valentes como os Caldeiras, ao demais fidalgos bem aparentados e, portanto, protegidos até a quasi impunidade, quando se conheceu de noticia ou de proprio a do nosso interior ainda não haverá trinta annos. O processo dos Caldeiras, si chegou a fazer-se, deu em nada, como ainda hoje dão em nada os nossos precessos contra os mandões de aldeia. Isto foi por 1731 e em 35 lá partia-se elle com a mulher e irmãos, para as minas de Goyaz, cuja fama de riqueza excitava a ambição de todos os de seu animo. Parece que ahi começou a sua, ao depois colossal, fortuna. Como os aventureiros da sua laia, entre os quaes e o fisco se estabelecia naturalmente um conflicto de interesses e uma luta, ás vezes verdadeiramente dramatica, de fraudes de um lado e de exacções de outro, Felisberto Caldeira, intelligente e audacioso, tudo fez para lezar a apertada e rigorosa fiscalização dos cobradores reaes do quinto do ouro. Perseguidos pela autoridade, abandonaram as suas lavras e minas. Uma tradição romanesca fal-o possuidor de um roteiro de minas desconhecidas, que lhe déra um velho padre jesuita. Um padre jesuita a presentear com um roteiro de minas de ouro um joven fidalgo aventureiro, desculpando-se comsigo mesmo que a Companhia era assás

rica para disso lhe advir prejuizo, póde ser verdadeiro, mas não é verosimil. De roteiro ou não, partiu Caldeira, com seus tres irmãos, Joaquim, Sebastião e Conrado, a mulher e numeroso sequito de negros, indios, e aventureiros, em grande bandeira, de Villa Boa sertão fóra, em busca de novas minas que explorasse, sem o vexame dos exactores do fisco. Achou-as abundantes, mas teve de partil-as com outro bandeirante vindo da Bahia, Rodrigues Fróes, que ali se achava, por possuir o original do roteiro, do qual o do jesuita era cópia. Coincidencia ou acaso reuniu acolá as duas bandeiras, que estiveram a ponto de irem ás mãos, antes de catarem o ouro dos ribeiros que ali corriam. A situação é salva por um alvitre romanesco de Felisberto, que se vai ao chefe rival e propõe que em vez de brigarem pela posse exclusiva daquelle descoberto, o dividam em boa paz entre si e que para firmar este pacto se unam por uma alliança de familia. Fróes tem comsigo uma irmã moça e bella, elle Felisberto dous irmãos solteiros, qualquer delles dignos de a ter por esposa; que se case um delles com ella. E' aceita a convenção e dado um prazo para que a moça decida entre os dous Caldeiras. Entretanto, emquanto esperam a decisão, encetam os trabalhos da mineração, e colhem clandestinamente o ouro que naquellas paragens

encontraram. Perante os leis do tempo, aquillo constituia simplesmente um roubo á fazenda real, que hoje diriamos publica. O lugar dessa exploração é o da região do Paracatú, que parece se chamou primeiramente *Pyracatú*. Foi dali que Felisberto Caldeira, já riquissimo, veiu para o Tejuco, trabalhar nas famosas minas de diamantes que desde alguns annos estavam ali em plena exploração, feita por um arrematante ou contratador com a fazenda real, sob a ciosa e avara fiscalização de um funccionario especialmente incumbido de vigiar a execução do contrato, o Intendente das minas. Ém 1868 publicou o Dr. Joaquim Felicio dos Santos, com o titulo de *Memorias do Districto Diamantino*, um livro que é uma das mais interessantes monographias da nossa literatura historica. Ahi faz elle a historia do Tejuco, depois villa do Principe e hoje comarca do Serro Frio, e conta-nos, com as chronicas e tradições do lugar, os fastos de Felisberto Caldeira. O livro do Sr. Rodrigo Octavio traz novas noticias e elementos a essa narrativa que a cada passo relembra, mas sendo mais particular não dispensa aquelle, que na sua singeleza tem verdadeiramente grande merito.

Felisberto Caldeira arremata o contracto dos diamantes e mediante elle chega ao auge da sua fortuna, que seria o motivo da sua des-

graça. Accusado de fraude á fazenda, é preso, sequestram-lhe os bens, por fim, declarado fallido, é encerrado no Limoeiro, em Lisboa, de onde, depois de esquecido por annos, sem se lhe tomarem contas, é libertado pelo terremoto que derroca os muros do carcere que o prendia. Tambem pouco depois morreu obscuro e miseravel.

Tal é, reduzida ás suas linhas principaes, a historia dramatica e por vezes commovente que nos conta o Sr. Rodrigo Octavio, em um livro que, estou certo, todos gostarão de ler. Misturando a lenda, a tradição com a historia, chamou-lhe o autor « chronica dos tempos coloniaes », querendo talvez lisamente prevenir ao leitor de que não era precisamente historia que escrevia. Não sei si eu não preferiria que o seu livro fosse de pura historia; mas como elle teve o cuidado honesto de nos indicar as suas fontes de informação, discriminando as propriamente historicas das tradicionaes ou lendarias, não vem daquella mistura prejuizo; antes dá ella ao livro um geito e gosto de romance, que o fará mais bem aceito do commum dos leitores.

O Sr. Rodrigo Octavio tratou Felisberto Caldeira como um heróe de romance: deu-lhe todas as seducções e prendas proprias a carear-nos as sympathias. Reconheço que assim fazendo ficou dentro da tradição e da lenda que

se creou em Minas em torno da figura do celebre contractador dos diamantes. Mas não sei si não esqueceu os direitos da critica historica. Natureza exuberante, enthusiastica e facil á admiração — e é um elogio que lhe faço — o Sr. Rodrigo Octavio, parece-me, aceitou sem nenhuma reserva a historia romanesca de Felisberio Caldeira, segundo a imaginação popular a concebeu, e que antes reproduziram os Srs. Felicio dos Santos, Affonso Arinos e Moreira de Azevedo. Fazendo um simples conto, o Sr. Affonso Arinos é o unico justificado de haver aceitado a lenda sem restricções. Os outros não o são, e não o é tambem o Sr. Rodrigo Octavio, tanto mais que foi talvez além da tradição no juizo que faz de Felisberto Caldeira. Chega a chamar-lhe « veneravel », qnando elle não teria ainda mais de quarenta e cínco annos e andava em explorações clandestinas, criminosas em face da lei, á testa de bandeiras. Um bandeirante veneravel é cousa que me parece impossivel: aquella funcção exclue formalmente este attributo. Tres circumstancias contribuiram para dar á figura de Felisberto o relevo que ella adquiriu na imaginação popular e de onde passou á historia: a sua rebeldia contra o fisco real, profundamente odiado pelas populações mineiras, a sua grandiosa liberalidade, que devia impressionar grandemente as imaginações

e, finalmente, a sua desventura e fim tragico. Rebelde ao poder aborrecido, bravo, fidalgo de maneiras, prodigo, dadivoso, obsequiador, liberal, expansivo, generoso, festivo, glorioso e por fim desgraçado, nelle se reuniram todas as condições para o amor e a admiração ingenua do povo. Não lhe descobrimos, e nos parece errado inculcar-lhe, outras virtudes. Aquellas aliás sobejam á sua caracterização e á explicação do seu renome. Honrado, honesto, não era; não o podia ser. Nenhuma fortuna colossal, como a delle, já se fez honestamente, mesmo na exploração de minas. Nenhum trabalho humano, por indefeso e productivo que seja, permitte fazel-as com honestidade. Era pensando nesses ricos extraordinarios que um papa, citado por Castelar no seu famoso discurso sobre a internacional, dizia que « todo o rico é ladrão ou filho de ladrão ». As immensas fortunas individuaes não são realizaveis sinão com violação da moral e do codigo, e certamente Caldeira, como os actuaes billionarios americanos, violou uma e outro. Quando o seu contracto lhe consentia apenas trabalhar com seiscentas praças, elle empregava na lavra das minas quatro mil escravos. Tivesse ou não razão o fisco, e creio que no fundo a teria, Felisberto Caldeira não foi sómente perseguido por o ter lesado; e eu propendo a crer que foi parte na sua persegui-

ção a mesma fama das suas riquezas e da sua vida opulenta e sumptuosa, mal vista pelo governo suspeitoso de Pombal, cuja cubiça farejava as presas ricas com cujos despojos se enriquecesse o erario e se locupletasse elle proprio. Camillo Castello Branco foi o primeiro que attribuiu ao genio fementido, desconfiado e violento de Pombal as grandes desventuras de Felisberto Caldeira. Fôra excellente que o Sr. Rodrigo Octavio houvesse considerado com mais demora e estudo essa hypothese, que me parece verosimil. Que Caldeira não pensasse de modo algum em aproveitar a sua fortuna e o seu prestigio para libertar a Capitania de Minas do dominio portuguez, é quasi certo; mas é tambem muito crivel que essa immensa fortuna, esse grande prestigio e popularidade do esplendido contractador, ensombrassem o suspicaz ministro. Não destoaria isso do que se sabe da sua psychologia e dos seus actos. Nem talvez possa ter outra razoavel explicação o procedimento violento e illegal tido pelo Governo portuguez com o contractador, injustamente declarado fallido, quando os seus bens e depositos davam sobejamente para o pagamento dos seus compromissos, e sem siquer lhe apurarem as contas, que jamais se apuraram. E não fôra o terremoto, Caldeira não teria talvez voltado a ver a luz do dia, sinão

coada por ferros. Houve em tudo isto um requinte de violencia e maldade que, parece, a simples lesão do fisco, mesmo aggravada do odio pessoal de magistrados portuguezes no Brazil, não explica bastantemente. Só si se prefere reconhecer que para explical-o bastava a época — o reinado de Pombal.

Não quero concluir sem dizer que o interessante livro do Sr. Rodrigo Octavio, além da vida e feitos do nababo brazileiro, tem outras feições curiosas, como a existencia nas lavras, os processos da extracção, o trabalho das minerações e lavagens e outros aspectos de uma vida que foi certamente das mais intensas e curiosas, e crueis e rudes tambem, que se já viveram no nosso paiz.

VII

O BRAZIL NAVAL

Quatro seculos de actividade maritima. Portugal e Brazil, por A. JACEGUAY e VIDAL DE OLIVEIRA. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900.

O livro dos Srs. Almirante Jaceguay e Capitão-Tenente Vidal de Oliveira obedece ao conceito, posto em tanta evidencia pelo celebre escriptor naval norte-americano, Commandante Mahan, da influencia e importancia do poder maritimo na historia. E' uma applicação, póde dizer-se, desse juizo á nossa historia.

Na parte que lhe coube escrever, a primeira do livro, trata o Sr. Vidal de Oliveira da origem da marinha de guerra portugueza, do nascimento da brazileira, das lutas da independencia e campanhas contra os rebeldes do Pará e Rio Grande e das guerras com as Republicas do

Prata. Mostra como foi a marinha que permittiu a Portugal, não só adquirir, mas conservar os seus vastos dominios do Brazil, contra as investidas francezas, inglezas e hollandezas, o seu papel na luta da independencia depois em dominar os revoltosos do extremo norte e do extremo sul, levantados contra o poder central. Sem duvida, sem este começo de marinha, feito na maior parte com navios, officiaes e tripulações portuguezas, e com mercenarios inglezes, aliás do mais alto valor, e cheios de dedicação á causa que abraçaram, como o « indomavel » Cochrane, Taylor, Greenfell e outros, a integridade do Brazil teria acaso sido quebrada, naquelles pontos ultimos do paiz, e mantida com maior difficuldade nos pontos intermedios, como a Bahia e as provincias que a acompanhassem, desassombradas de qualquer aggressão immediata, que só a marinha poderia fazer.

Demasiado succinta, como é, a exposição do Sr. Vidal de Oliveira, si tem deficiencias, que só um especialista poderia notar, é bastante para dar ao leitor commum uma idéa, sufficientemente precisa e exacta, da marinha portugueza no seu apogêo e na sua decadencia, do seu papel e influencia, da genesis da brazileira, e da sua funcção na nossa historia desde a independencia até á campanha oriental. E é de admirar e louvar que o Sr. Vidal de Oliveira

o tenha podido fazer, e com tanta proficiencia em tão poucas paginas, pondo nellas, parece, todo o essencial do seu assumpto.

O Sr. Almirante Jaceguay, na segunda e maior parte do livro, occupou-se da guerra do Paraguay, tratando especialmente das operações combinadas da esquadra brazileira e dos exercitos alliados.

Duas feições desta escripto o tornam singular na congenere literatura nacional: a primeira é que, sendo um depoimento pessoal de uma testemunha que soube ver e que sabe dizer o que viu, tem a animação, o vivido, a emoção, da cousa recontada por quem a presenciou e que ainda vibra ás sensações experimentadas; depois, o contador, sem embargo de commovido, conserva lucida a sua intelligencia de technico, a sua sciencia de profissional, e ao mesmo tempo que faz desenrolar-se o drama aos nossos olhos attentos e sofregos, vai-lhe misturando, a tempo e a proposito, as suas reflexões criticas, dizendo o seu juizo de marinheiro amestrado sobre a sua acção e cada um dos seus incidentes e peripecias. Esta nota pessoal dá á sua narrativa um sabor picante e raro em historias similhantes.

Na minha qualidade de pacifico, detesto a guerra e não tenho nenhum gosto polos livros que a tratam. Tambem é' menos que mediocre, é nulla a minha admiração pelos guerreiros.

Um philosopho, que aliás encontrou nos militares brazileiros fervorosos e não poucos adeptos, mostrou, com a sua profundeza habitual, que a coragem physica, que é a commum da guerra, é apenas uma qualidade rudimentar. As partes que se pódem admirar no homem de guerra são a energia moral, o sacrificio ao dever, a abnegação de si proprio, a mesma intelligencia, embora ao serviço de uma tarefa de morte e destruição. Mas ha obras de paz, de civilização e de humanidade, em que é maior e mais difficil a manifestação dessas qualidades. Por ellas sobrelevam a todos os guerreiros, um Livingstone, um Nansen, um Tolstoi, — ou um desses missionarios que vão sós, inermes, desamparados, levar o seu Deus ás gentes brutas e hostis, offerecendo-se impavidos á morte cruel e obscura. Pezar destes sentimentos, não me pude furtar ao interesse de que estas paginas do Sr. Jaceguay me tomaram, como me não poderia esquivar á commoção que os mesmos combates nelle descriptos me causariam, si, méro espectador, os presenciasse. O autor não é só um marinheiro que deu todas as provas de valentia e de alta capacidade profissional, na paz e na guerra, um amoroso, um apaixonado do seu officio, é ainda, ou mais, para quem, como eu, não póde avaliar em toda a sua extensão aquellas qualidades, um espirito

pouco vulgar nos que entre nós tratam armas. Lembra-me a surpreza admirativa com que os homens de letras lemos, ha uns cinco annos, a sua carta publica ao Sr. Joaquim Nabuco, *O dever do momento*. Todos reconheceram nesse marinheiro um publicista e um escriptor de raça, com todos os attributos que, cultivados, fazem os melhores. Depois o seu livro sobre *Organização naval*, os seus artigos na *Revista Maritima* e a sua interessante collaboração na *Revista Brazileira* recontando, com elegancia e desembaraço, a *Primeira missão brazileira á China*, completaram e assentaram essa primeira impressão. Conhecemol-o então, nas palestras desta Revista, como um cavalheiro, si esta palavra traduz o intraduzivel *gentleman* dos Inglezes, conversador dos mais agradaveis, variado, interessante, cheio de espirito e intelligencia, conhecendo não só o navio e a manobra, mas o gabinete de estudo, os salões, os livros, a poesia e as artes; um marinheiro forrado de um intellectual, um soldado homem de sociedade e homem de cultura, com uma vasta erudição technica e geral, sabendo nas suas minucias a historia naval do mundo, instruido por miudo na de todas as grandes guerras, desde Alexandre a Joubert e Roberts, admirando até o fetichismo o execrando Napoleão, cujas batalhas, como as de Nelson ou Farragut, não têm

para elle segredos. E não só a historia militar, sinão a politica tambem, lhe é familiar, e não sómente a historia, e as sciencias e artes que mais lhe importa saber como profissional, mas as literaturas antigas e modernas, Homero, Virgilio, Camões, os grandes poetas da navegação e do mar, e Shakespeare e Molière e toda a moderna literatura franceza. Cousa espantosa, conhece mesmo os nossos! Um dia appareceu com um volume de Gonçalves Dias; tivera uma questão com alguem sobre uns versos do poeta; levava o livro ao contendor para provar-lhe que não tinha razão. Contava bem, sem postura, e, como homem de boa sociedade, sem o defeito commum a quasi todos os nossos profissionaes, civis e militares, de aborrecer o ouvinte leigo com o vocabulario, e ás vezes mesmo a giria, da respectiva profissão. Sentia-se, porém, nesse marinheiro a nostalgia do tombadilho e do mar. Eram as cousas da marinha e da guerra maritima, todas essas invenções novas, elegantes e horriveis, que a sciencia moderna tem posto ao serviço da destruição do homem, os seus assumptos predilectos, que elle tinha a arte de nos fazer não só supportaveis, mas interessantes.

Não nos admira agora que, com todas estas qualidades, tenha o Sr. Jaceguay escripto essas paginas vivas e commoventes, relatando os ac-

tos da marinha brazileira na guerra do Paraguay. Refere-os, já o disse, como testemunha perspicaz, ou como actor excellente e convencido desse drama cruento, e analysa-os, o que se faz talvez pela primeira vez no Brazil, com a sagacidade e competencia de um estrategista naval. Pela vez primeira aqui, elle submette á critica actos dos chefes e factos da guerra, mostrando, ao que parece, aos não especialistas, como o escriptor destas linhas, á melhor luz uns e outros, e fazendo-os melhor comprehender certos aspectos daquella campanha e avaliar melhor as condições em que ella se fez, porque se prolongou por tanto tempo, e, respeito especialmente á esquadra, a importancia do seu papel nella, os seus elementos de guerra, a sua força e valor real, e como os seus chefes os souberam aproveitar.

Na sua relação destacam-se, com o relevo singular dos grandes pintores navaes, os quadros das duas grandes batalhas de Riachuelo e de Humaytá. Nem a critica de que acompanha a narrativa, arrefece-lhe a viveza e o ardor. Sob a penna do historiador critico fulgura ainda a espada do guerreiro. O seu perfil de Barroso, a explicação do procedimento, em Riachuelo, do velho marinheiro e a defesa que delle faz, toda a exposição dessa batalha emfim, é, na sua concisão, o que de melhor, si não de unico,

possue a nossa literatura no genero. Só se lhe emparelham alguns rapidos quadros, mais digressões verdadeiramente que quadros da guerra do Paraguay, feitos pelo Sr. Joaquim Nabuco no livro da vida de seu pai. E é curioso que de uma critica que tira a Barroso uma parte da sua gloria lendaria, saia entretanto o velho chefe de mar mais engrandecido, a uma melhor luz.

Destruindo a flotilha paraguaya, a batalha do Riachuelo limpou o rio Paraguay, do Passo da Patria a Humaytá, de um inimigo que podia crear á acção dos alliados naquelle rio difficuldades maiores do que já se lhes deparavam; mas sem a passagem de Humaytá difficilimo havia de ser aos alliados levar a guerra ao centro das operações do inimigo, dominal-o nos reductos da sua defesa. Uma opinião preconcebida em toda a America Meridional, e especialmente nos paizes interessados na guerra, tinha por inexpugnavel aquella fortaleza, posta a cavalleiro da estreita curva de um rio, varrendo com os seus 90 canhões todos os seus pontos, e cujo poder de ataque e resistencia era augmentado por grossas correntes lançadas através do rio, e por uma rêde do torpedos nelle mergulhados. O proprio commandante em chefe da esquadra que devia tentar a arriscadissima operação, por muitos profissionaes desaconselhada como de antemão falha, participava da-

quelle preconceito, e, prova-o exuberantemente o Sr. Jaceguay, não foi sinão obedecendo aos reclamos insistentes de Caxias, general em chefe das forças alliadas, e do governo do Rio de Janeiro, que se abalançou a emprehendel-a. Sinto devéras não poder pôr toda aqui a narração desse memoravel acto da tragedia sanguinolenta do Paraguay, feita pelo Sr. Jaceguay, que nelle foi *magna pars*.

O Sr. Jaceguay diz-nos que « o drama da passagem de Humaytá desenrolou-se em tres actos separados por intervallos que a historia ha de fixar, a despeito da confusão intencional dos factos com que a operação foi descripta nos documentos officiaes da época, interessados em attribuir-lhe a unidade que ella não teve. Houve tres passagens de Humaytá, na madrugada de 19 de Fevereiro de 1868 : a primeira foi a do *Barroso* com o seu consorte o *Rio Grande* ; a segunda foi a do *Bahia*, escoteiro, desenvencilhado do appendice do *Alagôas*, e do *Tamandaré*, irmanado com o *Pará* ; a terceira foi a do *Alagôas* só, abandonado pelo seu par que lá ia aguas acima a toda força e por uma esquadra, chamada de protecção, que ficou petrificada aguas abaixa pela inercia de seu chefe, uma esquadra em que Gonçalves commandava um navio, e onde havia outros valentes Commandantes que, como aquelle, teriam voado em

auxilio de seu bravo companheiro periclitante ».

Assistamos ao primeiro acto:

« A's 9 horas e 45 minutos como estes ainda não apparecessem e a lua nascente já mostrasse a sua claridade, por trás da matta do Chaco, o Commandante do *Barroso* mandou por um official scientificar ao Almirante que, retardados os seus companheiros, estava no emtanto prompto a avançar, com a maxima pressão na caldeira dos dous navios, Nesse entrementes distinguiu-se uma luz movendo-se sobre a agua: devia ser de um dos retardatarios. O *Barroso* poz-se logo em movimento sem parar siquer para receber o official que voltava da capitanea, o qual difficilmente conseguíu atracar ao costado do navio mediante um cabo que se lhe lançou. O Almirante reiterava a ordem de esperar, mas o *Barroso* não mais se deteve e investiu o passo só com o *Rio Grande*. Eram 3 horas. Os Paraguayos contavam, provavelmente, que, a realizar-se o ataque, os navios se apresentassem a meio rio; o *Barroso*, porém, prevalecendo-se da grande enchente, surgiu-lhes perto da Ponta de Pedras, de onde fez rumo a manter-se tanto quanto possivel proximo ao barranco. Não tardou um minuto o fogo rolante de todas as baterias sobre os dous navios, sem demora respondido pela esquadra de protecção. A primeira bala que feriu o *Barroso* na face

de vante da casamata, trazia tamanha energia accumulada, produziu choque tão violento, que dir-se-ia ter sido lançada com a intenção de fazer o navio estacar. O homem do leme atordoado abandonou a roda de governo por alguns segundos; a trepidação da muralha encouraçada em que se deu o impacto do projectil foi tão forte que causou uma contusão no braço que o Commandante tinha apoiado no batente da portinhola de vante, por onde dirigia o navio com o pratico. Em certo sentido a metaphora favorita das ordens do dia do Almirante—abobadas de balas — podia-se applicar aos dous navios exploradores, porque elles progrediam incolumes na sua rota, cruzando-se por cima delles toneladas de projectis arremessados das baterias inimigas e dos encouraçados que as canhoneavam.

« No meio do troar de mais de 300 canhões em acção, onvia-se de bordo distinctamente o estrepito das balas que devastavam a floresta do Chaco. E' possivel que o clarão das gigantescas fogueiras que, como por encanto, se accenderam na margem do Chaco para illuminarem o passo, e bem assim os reflexos do fogo que pareciam abrazar o superficie das aguas, tivessem prejudicado a visão dos artilheiros paraguayos, de modo a poder-se explicar tão grandes erros de pontaria. O que é certo é que, depois

de quasi extinctas as fogueiras, com uma luz mais suave, elles acertaram a valer nos navios que passaram mais tarde. No trajecto do *Barroso* e *Rio Grande*, desde a altura da Ponta de Pedras até o canal junto do barranco, apenas seis balas tocaram os dous navios.

« Em menos de 15 minutos estavam debaixo da bateria Londres, a pequena distancia do barranco. Foi o momento critico do trajecto, até então prodigiosamente feliz dos batedores da divisão avançada. Chegados ao ponto em que deviam manobrar para contornar o barranco, o fio mais intenso da correnteza apanhou-lhes a prôa e a acção do leme tornou-se impotente para vencer a inercia da dupla massa impellida em sentido contrario. Continuando a seguir avante, em poucos minutos encalhariam de prôa contra o barranco; parando ou andando para trás, iriam ensaccar-se nas revessas da enseada formada pela Ponta de Pedras, de onde difficilmente poderiam sair; mas, graças ao tubo acustico, disposto entre os dous navios, o Commandante do *Barroso* poude manobrar coma promptidão que o caso difficil exigia, mandando parar e logo funccionar para trás as machinas do monitor, as do seu navio sempre trabalhando para diante, a toda força, conseguindo assim, sem immobilisar-se um só instante, aproar a correnteza e em seguida fazer rumo normal ao

meio das cadeias. Proseguia o *Barroso* com a extraordinaria velocidade que o seu habil machinista sabia imprimir-lhe em taes occasiões, e já estava proximo ás cadeias, quando uma bomba de grosso calibre, explodindo ao cair n'agua, entre a prôa do monitor e o costado daquelle, levantou immensa columna liquida que alagou o convez de ambos. Só o Commandante e o pratico Echebarne, que tinham os olhos cravados para a frente, attribuiram á sua verdadeira causa aquelle espectaculoso effeito; para os demais tripulantes fôra um torpedo, e, no panico de que muitos se possuiram, indifferentes ás balas, surdiam das escotilhas e portinholas acreditando que os navios iam se submergir. O valente Antonio Joaquim saiu da torre do seu monitor para a tolda pela estreita portinhola do canhão, o que elle mesmo dizia nunca ter, antes, imaginado, fosse possivel para um homem de sua corpulencia.

« Alguns minutos mais e o foguete lançado pelo *Barroso* indicava que as cadeias tinham sido transpostas e que não havia em Humaytá obstaculos insuperaveis para a divisão avançada. Eram 3 horas e 30 minutos da manhã. »

O commandante do *Barroso*, que rompera o encanto de Humaytá, era o mesmo official que hoje nos reconta, com sobriedade de bom gosto, a sua façanha, e a quem o povo, acompa-

nhando o poeta, deu o titulo pitoresco e expressivo de Barão da Frente. Os governos são porvia de regra anti-estheticos; o imperial deu mais tarde um titulo nobiliarchico ao primeiro que passou Humaytá, mas pejou-se de confirmar-lhe aquelle, que tinha ao menos o merito da espontaneidade e o sainete da originalidade. Vejamos, porém, o ultimo acto do drama terrivel:

« Resta narrar, prosegue o Sr. Jaceguay, a passagem do *Alagôas*, o epilogo da odysséa, resumida em algumas horas, da divisão avançada. Quando elle, depois de ter sido levado pela corrente até á retaguarda da esquadra de protecção, fundeada abaixo do Humaytá, orientou-se de novo aguas acima, ao passar proximo á capitanea, o Almirante deu-lhe ordem de fundear. O Commandante Maurity, porém, seguiu ávante a investir o passo na retaguarda da columna que nelle já se achava toda empenhada. A esquadra então acclamava delirante o signal do *Barroso*. Em sua primeira communicação ao Ministro da Marinha, datada de 21 de Fevereiro, bem como na que dirigiu ao Marquez de Caxias dous dias depois, deu-se o Almirante como desobedecido, mas applaude a desobediencia estabelecendo o simile de si mesmo com Parker e do Commandante do *Alagôas* com Nelson, no conhecido episodio da

batalha de Copenhague. Em sua segunda parte mais minuciosa, ao Ministro da Marinha, de 28 de Fevereiro, o Almirante admitte a hypothese de não ter sido ouvida a sua ordem, julgando, porém, de qualquer modo, a acção altamente louvavel. O Commandante em sua parte não allude ao incidente; mas, segundo a tradição, elle ouviu distinctamente a voz de commando do Almirante. Quaesquer que tivessem sido as consequencias da resolução do commandante do *Alagôas*, de não fundear e proseguir ávante, ninguem poderá deixar de admirar o nobre impulso que a dictou, tanto mais quanto, si a intenção do Almirante era a de impedir que o monitor fosse procurar o seu lugar na linha da divisão a que pertencia, essa intenção não se tornava manifesta por uma simples ordem verbal de dar fundo, articulada á distancia no meio do fragor do combate, Além da possibilidade de não ser ouvida, a ordem podia ser interpretada como um commando incidente, sem o alcance de uma deliberação definitiva de desligar o navio da fracção da esquadra de que fazia parte. Justamente naquelle momento o *Alagôas* dava uma guinada que o approximava do *Herval*, ao qual abalroou, felizmente sem maiores consequencias; podia, pois, o commandante ter entendido que o Almirante, mandando-lhe dar fundo, tinha

tido em mente prevenir o choque que todos viam imminente.

« O que não se explica é que o Almirante, vendo o monitor vir aguas abaixo, não se tivesse preoccupado com a causa de sua separação do *Bahia*, com o qual partira conjugado; que não tivesse immediatamente mandado a bordo um de seus ajudantes de ordens para informar-se do que succedera e transmittir ao commandante a resolução que o incidente lhe tivesse inpirado. Mas, o que ha de mais singular na correspondencia do Almirante com o Ministro da Marinha, na parte relativa ao episodio do *Alagôas*, é a candidez com que elle diz que, contristava-se, todavia, de ver que o Commandante Maurity *corria á morte de um heróe*. A tomar-se ao pé da letra esta confissão, *post facto*, bem como o — siga! — intimado ao chefe Delphim, nas condições que ficaram descriptas, pareceria que o Almirante Inhaúma, que tanto relutára em admittir a praticabilidade da passagem de Humaytá, só concordára afinal em realizal-a como um holocausto de expiação necessario, de navios e de centenares de vidas.

« Volte-se á acção já prejudicada por tão longa digressão. Estivessem as machinas e o apparelho de governo do *Alagôas* funccionando com regularidade que, em sua investida desacompanhado, com o reduzido alvo que apresen-

tava, extenuados como deviam estar os artilheiros paraguayos depois de cerca de tres horas de combate, inutilizadas, como era provavel que se achassem, muitas peças, já pela celeridade do proprio fogo, já por effeito do canhoneio do inimigo, a sua passagem deveria ter sido a menos accidentada de todas naquella noite ; mas um genio mau parecia obstinar-se em desarranjar-lhe os delicados engenhos de mareação e os motores; ou os deuses, como nas lides homericas, dividiam-se entre os contendores : si era Minerva que o amparava com sua égide invulneravel, Vulcano, o divino mecanico, se teria declarado contra elle. Quando já havia montado a Ponta de Pedras, desgovernou virando a prôa aguas abaixo, perdendo assim grande parte de caminho feito para a frente. Mareado para a sua terceira investida, conseguiu avançar em zig-zag sempre desobediente ao leme, até á altura das cadeias : já clareava o dia. Subito pararam as machinas motoras por causa de uma avaria. Nos 10 minutos que foram necessarios para reparal-a, o monitor foi levado pela corrente até proximo á Ponta de Pedras. Felizmente foi esta a ultima alternativa de retrocesso forçado ; da quarta investida foi direito até acima das cadeias e poz-se fóra do alcance das ultimas baterias. Continuando a romper aguas acima, nenhum

dos nossos navios avistava pela prôa. Seu chefe e companheiro o deixára entregue a si mesmo, quando elle já não tinha siquer para protegel-o contra a sanha das baterias inimigas as sombras da noite, sem, ao menos, procurar collocar-se em posição de poder observar como terminaria o duello do monitor com a fortaleza. Mais de 200 balas de varios calibres attingiram o casco do monitor, sua torre e suas superstructuras. Estas ficaram completamente devastadas. Na couraça, porém, os projectis só produziram mossas e depressões mais ou menos profundas: uma unica das chapas da torre foi perfurada junto á aresta superior. Havia muitas cavilhas da couraça abaladas. As obras vivas, com o martellar de tantas balas na couraça, sentiram-se, e o monitor chegou a fazer de 1 1/2 a 2 pollegadas de agua por hora, á sua chegada ao Tagy.

« O constructor Level tinha motivo para orgulhar-se de sua obra ; o *Alagôas* passára por uma prova de resistencia quasi levada ao ultimo extremo, na qual se mostrára superior ao poder offensivo das baterias de Humaytá ; e a prova tinha sido levada a effeito em condições a muitos repeitos similhantes ás dessas experiencias que se fazem em polygonos de tiro, para conhecer a efficacia de uma chapa de couraça de nova fabricação ; com a differença essencial,

porém, que o alvo do *Alagôas* levava em seu bojo, como o cavallo de Troia, um punhado de impavidos guerreiros. E o Almirante Inhaúma, de bordo de sua capitanea, assistia ao cruento confronto, impassivel como Agamemnon presidindo aos jogos athleticos celebrados como ultima homenagem aos manes de Patroclo. »

Têm este caracter e esta animação quasi todas as paginas da narrativa do Sr. Jaceguay. O seu livro é uma contribuição preciosa para a nossa historia. O que elle refere da acção da esquadra brazileira em frente a Assumpção, é singular. Certo, a sua contribuição historica vai levantar discussões e protestos ; elle, porém, me parece bem informado e documentado para sustentar as suas affirmativas, destoantes da historia official. Aliás a historia da guerra do Paraguay está por fazer, não obstante numerosos volumes que pretendem o contrario. Esta era a impressão que eu tinha, e que o trabalho do Sr. Jaceguay confirmou.

VIII

JOSÉ DE ALENCAR E O SEU DRAMA « O JESUITA »

O Jesuita, drama em quatro actos, por José de Alencar, nova edição, H. Garnier. Rio de Janeiro, 1900.

I

Esta peça do autor do *Demonio familiar* e de *Mãi* foi no seu tempo, ha quasi trinta annos, um acontecimento literario, quasi estou em dizer um escandalo literario. Não o provocou, porém, o puro interesse da literatura ou da arte. Comquanto escripta bons doze annos antes, subiu á scena em plena effervescencia da questão religiosa, trazendo uma originalidade, ou uma singularidade escandalosa, qual a de fazer, contra o preconceito corrente, a opinião univer-

sal, o exemplo de Eugenio Sue, então no resto da sua voga, de Rebello da Silva, e de quantos escriptores se aproveitaram dos jesuitas nas suas ficções, de um membro da malsinada e illustre companhia uma figura sympathica. O theatro tem a sua esthetica especial, mais que a de qualquer outro genero literario estreitamente determinada pelo gosto, pela opinião, pelo sentimento do povo que o frequenta. Dahi a sua relativa inferioridade comparada a outras especies literarias que deixam ao artista mais independencia, não só de inspiração e execução, mas ainda de processos e modalidades estheticas. Considerado em massa, o publico frequentador de theatros, o mais esclarecido como o mais ignaro, tem uma opinião feita, preconcebida, stratificada, sobre certos typos historicos. O do jesuita é um desses, indelevelmente fixado na mente popular. Apresental-o no theatro sob aspecto differente da sua imagem classica, quando mesmo sob a nova feição fosse mais exacta, era uma audacia de artista de seguro mau exito, pois que contrariava a concepção universal desse typo. Foi o que aconteceu com o drama de Alencar.

Esta podia ser a razão geral do mallogro desta peça, independentemente dos defeitos que, como obra de theatro, pudesse ter. Mas a ella juntou-se uma outra, creada pelo momento

em que foi representada. Era ao tempo em que o levante de dous bispos contra as pretenções do regalismo constitucional sublevara primeiro os pretensos catholicos, que á sombra do poder civil julgavam licito antepôr os seus direitos de cidadãos ao seu dever de fieis, depois os espiritos liberaes receiosos da acção ultramontana, como então se dizia, e dispostos a contrastal-a.

O conflicto que nas suas origens, uma mesquinha contenda sobre a compatibilidade das opas das irmandades com os aventaes dos pedreiros livres, — thema acaso adequado a um poema heróe-comico, — transformou-se em luta aberta entre dous prelados do episcopado brazileiro de um lado, a maçonaria, os livres pensadores e o governo cívil de outro. Os jornalistas liberaes, e á frente delles o principal advogado da Maçonaria, Ganganelli, Joaquim Saldanha Marinho, os publicistas e parlamentares anti-clericaes, os membro de governo — um governo conservador — de então, seus parciaes ou assalariados, trouxeram para a luta todas as razões que o livre pensamento, e o lento progresso da humanidade para libertar-se de todo o jugo theologico, vem accummulando desde seculos: juridicas, sociaes, historicas, scientificas, moraes e politicas. Si em si mesma a mal appellidada « questão religiosa » pouco valia, grande foi todavia a sua importancia, menos pelas pro-

porções politicas que tomou, que pelo movimento espiritual que produziu, promovendo a discussão geral da religião tradicional, dos seus dogmas, da sua disciplina, das suas relações com o Estado, estimulando o espirito leigo e anti-clerical, obrigando á leitura e ao estudo dos criticos, dos exegetas, e dos historiadores do christianismo e da igreja catholica, fazendo-nos travar relações com os Straus, os Dœllingers, os Renans, os Littrés, e com as novas correntes do pensamento christão ou da philosophia scientifica e leiga do seculo. Do ponto de vista social, a questão religiosa foi, com a guerra do Paraguay, e a campanha da abolição, um dos tres ou quatro factores principaes da evolução do Brazil nos ultimos quarenta annos do Imperio. Nunca desde as lutas dos colonos com os jesuítas por causa dos Indios, ou desde o golpe decisivo de Pombal, este nome de Jesuita voltára a ser dito como um anathema e a soffrer os apodos como agora que mações, liberaes, livres pensadores, governistas, regalistas, republicanos se alliavam no consideral-o o inimigo ou da patria, ou da liberdade, ou da ordem, ou da sociedade civil, ou da mesma religião, que os accusavam de mal servir. Foi neste momento que um theatro do Rio de Janeiro levou á scena o drama de José de Alencar, cujo protogonista, um jesuita

de alta jerarchia na Sociedade, era nem mais nem menos que um patriota exaltado até o desvario, um precursor da independencia nacional, um vidente da nossa liberdade e da nossa grandeza. Numa cidade como Pariz, em que a opinião se faz funda e é energica, em que os frequentadores do theatro não consentem que lhes destruam as suas idéas feitas, os seus typos, os seus idolos, a peça de Alencar, em vez de ter caido pela indifferença ou fria hostilidade do publico, teria sido retirada da scena pela tyrannia da platéa, sob uma vaia colossal, acompanhada talvez de vias de facto. Sobejam exemplos disto ali, desde as magnificas luctas do drama romantico contra o drama pseudo-classico até o *Thermidor*, de Sardou, que é de hontem. E si a Inglaterra teve, pela grande voz e largo gesto de Irving, as primicias do *Robespierre* do mesmo autor, é que o publico pariziense não deixaria, talvez, ir a peça até o fim, si um theatro se arriscasse a montal-a.

Alencar não era de modo algum um philosopho para conformar-se com a maneira por que o publico fluminense o acolheu a elle e á sua obra. Era um artista nervoso e nimiamente susceptivel, um sensitivo, uma alma de uma impressionabilidade doentia, um delicado, apto a se offender de tudo. Não fôra assim, elle

começaria por comprehender que o seu drama era um verdadeiro desafio ao sentimento da occasião, que não podia ser sinão mal recebido, e que só havia duas cousas a fazer, ou retiral-o por se furtar á dôr de um desastre, que a sua sensibilidade tomaria quasi como uma affronta pessoal; ou ir bizarramente com elle á scena, arrostando os preconceitos e os sentimentos do publico, sotopondo a sua arte aos juizos do vulgo, menosprezando de antemão o exito, qualquer que elle fosse, sobrepondo a tudo a confiança na sua inspiração, a sua sinceridade de artista, a sua convicção de pensador, prompto finalmente a sorrir igualmente á victoria ou á derrota. Mas seria não conhecer os escriptores, os poetas, os artistas, os simples literatos, e, principalmente, seria desconhecer por completo José de Alencar, exigir tanto. Por mais que gritem o seu desprezo pela multidão, por mais que proclamem o seu desdem pelo « vulgo vil sem nome », por mais que se encerrem na « torre de marfim » de poetas olympicos ou de intellectuaes refinados, por mais que digam que não trabalham sinão por amor de si mesmos, da sua arte, e de uma resumida escolha de iniciados, são homens, e homens mais cheios de vaidade que nenhuns outros talvez. E são todos, em maior ou menor grau, sensiveis aos applausos ou ás pateadas de uma platéa de nescios.

São como as mulheres, que nenhuma é insensivel ao gabo da sua belleza pela boca mais humilde.

Louvo de coração José de Alencar por ter deixado representar o seu drama naquelle momento, e sobretudo o louvo si elle teve consciencia de que fazendo-o affrontava directamente a opinião, e antepunha franca e lisamente a sua concepção particular de um jesuita á concepção geral do jesuita, segundo o commum dos seus espectadores. Sempre louvarei os que, no dominio espiritual, se insurgem com talento e sinceridade contra as idéas e opiniões feitas e correntes — mesmo que eu as tenha por verdadeiras. Não louvo, porém, que se haja revoltado contra o desastre do seu drama e protestado contra elle numa carta publica, junta á edição da sua peça. Essa carta é sem duvida uma bella pagina de ira, de ironia, de orgulho de artista offendido, uma pagina nervosa e vibrante, um *factum* de eloquencia agoniada, de uma grande emoção sincera e sentida — mas, na sua inspiração geral, de um mau gosto lastimavel.

José de Alencar teve, mais que nenhum escriptor brazileiro, o empenho deliberado, a vontade firme, o proposito resoluto de fazer a literatura nacional. Será essa a principal significação da sua obra em a nossa historia literaria. Havia decididamente nelle a intenção manifesta

de ser o director de um movimento das nossas letras para a sua completa emancipação, um chefe de escola. Da sua capacidade para realizar, quanto de si só dependesse, esse intento, deu elle sobeja prova na sua multipla e variada producção: contos, novellas, romances, poesia, comedias, dramas, chronicas, critica, além das suas obras de politico e publicista. Tinha tambem a fé, a vontade, a sinceridade, a constancia, a perseverança necessarias á sua obra de um instituidor espiritual, mas carecia das qualidades de apostolo, das virtudes que só podem transformar as idéas em actos, os desejos em factos, os dons de communicação, a facilidade do commercio, a sympathia pessoal, a arte de se dar a todos, o espirito de confraternidade literaria, o calôr, a expansão, a effectuosidade prompta nas relações espirituaes. Totalmente carecia da porção de charlatanismo necessaria, talvez indispensavel, a todo o exito no dominio da acção pratica. Não havia nelle nenhum cabotinismo, mesmo quando abusava no falar de si e da sua obra, no queixar-se do publico ou da critica, no lastimar-se de que a literatura e os homens de letras no Brazil não tivessem o apreço que no seu fundo amor por ella — imaginava — deviam ter. Declara elle na carta, sobre o theatro brazileiro, escripta a proposito do *Jesuita*, que certos enthusiasmos nunca os solicitou,

nem pretendia requestal-os jamais nas letras, como na politica. Da politica não direi, mas das letras seria de todo o ponto verdadeira a sua declaração, si paginas azedas e queixosas como essa não fossem indirectamente, pelo protesto contra a indifferença publica á obra geral da literatura nacional, incluindo especialmente a sua, um appello áquelle enthusiasmo. Mas, nesse mesmo reclamo, envolvido na sua queixa amarga, desdenhosa e sobranceira, tem-se prazer em reconhecer que nada se mistura de charlatanismo ou de interesse sordido. José de Alencar foi honestamente, entre todos os escriptores brazileiros, um dos mais puros amadores das letras e da gloria literaria. Desta elle tinha verdadeiramente sêde — mas a gloria é no fim de contas o povo, a mesma multidão, quem a dá, e elle era de facto incapaz, pela arripiada delicadeza da sua sensibilidade de artista, de requestal-a. Não serei eu quem lh'o reprove. Comprehendo e aprecio o que ha de alto e ligno na sua reserva aristocratica, de delicadeza pessoal na sua sensibilidade esquiva aos contactos faceis e equivocos. Com taes predicados, porém, não se é chefe ou director de escola ou de um movimento literario. Apenas se póde, como elle fez com tanto valor e convicção, prégar pelo exemplo — prégação não de todo esteril, mas cuja efficacia a falta de intel-

ligencia entre o apostolo e o publico diminue e limita.

Como todos os melancholicos — e José de Alencar o foi, é seu o informe, desde a adolescencia — os retrahidos, os misanthropos, os sensitivos, Alencar acabou por julgar-se desconhecido, menosprezado, perseguido talvez. Impressões dolorosas deste sentimento feriram-lhe a alma já de si dorida e puzeram mais azedume no seu espirito. O desapreço com que o recebeu a sua terra natal foi-lhe com certeza fundamente sensivel. A critica lhe era insupportavel. O seu espirito atormentava-se entre a aspiração da gloria, de uma popularidade a Hugo e a Herculano, e a instinctiva repulsão, sinão desdem, dos que a dão, os seus confrades em letras, os jornalistas, os leitores, que todos formam em summa o publico. A sua morbida susceptibilidade de nervoso, augmentada pelo seu isolamento de acanhado, pelo seu retrahimento de desconfiado, prejudicavam-lhe a visão exacta das cousas. Salvo pelos seus pares da politica que nunca o estimaram, pelo sentir convencido da sua superioridade e intimamente desdenhoso delles, ou sómente por ser um puro intellectual, um artista desgarrado entre elles, o publico brazileiro, tanto quanto disso é capaz, o admirava e estimava. Não o amava, é certo; nem elle era, ou lhe parecia, amavel. A moci-

dade das escolas, posso dar o meu testemunho pessoal, lia-o fiel e assiduamente, orgulhava-se de um tal patricio, procurava o ver, com a eterna curiosidade, que é uma fórma de culto, de conhecer o homem illustre. A sociedade do Rio de Janeiro lêra mais os seus livros, os seus folhetins, as suas criticas do que hoje lê os mais lidos dos nossos escriptores. Suas peças foram ouvidas nos theatros com assiduidade e interesse; *O Demonio familiar* tournou-se proverbial. Seus romances tinham quasi todos segundas edições, e de cada um delles se póde dizer sem exagero que foi um successo literario. E' certo que moços como Joaquim Nabuco, Franklin Tavora, Sylvio Roméro e não sei si Tobias Barreto o atacaram, o negaram. Esse ataque deveria ter-lhe sido expecialmente afflictivo — elle o tomaria como uma ingratidão por aquelle que punha toda a sua intelligencia e todo o seu esforço espiritual em fundar a literatura patria segundo um molde determinadamente brazileiro. A negação desses moços, porém, vinha não só da propensão natural aos moços, sobretudo numa gente incapaz de veneração ou siquer de admiração, como somos, de se insurgirem contra as reputações e glorias consagradas, mas do equivoco que a attitude de José de Alencar creára entre elle e o publico. Haveria ainda nella a imitação do

que em Portugal se passára pouco antes na revolta dos moços — então ainda se não dizia novos — contra o que um dos opusculos destes chamou as theocracias literarias. Nós não eramos então, e não somos ainda agora, para comprehender e supportar a postura, de todo em todo natural e desartificiosa, de um escriptor que por temperamento evitava a popularidade banal, dava os seus livros, mas recusava a sua pessoa, e mantinha-se aristocraticamente longe não só da multidão, mas ainda da confraria literaria, e cujo orgulho, ás vezes impertinente, nem sempre tinha o bom gosto de se esconder. Um dos prazeres mais saborosos do homem é derrubar os idolos. Nesse prazer revela elle a sua eterna e legitima aspiração pela igualdade, comprehendendo instinctamente que toda a especie de superioridade é para ella uma ameaça e um perigo. Os jovens escriptores, os moços que chegavam para as letras, imaginavam em José de Alencar uma hostilidade, sinão tambem um obstaculo. Sem o conhecerem nem o experimentarem talvez, consideravam-no ou adverso ou indifferente aos seus ensaios e aspirações. Em todo o caso, não sentiam nelle protecção e apoio, mas desdem e frieza. Não duvidariam acclamal-o por chefe, levantal-o em grito enthusiastico no concavo dos seus escudos, mas entibiava-se-lhes o ardor presentindo a sua recusa.

Para os politicos, os homens graves — gente que na nossa terra foi sempre hostil á alliança das letras com as altas cousas da governança do Estado — a macula de Alencar era ser, sobretudo, um literato; para a mocidade das escolas, para os jovens escriptores, a mancha que o ennodoava era ser um politico e viver entre politicos. E como essa mocidade era quasi toda liberal, livre pensadora, republicana, não lhe perdoava ser conservador, e conservador da velha escola, apezar das suas origens revolucionarias. De facto o Conselheiro, o Ministro de Estado, o adversario da emancipação dos escravos esfriava a admiração, a estima, o enthusiasmo da mocidade pelo autor do *Guarany* e da *Iracema*. Ella teria acaso descoberto no dramaturgo do *Jesuita* um reaccionario contra a corrente liberal que, com razão ou sem ella, não questionarei, fez do Jesuita o prototypo do inimigo de toda a liberdade e de todo o progresso na ordem espiritual.

Tambem José de Alencar nada fez jamais para desmanchar o equivoco entre elle e o publico, para fazer-se amado dos seus leitores, querido dos seus admiradores. Não o tentou a popularidade do Macedinho. Não saíu da sua « torre de marfim » para mostrar-se ás massas, armar á sua bemquerença, excitar o seu enthusiasmo; mas por uma dessas contradicções que

enchem a vida humana, por uma incoherencia que o seu nervosismo e a sua sensibilidade explicam e desculpam, lá dentro porventura deplorava, com azedume e dôr, que o não viessem tirar della para o acclamarem e celebrarem, numa homenagem que emfim saciasse a sua sêde de gloria tangivel, certa, fóra de toda a duvida.

II

Na « advertencia » anteposta á edição do seu drama, Alencar declara que quando « consentiu que o *Jesuita* fosse levado á scena, bem sabia que o entregava á indifferença publica ». Não se devem tomar muito ao pé da letra, nem acredital-as piamente, estas confissões de escriptores, dos poetas e artistas sobretudo. Alencar desmentiu-se a si mesmo no desabafo amargo, eloquente e commovido com que respondeu áquella indifferença do publico. Ha nessa bella pagina, bella pela paixão sincera que a inspirou e lhe deu as excellencias raras de expressão que a exornam, maculas deploraveis de idéas erroneas e faltas de gosto. Si a colera fez vibrar a penna do prosador com accentos da lyra indignada do poeta, empanou-lhe tambem a nitidez da visão e até do discer-

nimento do pensador e do artista. E apezar de se não illudir sobre o motivo principal e puramente esthetico do mau successo do seu drama — o seu antagonismo com o criterio predominante no theatro e com o sentimento commum do publico — o attribuiu Alencar á falta de patriotismo dos Brazileiros, á hostilidade do elemento portuguez, e, sobretudo, a uma cabala maçonica. Reduzida a outros termos a questão, e bem entendida cada uma destas causas sociaes de que o dramaturgo fez factores da desfeita que soffreu, não contesto que tivesse razão. Lamento apenas que, tendo-a, a perdesse pelo exagero, pela desproporção, pela excesso, pelo mau gosto, em summa, da sua indignação e das suas queixas. Sómente o escusa que elle não era um simples escriptor, exercendo o seu officio sem outra preoccupação que a puramente artistica ou literaria de fazel-o bem, mas se dera a si mesmo o papel de creador de uma literatura que mui sinceramente sentia alcançada pelo desastre de sua obra. Um nativismo apoucado, que a esse tempo já tinha acabado e ainda não renascêra no Brazil, se infiltra no nacionalismo de Alencar, e elle reclama para a obra de arte a protecção do patriotismo, um patriotismo de rua, que a gente se assusta de ver convocado por tal espirito a manifestar-se, nos theatros e livrarias, como ao

tempo se manifestava nas igrejas e sacristias nos dias de eleição. O que o punge no seu desastre, não é — poder-se-ia suppor — o desconhecimento, a indifferença do publico por uma obra literaria, feita com amor e sinceridade e onde elle poz, na fórma mais bella que lhe foi possivel, o seu sonho de belleza, mas que o « publico hybrido desertou da representação de um drama nacional, inspirado no sentimento patriotico, para affluir aos espectaculos estrangeiros ». E mais adiante reflecte ainda: — « Si a corda do enthusiasmo patriotico vibrasse no seio das nossas platéas, bastariam para encher um drama e animal-o, os anhelos do Brazileiro pela independencia de sua terra natal, um seculo antes desse acontecimento. » Como é que Alencar, espirito tão altivo perante a multidão, temperamento delicado e fino, verdadeira alma de artista, poude pensar sinceramente e escrever de boa fé similhante desacerto? A arte se rebaixaria si descesse a taes esperanças e a taes solicitações; si contasse para os seus triumphos com a excitação, sinão a exploração, dos sentimentos previstos do publico. Que parte ficaria, demais, ao artista si ao successo da sua obra bastasse para enchel-a e animal-a o enthusiasmo patriotico das platéas? Sem pensar, o dramaturgo do *Jesuita* tocou aqui naquella inferioridade do theatro,

posta em evidencia pela historia literaria, a sua submissão não já ao objecto, mas ao publico, ao resultado favoravel que é preciso, mediante concessões e transacções com o seu gosto, obter. Certamente ha sempre na arte uma parte que é da tendencia, do espirito do tempo, uma porção institucional, como diria um novo historiador da esthetica literaria, de concepções, de idéas, de estylo, que não pertencem de proprio ao artista. Não fôra assim, a arte não seria social, não definiria a vida, não seria a expressão da sociedade. Reconhecel-o — e quem o desconhecerá? — não amesquinha de modo algum a personalidade do artista, que, si elle é grande, póde permanecer distincta e superior ás determinações do seu meio e educação, sem embargo de lhes soffrer a influencia. Mas seria um mofino artista o que para o successo da sua obra contasse de antemão com o sentimento do publico. Magro e demeritorio triumpho seria o seu. Alencar, felizmente, não é desses artistas; não foi um revolucionario, sinão no seu proposito desarrazoado de romper com a literatura portugueza, e nas suas rebeldias sem exito contra a mesma lingua de Portugal, mas foi um artista pessoalmente independente e sobranceiro a especular com as disposições favoraveis das turbas. Com o mallogro do seu ultimo drama, elle sentiu-se individual-

mente perseguido — sentimento natural num nervoso e solitario, qual elle era. E a cabala se lhe afigurou organizada contra o escriptor que mais que nenhum se empenhava na completa emancipação da literatura nacional, e que agora na peça em má hora representada celebrava a idéa da independencia de sua patria e ao mesmo tempo, contra o sentimento geral, fazia de um jesuita um typo generoso e benemerito. A maçonaria, « essa puerilidade de homens barbados », como admiravelmente lhe chama, composta em sua maioria de Portuguezes, estaria á frente da cabala, que se realizava no theatro, cuja platéa era tambem em maioria portugueza. Diante deste facto, que a sua sensibilidade exagerava, a colera de Alencar explodiu nessas paginas, que são um documento do mais alto interesse para a sua psychologia e para a nossa historia literaria. A colera, porém, é má conselheira, e alterou a sanidade do espirito do escriptor a ponto de lhe fazer escrever esta frase : « E' certo que não appareciam os dramas originaes; mas por culpa do Governo. Mais por diante, quando occupar-me do misero estado de nosso theatro, direi o modo, aliás muito simples, de termos excellentes autores dramaticos. » Similhante affirmativa basta para mostrar quanto a sua funda paixão pela literatura nacional, excitada pelo desgosto do desastre

do seu drama, lhe turbou a clareza do espirito. A despeito das épocas de opulencia literaria indevidamente appellidadas pelos nomes dos soberanos que as presidiram, Pericles, Augusto ou Luiz XIV, são os governos absolutamente impotentes para promover o apparecimento de « dramas originaes » e ainda mais para crear « autores dramaticos excellentes ». De todos os factores que podem influenciar directamente no progresso de uma literatura, é seguramente a administração publica o menos consideravel, sobretudo desde que um povo se faz mentalmente adulto.

Si o drama *O Jesuita* caíu redondamente ante a indifferença ou má vontade do publico, a critica foi-lhe em geral mais propicia que desfavoravel. A imprensa não fez o silencio em torno delle, que é a maior injustiça ou a maior affronta que possa fazer a uma obra do valor. O proprio Alencar não desconhece a sympathia com que o trataram uma e outra. Um dos criticos mais apreciados do tempo, Luiz Leitão, espirito enthusiasta da literatura nacional de que Alencar quizera ser o creador, não hesitou em chamar ao *Jesuita* « uma das concepções mais grandiosas do cerebro humano », e pol-o acima do *Frei Luiz de Souza*, de Garett, que aliás emparelha com o *Calabar*, o *Fronteiro da Africa* e o *Gonzaga*. Não merecia o drama

de Alencar, *ni cet excès d'honneur ni cette indignité* — nem aquella hostilidade, nem estes louvores desmarcados.

Na obra dramatica de Alencar não é a melhor, mas é porventura a mais forte, a mais trabalhada, aquella em que o autor deu mais de si, em que é mais evidente o seu esforço de fazer uma grande obra de theatro. O que vale como tal, confesso, não sei dizer. A minha impressão, porém, é que lhe faltam qualidades theatraes e que sómente actores de grandes capacidades scenicas lhe poderiam dar o relevo, a vida, o movimento que as condições especiaes do theatro exigem. Si esta minha impressão é exacta, explica-se por metade a deserção do publico das suas poucas representações. E si dissermos que, com patriotismo ou sem elle, não havia no Rio de Janeiro publico para ouvir e apreciar um drama literario, simples, sem apparato nem complicações melodramaticas e demais antipathico pelo protogonista ao seu commum sentimento, quasi não precisamos para explicar-lhe o desastre da cabala maçonico-portugueza. Apenas ella, e não nego que a houvesse espontanea, natural, sem premeditação, nem calculo, lhe daria o resalto e a significação que Alencar exagerou.

Da indifferença do povo brazileiro pela suas

cousas, principalmente por aquellas, como a literatura, cuja importancia e interesse escapam ainda por completo á sua intelligencia rudimentar e á sua cultura incipiente, todos nós que escrevemos nos temos queixado ou nos queixamos. Mais discreto seria verificar o facto e mesmo lamental-o, que nos queixarmos de nós mesmos, comprehendendo que não seria avisado esperar de nós outra cousa. Não é do nosso estadio de civilização e cultura que poderiamos esperar mais. A nossa mesma sociedade chamada culta ainda não entende os nossos interesses espirituaes, ou não os sente siquer. Não cogita ao menos da sua existencia ou ainda da sua possibilidade de existir a massa popular, na maxima parte ignara. Que de estranho ha, pois, que não acuda o nosso povo ás peças nacionaes, sobretudo si ellas são literarias e fóra do alcance da sua percepção? Não lhe façamos de todo injustiça. Elle foi com assiduidade e prazer e, posso accrescentar — com patriotismo — ouvir as tragedias de Magalhães, as farças de Martins Penna, as peças de Macedo e do proprio Alencar. Nunca o theatro brazileiro foi tão florescente em autores e peças e, si posso dizer, em espectadores, como no periodo que vai da sua fundação com os dous primeiros á sua decadencia, depois dos dous ultimos escriptores. Já algures disse, quaes

me pareciam, as causas deste phenomeno (1). Não voltarei a indagal-as, mas o facto da existencia de uma época mais brilhante do nosso theatro que a dos annos de 1870 para cá me parece incontestavel. Si o Brazileiro, como o accusa José de Alencar na defeza do seu drama, não corre ao theatro nacional, não applaude incondicionalmente a peça nacional e lhe prefere a estrangeira, isso é antes com o seu gosto que com o seu patriotismo. Por mais rudimentar e grosseiro que seja o seu gosto, fundar-se-á em razões ou terá causas que nós, eu ao menos, não saberemos talvez penetrar. A psychologia do gosto e das predilecções do publico é, com effeito, difficil de acertar com ella. O patriotismo, e direi melhor, o sentimento nacional, cousa mais intima e mais funda que a virtude politica chamada patriotismo, entra por certo nella, mas as condições e proporções em que entra e em que age, escapam talvez a uma apreciação exacta. Parece-me, porém, um erro que precisamos expurgar, trazer para as preoccupações e questões literarias e artisticas o patriotismo. Com a sua significação politica, é um sentimento anti-esthetico, e póde ser em arte uma virtude negativa. Foi com elle que

(1) V. *Martins Penna e o theatro brazileiro* na segunda serie dos *Estudos de literatura brazileira.*

Pariz durante annos recusou ouvir as obras de Wagner, e é com elle que dramaturgos sem talento conseguem em toda a parte triumphos que envergonhariam sempre a um verdadeiro artista. E' um recurso ao alcance de todos, ainda dos mais mediocres, para commover as massas. Ainda ha pouco a critica franceza — e os Francezes são os profissionaes do patriotismo — quasi unanimemente reparava que o Sr. Rostand se houvesse tanto delle utilizado no seu *Aiglon*, diminuindo assim o valor da emoção que a sua obra produzia, e sobretudo a qualidade dessa emoção. Deixemos em literatura e arte o patriotismo de lado. Não quero dizer que elle não possa ser um elemento esthetico, como qualquer paixão ou virtude humana, mas ao artista cabe fazel-o tal. Tarefa aliás difficil, justamente pela facilidade com que elle se presta a esse emprego. Mas sobretudo é preciso banil-o da apreciação literaria — e não cair no erro de José de Alencar. Ser patriotica é dos ultimos merecimentos de uma obra de arte literaria, e é certamente o minimo do *Jesuita*.

Cumpre-nos estudar a nossa literatura com amor, mas sem nenhuma preoccupação desse genero. Estudal-a com a mesma indifferença dos resultados, com que estudariamos outra qualquer, não já das mais illustres, sinão das some-

nos, e procurar julgal-a com imparcialidade e justiça, apenas de um ponto de vista de extrema relatividade, sem esquecer o que somos ethnica, historica e moralmente, sem perder de vista a insignificancia da nossa cultura e as possibilidades, forçosamente limitadas, do nosso espirito. A mim, é certo, ella me interessa mais que nenhuma outra ; mas não como expressão emotiva geral, ou fonte de belleza esthetica — e como tal bem pouco me interessaria — mas como a expressão, a definição, a representação da minha terra e da minha gente.

Alencar resumiu e explicou com vagar e amor o seu drama, e chegou á conclusão de que elle lhe « saíu tão felizmente urdido no seu contexto que as mesmas figuras secundarias são indispensaveis », Quando um autor tem da sua propria obra uma opinião tão firme, a critica se lhe torna de todo impertinente, e elle a rebate com explicações que forçosamente hão de exceder os limites da modestia e do bom gosto. « A obra de arte deve dispensar commentarios do autor, e a informação condescendente do que lhe quiz pôr. Ao publico incumbe aprecial-a e descobrir quanto ella encerra, sem que lhe soprem os seus juizos, ou que procurem dictar-lhe a sua admiração. » Esta reflexão applica-a o Sr. Emilio Michel á obra das bellas artes ; com maioria de razão me parece cabivel ás da arte literaria,

cujos meios de expressão são mais vastos. Explicando o seu drama, Alencar excedeu a sua funcção de artista, e fez-se o critico de si mesmo, critico forçosamente suspeito de demasiada parcialidade. Vale a pena ler o drama; ha nelle pelo menos duas qualidades notaveis: simplicidade e força, além das qualidades literarias do autor. Afóra as suas praticas systematicas no escrever a lingua, a sua tem nesta obra uma sobriedade, uma energia, uma elegancia e uma limpidez quasi dignas de um Garrett. Não se deve, creio, levar á sua conta senões como « eu lhe amo » e que taes, poucos, e que se não repetem. A construcção e o boleio da sua frase são portuguezes de lei, apenas com as indefectiveis modificações do tempo e do lugar. O proprio drama, á leitura ao menos, é bem construido, a sua urdidura, como elle proprio notou, bem feita. Mas, á leitura, e talvez o seja menos na representação, não é empolgante, falta-lhe virtude communicativa, e emotividade; a sua força, que a tem, é por assim dizer, toda literaria.

Mas a originalidade, a distincção do drama está na sua concepção mestra, fazer de um jesuita um precursor da independencia do Brazil, na metade do seculo XVIII. Foi a pedra de escandalo de uma parte da critica e do publico, cuja opinião ordinaria sobre o jesuita se exa-

gerava e confirmava com os acontecimentos do momento. O escriptor, porém, tinha o jus de fazel-o, e de conceber um jesuita inflammado dos mais generosos sentimentos patrioticos e de independencia nacional. Que taes sentimentos podem caber na alma de um jesuita, ahi está o exemplo do padre Antonio Vieira a mostral-o. Quem mais patriota, quem mais amigo da independencia da sua patria que elle? Mas para ficar na realidade, e o fim declarado de Alencar era não sair della, cumpria que o seu jesuita fosse patriota e liberal na medida em que o póde ser um jesuita, em que o poude ser Vieira, por exemplo. Para tornar verosimil o seu jesuita, duas maneiras se offereciam a Alencar de concebel-o; fazer delle um falso jesuita, que apenas se quizesse aproveitar da influencia e poder da ordem para a causa a que votára a sua vida e intelligencia, fazendo-a seu instrumento, ou imaginal-o como um jesuita convencido, sonhando, como os seus irmãos do Paraguay, um Estado jesuitico, uma nação que elle creasse *ad majorem Dei gloriam*. Alencar o concebeu como um jesuita perfeito. O Dr. Samuel (chama-se assim o seu jesuita) « é a companhia personificada ». Não me parece. Vieira era um patriota, mas queria que a patria fosse a grande estancia do jesuitismo, e que nella tivesse em tudo a companhia preponderancia, e

por isso atreveu-se a lutar com a Inquisição e a escrever as paginas generosas em prol dos judeus e da mesma liberdade de consciencia e de cultos, paginas aliás de politico que via que taes medidas dispensavam a Inquisição dominicana e entregavam aos jesuitas o dominio espiritual pelos dominicanos exercido. Vieira ardia pela independencia de sua patria, quando o hespanhol a dominava, mas com um principe affecto á companhia e devoto seu. Na sua fé e ardente apostolado elle não separava a patria da sociedade de Jesus. A linguagem que Alencar empresta ao seu protogonista, não nos deixa suppor que esses fossem os seus sentimentos; elle fala como falaria Tiradentes; não ha sombra da doutrina especial e nitida dos jesuitas nas suas palavras, nem na sua emoção. Os seus pensamentos e a expressão que lhes dá, não são da sua época, nem do seu instituto, mas modernos e leigos, de um patriota ardente, si quizerem, mas em quem, si não nol-o dissesse o dramaturgo, se não descobriria vislumbre de uma alma de jesuita, agindo segundo as inspirações da sua doutrina, para gloria de Deus e bem do seu instituto, do qual jamais se esquecia mesmo quando mais estranhos a elle pudessem parecer as suas vontades e actos.

E', ao meu ver, a falha essencial do drama de Alencar; mas essa obra, em todo o caso

distincta, não deixa por isso de ser uma das mais nobres tentativas do grande escriptor em favor da nossa literatura, entre cujos servidores foi porventura o maior de todos.

IX

O SR. JOAQUIM NABUCO

Minha formação, por Joaquim Nabuco.
Rio de Janeiro, H. Garnier 1900

No meio do caminho da sua vida, achou-se o Sr. Joaquim Nabuco, como o Florentino, violentamente afastado do que seguia e que lhe parecia o unico direito. Perdera-o, e uma selva se lhe antolhava, escura e aspera, enchendo-o do terror do desconhecido. A matta selvagem e forte, pondo-se entre o seu passado, tudo o que elle amára e servira, com o enthusiasmo de moço e a generosidade de paladino de uma bella causa, a sua fé de cavalleiro, a sua devoção de *preux*, e um futuro que elle tinha o direito de esperar auspicioso, assombrou-o. Sentiu-se detido e preso ao trajecto já feito, ligado por uma força superior á sua vontade, o seu

sentimento e a sua razão, á larga e formosa via que vinha percorrendo, quando aquella matta se lhe atravessou na frente e o envolveu, cerrada e aterradora.

Alguma cousa de dentro della e de dentro delle convidava-o a penetral-a. Mas naquelle momento a espessa floresta lhe apparecia, aos seus sentimentos affrontados por ella, não só lobrega, mas sordida e lubrica, intrincada e perigosa, sem saida para os descampados em que o ar é livre e são.

Eu exageraria certamente dizendo que este seu livro, *Minha formação*, é uma revolta ou um protesto contra o facto brusco, mas natural, que o deteve em meio do caminho da sua vida e pol-o na contingencia de parar nelle ou de compôr-se com o acontecimento que lh'o interrompia. Politico no regimen subitamente derrubado, e seu servidor leal e convencido, seu bizarro cavalleiro andante nos seus derradeiros dias, doeu-lhe fundamente a queda de instituições que lhe pareciam ligadas á propria fortuna da patria, e da familia, sobretudo do seu velho chefe, que as encarnava. Do seu intimo desgosto, nenhum conforto lhe pareceu porventura melhor que recordar no desalento presente as cousas passadas, e como ultima homenagem ao regimen que serviu, e ao mesmo tempo nova e cavalheirosa affirmação da sua fé, re-

compôr para a sua gente a genesis do seu espirito. Já então começaria porventura a sentir aquillo que só dez annos depois se lhe aclarava no espirito; que sem ter « uma parcella do legitimismo, do direito divino » a sua « caracterização », o seu « accento tonico », era outro, « liberal, não no sentido passageiro, politico da impressão, mas no seu sentido humano, eterno », « a aspiração synthetica » da vida tinha que ser de se « não dissociar, qualquer que fosse a sua fórma de governo », dos destinos do seu paiz. No momento em que o fez, o seu leal exame de consciencia, a recapitulação raciocinada da formação do seu espirito politico e da sua crença monarchica, só podia ser, porém, a justificativa da sua abstenção, os motivos que a si mesmo e aos seus compatriotas dava da sua attitude perante o novo regimen. « A abstenção, diz um dos mestres do seu espirito, é o desforço dos conservadores vencidos », e o advento da Republica fazia do Sr. Joaquim Nabuco, momentaneamente, um conservador. Justificativa igual, jamais homem publico entre nós a fez, já não direi com tanto talento, o que, sob o aspecto moral, é secundario, mas com tanta elevação e nobreza.

O seu livro é, sem embargo das divergencias em que possamos estar com o autor e suas doutrinas, de um pensador politico, e, o que

mais é, do ponto de vista mais geral e mais alto da literatura, de um dos nossos mais completos artistas literarios. O Sr. Joaquim Nabuco, que em materia artistica e literaria é um incontentavel, não se julga assim, e uma das melhores paginas do seu livro é a em que se nega a si proprio aquella qualificação, depois de uma analyse espirituosamente fina, de que entre nós rarissimos seriam capazes, da sua idoneidade de poeta: « Quando mesmo eu tivesse recebido o dom do verso, confessa elle, teria naufragado, porque não nasci artista. Acredito ter recebido como escriptor, tudo é relativo, um pouco de sentimento, um pouco de pensamento, um pouco de poesia, o que tudo junto póde dar, em quem não teve o verso, uma certa medida de prosa rythmica; mas da arte não recebi sinão a aspiração por ella, a sensação do orgão incompleto e não formado, o pezar de que a natureza me esquecesse no seu côro, o vacuo da inspiração que me falta... »

Não quero teimar com o Sr. Joaquim Nabuco, nem saberia oppor á sua concepção do artista uma definição em que o fizesse caber; mas eu o tenho como tal, e talvez não erre dizendo que o que ha principalmente nelle mesmo, sem a capacidade do verso e sem a « faculdade de *representar*, de crear a menor *representação* das cousas », mas com um alto e forte

instincto moral, é um artista, um diletante, quasi, por vezes ao menos, um virtuose. Como escriptor, o Sr. Joaquim Nabuco tem o principal talvez dos attributos do artista e do poeta, a imaginação. Si se não póde dizer que principalmente por imagens raciocina, póde-se, todavia, verificar que o seu raciocinio se soccorre mui frequentemente dellas e o seu estylo é em summo imaginoso. Não sei que se possa negar dons de artista a quem escreveu esse admiravel capitulo *Massangana*, memoria sentida dos primeiros annos da vida no engenho daquelle nome. Custa-me resistir á tentação de trasladal-o todo para aqui, fechando com elle estas linhas apagadas. Ha ahi notada, com peregrina finura e delicada emoção, uma sensação rara, mas profundamente verdadeira, a que se póde exactamente chamar uma sensação de poeta e de artista: a saudade do escravo que desponta na alma do abolicionista triumphante, quando a escravidão desapparece: « E' que tanto (copiarei sempre este trecho) a parte do senhor era inscientemente egoista, tanto a do escravo era inscientemente generosa. A escravidão permanecerá por muito tempo como a caracteristica nacional do Brazil. Ella espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contacto foi a primeira fórma que recebeu a natureza virgem do paiz, e foi a que elle guar-

dou; ella povoou-o como si fosse uma religião natural e viva, com os seus mythos, suas legendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pezar, suas lagrimas sem amargor, seu silencio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte. E' ella o suspiro indefinivel que exhalam ao luar as nossas noites do Norte. Quanto a mim, absorvi-a no leito preto que me amammentou; ella envolveu-me como uma caricia muda toda a minha infancia; aspirei-a na dedicação dos velhos servidores que me reputavam o herdeiro presumptivo do pequeno dominio de que faziam parte... Entre mim e elles deve ter-se dado uma troca continua de sympathia, de que resultou a terna e reconhecida admiração que vim mais tarde a sentir pelo seu papel. Este pareceu-me, por contraste com o instincto mercenario da nossa época, sobrenatural á força de naturalidade humana, e no dia em que a escravidão foi abolida, senti distinctamente que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração humano se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possivel, » Tem razão o Sr. Nabuco, nem Garrisson nem John Brown comprehenderiam esta sua nostalgia do escravo; para sentil-a precisa-se de um coração de poeta, de uma alma de artista.

Minha formação é pelo seu objecto um livro politico, a historia da constituição de um pensamento politico. No seu plano inferior (é delle proprio a restricção), o Sr. Nabuco foi, como elle diz, « uma das mais consistentes figuras de nossa politica » ; mas um politico como jamais houve porventura outro no Brazil. Nascido de uma familia que poderiamos, á romana, chamar consular, logo madrugou o seu espirito para a politica. Ainda nos bancos do collegio, via seu pai, senador do Imperio, chamado ás mais altas funcções do Estado. Era politica a atmosphera caseira, como o eram as tradições da familia. Tudo o votava, pois, á politica. Mas além da feição que todas estas circumstancias iam imprimindo ao seu espirito juvenil e do nascimento prematuro das suas ambições de moço, havia nelle uma imaginação ardente, como um sentimento esthetico, que lhe fez não ver na politica sómente a fria e burocratica governança do Estado, as competencias pessoaes, a conquista do poder, as intrigas dos partidos, os manejos eleitoraes, mas um drama capaz de interessar e commover, um nobre exercicio do espirito, uma digna occupação da intelligencia. O exemplo de seu pai, politico de gabinete, mais theorico que pratico, mais jurisconsulto que estadista, homem de pensamento e de estudo, haveria dado essa primeira direcção ao seu

espirito. Os primeiros livros que meditou, ou apenas leu, o mantiveram nella; eram obras de poetas, de artistas, de literatos politicos, Lamennais, Lamartine, Pelletan, Esquiros, Quinet, Hugo, Thiers, Mignet, Luiz Blanc. Basta ver esta lista para imaginar quaes seriam as idéas em formação do adolescente que os lia. A só escolha destes autores já revela quaes as inclinações do seu espirito. E' certo que lera tambem José de Maistre e D. Donoso Cortez, mas podemos garantir que com muito menos interesse e nenhuma sympathia. Talvez o não fizesse sinão para refutar em um ensaio de precoce publicista, « com a infallibilidade dos dezesete annos », a infallibilidade do papa. Não precisa mais dizer que era em politica um liberal, do partido ao qual seu pai, liberal de espirito e de temperamento, acabava de adherir, deixando o conservador. Será necessario declarar que no joven jornalista liberal da Academia de S. Paulo havia um matiz republicano? Não se lêm naquella idade aquelles poetas, pensadores, historiadores, publicistas sem se ficar tanto ou quanto republicano. As idéas do Sr. Nabuco fluctuavam então, é elle quem nos diz, entre a monarchia e a republica, sem preferencia republicana, talvez sómente—confessa-o elle proprio—por causa da tradição da familia e da facil carreira politica que tudo lhe augurava.

Um livro, segundo elle affirma, devia tiral-o desta oscillação, a *Constituição ingleza* de Bagehot. A esse pequeno volume, de facto hoje fóra de voga, mas realmente notavel, deveu elle o que chama « a minha fixação monarchica inalteravel ».

Por via de regra, um livro só em nós influe, decidindo-nos entre tendencias oppostas, quando ha já em nós disposições sympathicas aos seus ensinamentos, quando nos achamos previamente em correspondencia de idéas com o autor. Si a influencia de Bagehot no animo do Sr. Nabuco poude ser tamanha que, segundo confessa, delle tirou, transformando-a a seu modo, toda a ferramenta com que, salvo na abolição, trabalhou em politica, foi porque já o achou preparado para aceitar os ensinamentos do eminente pensador inglez. E, justamente com aquellas duas razões que elle lisamente confessa, devia ter tido grande influxo na sua determinação pela monarchia o geito aristocratico da sua indole. Esta feição do seu temperamento, que na juventude o devia afastar da Republica, que os seus jovens collegas, como o vulgo, imaginariam consoante á sua casa descomposta de estudantes, o regimen das liberdades incommodas e das promiscuidades desagradaveis, havia mais tarde de ser, na monarchia menos ou mais que democratica, vulgar, anti-

esthetica, sem côrte e sem cerimonia, e nos nossos partidos sem ideal, sem intellectualidade, sem maneiras, sem outro ardor que não o eleitoral e o da conquista do poder, motivo de ser elle como que um corpo estranho na nossa politica.

O que sem duvida lhe infundiu Bagehot, com a admiração pelo regimen inglez, foi a veneração pela Inglaterra, o gosto das cousas inglezas, a estima á vida ingleza, o apreço da aristocracia ingleza, liberal, esclarecida, aberta, culta e superiormente distincta de todas as outras aristocracias, pela sua comprehensão do regimen moderno e sua adaptação a elle.

Entrando na politica, não sómente com a sua carta de bacharel, mas cheio de leituras, de idéas e de ambições mais altas que as dos primeiros lugares que ella lhe poderia dar, o Sr. Joaquim Nabuco entra do mesmo passo no jornalismo partidario. Felizmente para elle, o partido de seu pai estava na opposição, lugar do qual, mesmo um homem de partido póde ter idéas e publical-as. Diz-nos elle, e cremol-o, que « a vida, a sociedade, o mundo, as letras, a arte, a philosophia mesmo » eram-lhe de maior encanto que a politica. No Brazil, os partidos constitucionaes quando fóra do poder, por um singular phenomeno de mimetismo, tingiam-se de matizes republicanos. O Sr. Joaquim Na-

buco não saira de S. Paulo de todo em todo estreme de qualquer traço republicano. Não é a tôa que se é moço, americano, e se lêm assiduamente os escriptores francezes atrás citados. Na *Reforma*, jornal do seu partido, escrevendo sobre a primeira viagem do Imperador, aconselhava-o a que, « em vez de ir á *velha* Europa, fosse á *joven* America ». Este artigo era, como elle reconhece, « *quasi* republicano. » Bagehot fôra como quer que seja eclipsado por Laboulaye—um dos oragos do liberalismo do tempo. Na liguagem desse artigo dos 21 annos « encontra-se, dil-o elle proprio, um minimum de monarchismo e um maximum de republicanismo. » Isto era em 71 ; em 73, « instinctivamente, pela voz do sangue », elle se acha francamente contrario á idéa que já tinha um grande orgão na imprensa, a *Republica*, contra a qual sustentava a superioridade da fórma monarchica sobre a republicana. « Dessas idéas, escreve agora, eu não devia sair mais, como se verá ; não são como as de 1871, arrastamento, enthusiasmo, paixão ; são dessas fórmas de espirito que não deixam mais a intelligencia tomar outra fórma ; têm para ella a transparencia, a clareza da evidencia, como si fossem, e realmente são, primeiros theoremas de geometria politica. » O que subsequentemente impressiona o espirito do Sr. Nabuco, viagens pela Europa,

visita á Inglaterra, uma estação nos Estados-Unidos, o estudo dos livros, e o commercio dos homens, sensações de literatura e de arte, o espectaculo dos acontecimentos, tudo concorre para assentar e confirmar este sentimento. Em 1879 a sua formação monarchica, e, contemporaneamente, não haveria no Brazil fé monarchica mais raciocinada que a do Sr. Nabuco, era completa. E o que a fortificava, parecendo assental-a em bases indestructiveis, era que nelle a crença politica se casava admiravelmente com o sentimento monarchico com que nascêra para a vida publica, e que a impressão da Inglaterra, ao mesmo tempo liberal e aristocratica, desenvolveu. O republicanismo não podia ser nelle sinão uma flôr ephemera da sua imaginação, excitada pelo seu liberalismo innato, um fructo pêco da literatura republicana franceza. O Sr. Joaquim Nabuco só seria verdadeiramente republicano nas republicas da Renascença italiana. Foi confessadamente, e o será ainda, no Chile, nos Estados-Unidos e em França, mas porque nesses paizes ha, ao seu ver, razões especiaes, historicas e sentimentaes, para esse regimen, e mais, porque o fundo da sua constituição social ficou monarchico, e em França e no Chile, aristocratico. Politico no sentido commum da palavra e na pratica geral da cousa no Brazil, elle não o foi jamais. Nem o podia

ser; o seu temperamento é evidentemente politico; a preoccupação politica, a predominante, a tonica, como elle diria, do seu espirito; mas a politica para elle é apenas um thema literario e esthetico, um thema constantemente presente, um thema absorvente, querido, insubstituivel, mas um thema para cogitações philosophicas, observações, criticas, generalizações e construcções imaginativas. Para este artista, este diletante, a politica é o unico assumpto possivel para a sua poesia, a sua literatura, o seu sentimento das cousas humanas. Ama-a profundamente e verdadeiramente, mas apenas talvez como um estimulo, um emprego da sua intelligencia, um assumpto que lhe é familiar e, por herança, o prefere a todos. Em politica a sua ambição foi, de facto, toda « de ordem puramente intellectual, como a do orador, do poeta, do escriptor, do reformador ». Toda a occupação da sua actividade em politica tomará sempre o aspecto de um thema esthetico e literario, de um exercicio intellectual.

A mesma sua brilhante e fervorosa campanha da abolição não escapa a esta lei do seu espirito. Leiam-se neste livro as paginas que lhe consagra, e ter-se-á comprovação.

Aquelle sentimento da nostalgia da escravidão, da saudade do escravo, é o do artista que vê acabada e prompta a deixar-lhe para sempre

a officina, a obra a que dera com amor o melhor de sua vida, da sua alma, do seu talento. Só elle no Brazil poderia escrever este conceito : « A politica, felizmente para a intelligencia que nasceu com essa diathese, tem lados ainda mal definidos que confinam com a arte, a religião e a philosophia... » São esses aspectos que o tentaram e interessaram na politica, o que bastava para effectivamente o excluir della, ao menos aqui. Elle é, sobretudo, um intellectual; nada lhe parece mais nobre que o exercicio das faculdades intellectuaes, principalmente no dominio das occupações desinteressadas do espirito. Mas o seu pensamento é que « não ha em regra nada mais ingrato, mais futil, do que a producção que o individuo tira toda de si, e é o que acontece quando o talento não tem uma profissão literaria séria. » E, referindo-se aos nossos escriptores, precisa o seu pensamento : « O material em que trabalham os nossos homens de letras, são os costumes, a sociedade, quando são romancistas ou dramaturgos ; as leituras, quando são criticos ; a propria vida ou impressões quando são poetas. O material preferido é, como se vê, todo elle pouco consistente, ephemero, em parte grosseiro, em parte imprestavel ou insufficiente, e assim a producção é quasi toda facil, improvisada, sem trabalho anterior, sem investigações, sem esforço, sem tempo, sem

nenhum elemento, que revele continuidade, ambição. Faltando a disciplina e a emulação de uma especialidade, que acontece? A intelligencia contráe o habito da dissipação, da indolencia, do parasitismo; o talento relaxa-se, perde todo o peso especifico. Temos por isso uma literatura desoccupada, o nosso campo literario é composto de *flaneurs* ». Para o Sr. Nabuco a politica foi apenas o objecto da sua « profissão literaria », o « material » em que elle trabalhou. E não sendo sinão isso, admitiria que elle lhe désse tanta importancia, si não soubessemos que um signal dos verdadeiros artistas é o amor e o interesse, ás vezes exaggerados, pelo seu assumpto.

Crendo comprehender os intuitos do Sr. Joaquim Nabuco referindo-nos minuciosamente a sua formaçôo politica, não lh'o desculpariamos, si lhe não conhecessemos o seu profundo amor de escriptor e de artista pelo objecto constante da sua imaginação creadora e mais si o não houvesse feito pela maneira verdadeiramente superior por que o fez. A sua formação politica ou monarchica de facto nos não interessa, mesmo a nós, seus admiradores e amigos. Nem o Sr. Nabuco chegou a representar na politica brazileira um papel sobre o qual a sua formação especial tivesse tal effeito que valesse a pena conhecel-a. E que houvesse representado, isso

não mudaria de figura. Que importa a formação politica de um Vasconcellos, de um Paraná, de um Zacarias, de um Cotegipe? A sua obra vista de cima é ao cabo secundaria. Só a dos estadistas constructores de povos, transformadores do seu tempo, merece que se lhes descubram os intimos motivos de acção, as inspirações, crenças, estimulos a que obedeceram. E ainda entre esses é preciso distinguir. Sob o aspecto pyschologico, um Bismarck é mais interessante que um Washington. Não é a formação politica do Sr. Joaquim Nabuco que nos interessa no seu livro; é elle mesmo, e é mais a forte belleza do livro. *Ce que j'aime en vous, Madame, c'est vous même.* O Sr. Joaquim Nabuco é um dos Brazileiros mais interessantes, sinão o mais interessante, do seu tempo. Homem de letras, homem de estudo, homem de arte, homem de imaginação, poeta, critico, elle foi tambem — creio poder empregar o passado — homem do mundo, homem politico, orador parlamentar, tribuno popular, agitador de idéas e um dos chefes mais brilhantes, mais puros, mais convictos do mais consideravel movimento social que nunca teve o Brazil. E tudo isto foi com rara distincção, com talento, com graça, com superioridade — e com uma ponta de vaidade que não ia mal, antes os realçava, aos dotes encantadores do seu espirito e da sua

pessoa. Com toda a sua vida exterior de mundano e politico, de propagandista da abolição, houve sempre nelle a capacidade da vida interior : o trabalho mental applicado ás cousas mais elevadas das letras, da arte, da politica, da sociedade, a preoccupação dos problemas sociaes, o sentimento grave das responsabilidades humanas. A grande inferioridade da nossa literatura é a falta de pensamento interior que nella ha, pela carencia de vida interior nos seus cultores. Toda a obra do Sr. Nabuco revela essa vida, de que está cheia *Minha formação*. E é ella que lhe dará o lugar especial que virá a occupar nas nossas letras, porque este livro inspirado por um pensamento politico é, pela emoção que contem, uma obra literaria.

A formação politica do Sr. Nabuco é acompanhada sempre de elementos literarios e moraes, que são como que a argamassa da sua construcção monarchica. Sob o aspecto intellectual, o seu espirito se formou da mistura de elementos philosophicos e literarios diversos, predominando talvez a influencia de Renan. Esteve em moda, por seguir a Taine, metter á bulha o eclectismo de Cousin ; que somos nós todos, agora, mais, que é possivel ser, sem cair no dogmatismo positivista, sinão eclecticos? Renan, fortificando-o no seu liberalismo congenito, foi talvez o systematizador da sua tole-

rancia. A tolerancia, virtude das épocas de pouca fé, como disse fina e acertadamente um papa, é um dos fundamentos da philosophia pratica de Sr. Nabuco. Elle tem, entretanto, a fé catholica dos seus pais, a fé da sua infancia que em Londres, na sua segunda estadia na Europa, sentiu despertar, primeiro « aos vibrantes açoites do Padre Gallway, na escondida igreja dos jesuitas, em Farm Street, depois no oratorio de Brompton, respirando aquella pura e diaphana atmosphera espiritual impregnada do halito de Faber e de Newman. » A sua visita ao Vaticano annos depois o accordaria de todo para ella. Convencidamente persuadido da incompossibilidade absoluta do liberalismo com o catholicismo, não acho no meu espirito elasticidade bastante para entender a composição que faz o Sr. Nabuco das suas crenças catholicas com o seu liberalismo organico e irreductivel. Equivocar-se-á elle proprio ?

Quem sabe ? Somos muitas vezes ludibrio da nossa consciencia no que nos parece mais sincero das suas manifestações. O Sr. Joaquim Nabuco é seguramente um espirito religioso ; que seja um espirito catholico, tenho duvidas. O que é catholico nelle, como de Chateaubriand dizia Sainte-Beuve, é a imaginação. No catholicismo, o que talvez mais que tudo o impressiona, o que principalmente o com-

move, o que mórmente o prende, é o lado esthetico, a longa e gloriosa tradição historica, a arte das cathedraes e das basilicas, a lenda agiologica tão cheia de poesia e de pathetico, a situação especial e unica do papado, os mestres immortaes da Renascença, a epopéa de Dante e do Tasso, o esplendor das cerimonias, a belleza soberana de toda a construcção catholica em vinte seculos de duração e de governo. E por isso elle poude, com pureza insuspeitavel, crer-se liberal e catholico, admittir Renan e São Thomaz, tentando de boa fé para seu uso uma alliança que o papado já condemnou nos Lacordaires, nos Lamennais, nos Montalemberts e em mil outros.

X

A QUESTÃO ORTHOGRAPHICA

Não faltará quem pense que a questão é estranha á literatura. A orthographia realmente apenas terá com ella relação indirecta : nada mais que fornecer ao escriptor um modelo geral de transcripção graphica dos seus juizos. E' discutivel até que ponto faz ella parte da lingua, e já não o é mais que da grammatica não faz parte. Não faz ao menos ao mesmo titulo que a lexeologia, a phonologia ou a syntaxe. Não agrupa, examina e estuda factos naturaes, que obedeçam a certas regras do nosso espirito, mesmo a phenomenos de ordem physiologica e psychologica, e ainda ao desenvolvimento historico. As variações lexeologicas ou syntaxicas obedecem a principios que a philologia fixou com o rigor dos melhores methodos scientificos. A parte do individual e do convencional é nellas secundaria

e diminuta. No mesmo grupo de linguas, as neo-latinas ou romanas por exemplo, é possivel descobrir uma unidade lexeologica e syntactica com a qual constituir a grammatica geral, commum poderiamos dizer, dessas linguas. As influencias locaes que sobre ellas actuam differençando-as, distinguindo-as, separando-as entre si, não são ainda, ao cabo de seculos, bastantes para desunil-as de todo em todo. Ha, pois, nessa formação historica que é uma lingua alguma cousa que não é contingente, que resulta da propria estructura physio-psychologica da especie humana. Si ninguem mais crê que a lingua seja um organismo, a expressão, como metaphora, não deixa de ser excellente, e aquelle facto a justifica. Do que ha em uma lingua que faz della uma organização historica, tão caracterizada que chegou a illudir como um organismo, não faz sem duvida parte a orthographia.

A orthographia é uma convenção, uma pura convenção, como é a escripta numerica. Os seus signaes foram inventados para representar sons articulados, e para, combinados, representar vocabulos. A primeira graphia, não já de idéas, mas de palavras, devia ser phonetica. Tal era a dos Gregos quando começaram a transcrever os seus cantos, e ainda depois. Na lingua portugueza é sabido que tal foi a primitiva orthogra-

phia, desde que a lingua se começou a formar pelo seculo XII até á reacção erudita do seculo XV. Ainda no XVI grande era a irregularidade orthographica em a nossa lingua, por motivo de conflicto entre aquella reacção e o phonetismo habitual. E embora diminuida pela disciplina grammatical, pela literatura e pela divulgação da instrucção, que tendem todas a uniformar a escripta, essa irregularidade continúa consideravel.

Não só no portuguez, porém ; o conflicto entre a etymologia e a prosodia, de onde ella resulta, existe mais ou menos em todas as linguas da nossa civilização. E' na italiana e na hespanhola, onde elle é talvez menos intenso, na ultima sobretudo, na qual creio quasi já não existe. A retrograda Hespanha adiantou-se a todas as nações em materia de orthographia. Não vá ser isto argumento contra os que invejam a sua. A Italia ficou a mais de meio caminho, o que já é uma excellente posição. Não lhe custará a completar a sua evolução para uma orthographia inteiramente natural. Contra todos os especiosos argumentos dos letrados e etymologistas pela manutenção de uma orthographia erudita, bastam, como resposta victoriosa, estes dous exemplos, de dous povos de alta cultura literaria, de riquissima e gloriosa literatura , de notaveis mestres da philologia e da linguistica,

terem podido realizar ou quasi o typo ideal da orthographia na sua lingua. De reformar a sua, no sentido de simplifical-a, facilital-a, tratam todos os povos cultos. Bismarck por decreto modificou a allemã. Na Allemanha ha individuos e associações disso occupados. Na Inglaterra a reforma orthographica é um « movimento », como lá dizem. Desejam-na e reclamam-na os conselhos escolares, *meetings* e conferencias. Uma sociedade, que tem Max-Müller como um dos seus principaes membros, occupa-se especialmente da questão. Nos Estados Unidos existe sociedade identica, presidida por um linguista, o Professor March. Com ser a mais acabada, a mais perfeita, a mais culta das linguas modernas, a franceza não escapa aos inconvenientes da irregularidade orthographica, e até das anomalias syntacticas, que não têm uma explicação ou uma necessidade natural, que são propriamente vicios extirpaveis com vantagem para o organismo linguistico. Ali tambem se reclamam desde muito reformas que ao mesmo tempo uniformem e harmonizem a orthographia, simplificando-a. E ali a questão acaba de dar um grande passo.

Aceitando uma indicação do Conselho Superior de Instrucção Publica, o ministro desta repartição em França, por um decreto de 30 de Julho de 1900, promulgou uma reforma parcial

da orthographia franceza. Pela propria natureza desse acto governamental, a reforma não é taxativa. Adoptando o parecer daquella corporação, o ministro o fez nos termos em que ella lh'o apresentou, como recommendações aos examinadores sob sua jurisdicção para permittirem certas liberdades syntaxicas e orthographicas, que não serão mais contadas como erros. Não será desnecessario, em terra em que nomes valem mais que razões, dizer que assignam o parecer do Conselho Superior homens da mais alta e estimada cultura literaria, e especialmente philologica, como Gastão Paris, Gréard, A. Croiset, Paulo Meyer, para não citar sinão os de fama universal. Pois estes philologos , estes eruditos, estes professores (que é a gente mais rotineira que ha), estes grammaticos, estes escriptores, que quasi todos o são, e alguns primorosos, não duvidaram tocar não só na orthographia, mas na mesma syntaxe da lingua que é, no melhor sentido, a mais classica de todas as linguas cultas.

Eis algumas das suas reformas, pois de facto o são. Acabam com a extravagancia de syntaxe e de orthographia de escrever *quatre-vingts-francs* com *s* em *vingt* e escrever *quatre-vingt-deux francs* sem *s* ; *timbres-poste* sem *s* e *malles-postes* com *s*, *contrepoids* e *portemanteau* sem traço de união, porém *con-*

tre-coup e *porte-cigare* com traço. Toleram que os nomes proprios, em todos os casos em que venham precedidos do artigo no plural, tomem o signal do plural. Isto é que é logico, e assim se escreveu sempre em portuguez. Por ignorancia da lingua estavamos nós a dizer e a escrever erradamente os Almeida, os Cicero, os Gonzaga. E' possivel que agora, graças á reforma franceza, voltemos á boa tradição vernacula. Os nomes estrangeiros, quando de todo entrados na lingua, tomarão plural, *les exeats*, *les deficits*. Os nomes proprios se poderão escrever sem traço de união, em uma palavra só, formando o plural segundo a regra geral.

Os adjectivos *nu*, *demi*, *feu* são postos na regra geral, concordando com o substantivo quer o precedam, quer o sigam: *nus pieds*, *une demie heure, feue la reine*. Os numeraes *vingt* e *cent* poderão tomar o plural, mesmo quando seguidos de outro numeral. Poder-se-á dizer *mille* em lugar de mil: *l'an mille huit cents quatre-ving-dix*. Tambem se poderá dizer *c'est* ou *ce sont des montagnes*, e substituir o imperfeito do subjunctivo, tão pouco euphonico, pelo presente do indicativo: *Il faudrait qu'il vienne* ou *qu'il vînt*. No participio passado, acompanhado do auxiliar *avoir*, toleram que elle fique sempre invariavel ou concorde com o complemento: *les livres qne j'ai lu* ou *lus*;

la peine que j'ai pris ou *prise*. Nomes que se empregavam ora em um genero, ora em outro, conforme o sentido, como *œuvre*, *orge*, *pâques*, *période*, *amour*, *orgue*, poder-se-ão empregar no feminino em todos os sentidos, e os dous ultimos poderão ser do masculino no plural, como no sigular. Serão toleradas frases como *du bon pain*, *de la bonne viande*, *des bons fruits*, até aqui condemnadas. E ainda ha mais concessões propriamente orthographicas umas, outras que, mesmo syntaxicas, redundam em symplificações orthographicas.

O acto do ministro da Instrucção Publica provocou naturalmente discussões e tambem protestos. Em geral, porém, foi recebido sem opposição ou contrariedade formal. Em um artigo da *Revue des Deux Mondes* oppoz-lhe objecções, algumas, cumpre reconhecer, ponderosas, o Sr. Brunetière. A Academia Franceza, julgando-se menosprezada pela resolução governamental, que procedeu sem ouvil-a, parece ter votado uma indicação para que qualquer reforma seja sujeita ao seu juizo antes de ser posta em pratica nos exames universitarios. O Sr. Brunetière admitte, entretanto, em principio, a reforma. Nas « tolerancias » facultadas acha elle que « *sunt mala, sunt bona quædam, sunt mediocria plura*. Não as approvamos, diz, nem as desapprovamos em massa. » Á Academia

já lhe lembraram que, pretendendo intervir na questão, sem ser consultada, se põe em contradicção com todo o seu passado. Com effeito, a Academia não fez até aqui, em materia de lingua e de orthographia, sinão acompanhar o uso; o publico, comprehendendo os escriptores, é que faz as reformas. Ella se limitou sempre a dar-lhes ou negar-lhes, conforme as julga boas ou más, a consagracão da sua autoridade. Nos mesmos prefacios de varias edições do seu *Diccionario*, declarou-o expressamente. E é talvez por isso que o seu *Diccionario* faz lei, porque é o registro da lingua em uso « não no uso que começa — são palavras da Academia — mas no uso geralmente aceito. » Nas sete edições desse *Diccionario* publicadas de 1694 a 1878 são em crescidissimo numero as modificações orthographicas e mesmo syntacticas, aceitas e compendiadas pela Academia. Sómente nas edições de 1740 e 1762 a Academia modificou a orthographia de mais de cinco mil palavras em cerca de vinte mil que continha o *Diccionario*. São dados colhidos na presente discussão em França. Mostram bem o que vale a alarma contra a reforma, ou a suá vontade da Academia, por se ella operar independente della. Não a prejudica, porém, que a illustre companhia se intrometta na questão. Entre os signatarios do parecer aceito pelo ministro estão aca-

demicos. Um delles, o eminente pedagogista Sr. Gréard, já em 1893 apresentou á Academia um relatorio favoravel á reforma orthographica e á consagração por ella, de modificações na materia operadas pelo publico. E este relatorio foi por ella bem acolhido. Parallela á acção do Governo e do Conselho Superior de Instrucção Publica, a da Academia não póde ser sinão proveitosa á reforma, que conta no seu seio partidarios conhecidos.

A nossa lingua, muito menos policiada e disciplinada que a franceza, está, em materia de orthographia, em condições muitissimo peiores do que aquella. Ha uma orthographia franceza, determinada pela Academia, e que todos, salvo excepções excentricas muito raras, adoptam. Póde nella haver, e ha, extravagancias, mas, mesmo os que o acham, submettem-se-lhes. Não assim na lingua portugueza, que, póde-se affirmar, não tem orthographia. Herculano, Castilho, Garrett, Castello Branco, os quatro mais consideraveis escriptores da moderna literatura portugueza, cada um tem a sua graphia especial. E de cada escriptor portuguez ou brazileiro se póde dizer o mesmo. Ha, pelo menos, um ou alguns vocabulos que cada um delles escreve a seu modo. No Rio de Janeiro, e será o mesmo em Lisboa, cada jornal, cada officina typographica tem o seu modo peculiar de gra-

phar. Chama-se pittorescamente : « a orthographia da casa ».

Para esta situação singular — pois creio que em nenhuma lingua se encontra identica — concorrem a mesma infixidez e indisciplina da portugueza. Não desadoro, ao contrario, a estimo e amo, a nossa lingua. Si não a julgo ainda um perfeito intrumento de expressão do pensamento, não sou dos que a malsinam de incapacidade, ou lhe negam belleza. De parte o ão e os seus pluraes, é seguramente uma das mais harmonicas, das mais melodiosas, das mais sonoras das linguas cultas. Sómente a italiana lhe levará, sob este aspecto, a palma. E' energica como a hespanhola, e possue ainda algumas das virtudes da latina. Mas não sei si o que Venus lhe achava, para recommendar o povo que a falava á bemquerença de Jupiter — o parecer-se tanto com a latina — não será antes um prejuizo que uma vantagem. Tem varias origens a incerteza, a indecisão orthographica, e tambem syntactica, poderia dizer grammatical, da nossa lingua. Uma é, como com razão nota o Sr. Theophilo Braga, que a lingua portugueza, não seguindo a sua evolução natural, estorvada pela reacção erudita do seculo XV, não chegou a essa contracção de palavras que tanto distingue a lingua franceza. Esta só foi submettida á disciplina dos eruditos no seculo XVI, quando

a sua morphologia já constituida pelo povo não podia ser alterada. « A lingua portugueza desde que começou a ser escripta foi fixando as suas fórmas ao capricho dos traductores, e por isso as duas leis phoneticas que predominam constantemente na formação divergente das linguas romanicas — o *desapparecimento das vogaes mudas* e a queda das *consoantes médias* — pela fatalidade da natureza exerceram-se sempre na linguagem oral, mas foram modificadas na linguagem escripta. » Esta divergencia na constituição da lingua entre o elemento popular e o elemento erudito, mais frisante na lingua portugueza que talvez em nenhuma outra do grupo romanico, creou por assim dizer nella duas linguas, duas fórmas de expressões, uma erudita, outra popular, como certas linguas americanas tinham dous modos de falar, o falar dos homens e o falar das mulheres. Nenhuma outra lingua romanica terá, creio, tamanha copia de fórmas duplas como a nossa, mostrando essa divergencia. Em nenhuma tambem a linguagem literaria se distingue e separa tanto da linguagem popular, da lingua corrente. Dahi talvez provenha serem os que a escrevem por via de regra guindados, empolados mesmo, tendo todos, mais ou menos, a preoccupação daquillo que o nosso povo chama « palavra difficil » e tambem « palavrão ». A superabun-

dancia dos synonymos, a riqueza embaraçosa de palavras, com a relativa carencia de expressões caracteristicas, deu á lingua portugueza, mais talvez que á castelhana, o vicio que os Hespanhóes chamam *palavreria*. A lingua é palavrosa e os seus escriptores o são com ella. O gongorismo existia em Portugal antes de Gongora. Gongoricos são mais ou menos quasi todos os seus escriptores, ainda os modernos : Camillo o é muito, Latino Coelho muitissimo, como o foram Rebello da Silva, os Castilhos, Vasconcellos, para não citar sinão os mais caracteristicos. O proprio Herculano não escapa de todo á pecha, da qual só porventura se salvaria incolume Garrett.

Não sei si já notaram como entre nós os que não são propriamente escriptores, quando em discursos ou artigos querem « fazer literatura », cáem infallivelmente no empollado, no gongorico, na procura do « palavrão » E os mesmos escriptores não escapam a elle. Decididamente o atticismo não é uma virtude da nossa lingua e da nossa gente. Ou porque esta copia de vocabulario não fosse trabalhada por uma literatura verdadeiramente superior, humana e viva, ou porque nós não conhecemos bastante a literatura que a empregou, o certo é que no uso corrente, popular ou literario, falta á nossa lingua precisão. Dahi a necessidade, a que

mesmo um Vieira se não isentou (Herculano escreveria *exemptou*), de multiplicarem os escriptores os epithetos. Reparem, salvo nos modernissimos, filhos da influencia franceza, nós abusamos de uma longa adjectivação. E ainda nesses, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, ha mais adjectivos que nos bons escriptores francezes. Quasi não podemos marcar um matiz com um só; ou por ignorancia nossa, ou pela ignorancia que suppomos no publico, precisamos de dous e mais para o fazer. Os classicos não têm absolutamente a sciencia moderna do adjectivo, comquanto haja nelles exemplos felicissimos e de rara belleza.

A propriedade é em Vieira a qualidade dominante da sua lingua, é verdadeiramente exquisita e sorprendente no substantivo e no verbo, mas já o é muito menos no qualificativo. Em Camillo, salvo na polemica e na satyra, em que o manejo do plebeismo e mesmo do chulismo dão um forte e pittoresco sainete á sua frase, a adjectivação não tem nenhum relevo particular. Mais tem a de Eça de Queiroz ou a do Sr. Machado de Assis. Como não ha matizes, gradações, cambiantes (todos me comprehenderiam melhor si eu dissesse em uma palavra só, *nuanças*) no pensamento portuguez, gente, como elles dizem, de « pão, pão; queijo, queijo », não os ha quasi na sua lingua. Si al-

guns escriptores nella os introduziram, e mais de um com muita arte e bom gosto, foi forçando o genio, não só da lingua, mas do estylo que lhe é peculiar. Admiravel instrumento de poesia, pelo muito que foi trabalhada por poetas do mais rico éstro, a lingua portugueza deixa muito a desejar como lingua de prosa. E não fôra talvez a obra dos proceres do romantismo portuguez, ella seria acaso de todo impropria á perfeita expressão das idéas abstractas no dominio da philosophia, no dominio da critica, no dominio das generalizações especulativasde todo o genero. Não tanto, talvez, porque na sua velha literatura em prosa se não achassem os elementos da lingua necessaria a taes assumptos, mas porque em Portugal e aqui a nação é estranha á sua literatura, o que torna deficientissima a lingua corrente. Aqui se lê o Sr. Ruy Barbosa de diccionario na mão.

Estes mesmos factos são talvez causa de não ter jamais havido uma autoridade, siquer moral, que, sinão determinasse, assentasse a nossa grammatica e a nossa orthographia. Não só não exerceu essa funcção util a Academia das Sciencias de Lisboa, mas os escriptores mais eminentes não lograram jamais alcançar tal supremacia, que a sua escripta servisse a todos de norma. Aliás elles mesmos tornavam isso impossivel, escrevendo cada um a seu modo.

Delles vinha o exemplo da anarchia orthographica.

Não será tempo de pôr-lhe um termo? Portugal e nós vivemos muito do exemplo da França. Acudiu-me que o tratar-se ali desta questão poderia despertar nos dous paizes de lingua portugueza a vontade de imital-a.

Não sei que o assumpto possa parecer a alguem somenos. Sob o seu aspecto puramente literario, poderia talvez ser assim, mas a reforma da orthographia tem, persuado-me, um aspecto mais relevante, o social, e é por elle que a reforma no sentido da simplificação me parece util e necessaria.

II

Esta nossa pobre lingua portugueza não tem dous escriptores que escrevam da mesma maneira, que tenham a mesma orthographia. Haverá outra lingua que se preze de culta e que se ache nas mesmas circumstancias? Duvidamos. Em todas ou em muitas dellas, ha entre os seus estudiosos e cultores, quem conteste a excellencia dos seus modos graphicos, quem preferisse outros, quem lhes mostre incoherencias e defeitos; mas, por via de regra, todos,

até os mesmos dissidentes, seguem uma norma geral. As divergencias, quando as ha, são em tão pequeno numero e tão insignificantes que escapam á leitura corrente. Das linguas que nos são mais conhecidas e familiares, o francez, o inglez, o allemão, o italiano, o hespanhol, podemos dizer que têm uma ortographia; do portuguez essa affirmação seria temeraria. Não são só nomes proprios, as palavras exoticas, os vocabulos compostos, as expressões, personificadas ou intencionaes, cuja representação graphica na nossa lingua varia consideravelmente de escriptor para escriptor. Esse facto é commum a todas as linguas, si bem que não me arreceio de dizer, em menor gráu do que em a nossa— na qual reina a mais completa licença e para com a qual não temos o minimo sentimento de acatamento e veneração. Todos nos julgamos com o direito de cortar nesta nossa pobre lingua, como em roupa de francez. Eu sempre tive a subserviencia com que portuguezes e brazileiros, e mais brazileiros que portuguezes, transcrevemos e pronunciamos os nomes patronimicos e geographicos estrangeiros como um signal de carencia de individualidade. Todas as linguas, de regra, traduzem os nomes proprios das linguas estrangeiras, ou pelo menos os adaptam á sua prosodia e orthographia. O portuguez fez assim tambem emquanto foi a lingua de um povo

vigoroso, energico, original. Os nomes que hoje aprendemos nos nossos detestaveis compendios de geographia, em fórmas inglezas, francezas ou allemãs, foram elles os portuguezes que os deram ou revelaram ao mundo na sua lingua sonora. Quando foi da guerra da Italia com a Abyssinia, outro dia, os telegrammas que aqui se publicavam fingiam vir de *Massowah*, de *Massaouah* ou de *Massouah*, formas inglezas e francezas, para os nossos ouvidos antipathicas e arrevezadas, do nome de um porto do Mar Vermelho, que já Camões (*Lus.* X, 97), como os pilotos, chronistas e historiadores que o precederam, graphára portuguezmente *Maçuá*, expressão phonetica exacta na nossa lingua daquellas graphias ingleza e franceza. Póde haver maior desnacionalização? No Brazil ao menos, não temos mais lingua geographica, sinão uma mistura disparatada. Foi sempre a regra que cada povo reproduzisse as denominações geographicas conforme a indole phonetica da sua lingua, traduzindo-as por assim dizer, no seu vocabulario, naturalisando-as com as fórmas peculiares á sua graphia. Nas linguas chamadas latinas, essa é a norma, de que ainda se não afastam o francez, o italiano e o hespanhol. O portuguez a seguiu até que entrou a não saber de si, e a escrever e dizer de todos os modos, como gente sem lingua, sem personalidade,

sem caracter, qual essa que, vivendo em certas regiões maritimas infestadas por todas as raças e linguas, escalas do levante, ou escalas do occidente, acaba por não falar nenhuma, falando baralhadamente todas. Foi por igual sempre fôro das nossas linguas romanas trasladarem os nomes proprios, cujos correspondentes tinham. Italianos e Hespanhóes ainda são rigorosos nisso, e os Francezes tambem. Ha mais liberdade nas linguas germanicas, mas não completa. Portuguezes e Brazileiros quasi já o não fazemos, e nos inchamos de pueril vaidade escrevendo ou dizendo á estrangeira um nome que tem cabal representação portugueza. E o que é mais, não nos contentamos em tomar o nome tal qual á lingua estrangeira, o que ainda teria uma desculpa ou explicação, recebemol-o através de outra de lingua estrangeira, que o traduziu, e fazemol-o nosso. Como « burguez fidalgo », não ha nada melhor! E' exemplo Henrique Heine, que todos dizemos *Henri*, traducção franceza do *Heinrich* allemão. O mesmo com Leão Tolstoi que pronunciamos á franceza Léon, como si o nome fosse francez.

Este facto contra o genio, o uso, a longuissima praxe da lingua, prova que ella perde em individualidade e está prompta a se degradar, faz-se serva, desapparece-lhe a capacidade de resistencia. Sei que o purismo, que é a nobreza

das linguas, se não póde mais defender sem anachronismo. Desde que as linguas se puzeram em contacto directo e immediato umas com as outras, que os homens aprenderam varias linguas, que as literaturas de umas penetraram as literaturas de outras, que os mesmos povos se penetraram uns aos outros com os seus costumes, com as suas curiosidades, com as suas usanças, com os seus modos varios de conceber e de dizer, o purismo perdeu, por este só facto, o seu assento, a sua base. Nenhum escriptor, que seja verdadeiramente um escriptor vivo, será mais em lingua nenhuma purista, no sentido classico desta palavra. O material com que elle trabalha pertence por tal fórma a varios povos e linguas, ás vezes as mais diversas, que já a propria não tem sobre elle o imperio do seu vocabulario e da sua syntaxe. E' o que explica a evolução tão rapida da syntaxe nas nossas linguas modernas, e como no ultimo seculo os lexicons classicos de cada uma dellas tiveram de soffrer a invasão triumphante de legiões de palavras exoticas. Os que faziam da ignorancia das linguas estrangeiras, excepto do latim ou do grego, uma condição de perfeição na propria, do seu ponto de vista de purismo estreito não deixavam de ter razão. Um velho proverbio inglez ainda apóda de patife o que fala mais que a sua lingua. De alguma fórma a

pureza nacional do pensamento depende da pureza ethnica da lingua; e vice-versa, um pensamento estrangeiro forçando uma fórma de expressão estrangeira. Seria, porém, mal entender estes factos autorisarmo-nos delles para não zelarmos pela pureza relativa da lingua, mantendo-lhe entre as outras os seus fóros, as suas caracteristicas, as suas distincções, as suas excellencias, o que lhe constitue a personalidade. E' por salval-a justamente que a lingua literaria, em todas as linguas, se afina, se apura, se cultiva. O desleixo que notei a proposito das denominações geographicas e da reproducção dos nomes proprios na nossa lingua contemporanea, mostra quão pouco se nos dá da integridade da nossa lingua, no que ella tem de menos opiniativo.

A sua syntaxe — e já não falo da sua grammatica, onde hoje é cada cabeça, cada sentença — tem innumeros pontos que mereciam estudo que os resolvesse. Mas só o que eu chamarei o seu aspecto material, a sua maneira de graphar, a sua graphia, me parece digno de attenção aspecial e urgente. Eu confesso que não falo aqui para os esthetas. Tambem não tenho por essa especie de gente nenhuma estima especial, Que elles vejam ou não vejam numa palavra um symbolo, um signal distinctivo, uma combinação de linhas que concorrem para lhes

revelar melhor a idéa, é-me indifferente, porque é pueril. Trata-se de ensinar facilmente toda a gente a ler e escrever — o que vale infinitamente mais que as picuinhas estheticas. Trata-se mais de se fazer que uma lingua só se escreva de uma unica maneira. Quem quizer deliciar-se nos caprichos da orthographia, invente-se uma lingua para seu uso. Aliás, os que argumentam com o aspecto esthetico da escripta, não reparam no disparate que dizem. Com uma differença de trinta annos, de vinte annos, a graphia de muitas palavras varia; que fim levou a esthetica? Eu que leio, com sempre crescente prazer, Camões, numa reproducção da edição de 1572, acho tambem intenso prazer em ler Garrett, ou Gonçalves Dias, em edições da primeira metade do seculo. E quando fosse ler Herculano teria outra impressão esthetico-orthographica muito differente da que me dariam os livros de Eça de Queiroz, cheios de maiusculas? E' uma invencionice de esthetas; não ha tal cousa. Póde-se realizar uma reforma orthographica, sem escandalizar mesmo os olhos mais beatamente estheticos. Aliás, como mostrámos, a esthetica não tem nada que fazer aqui.

O facto, porém, é este: a lingua portugueza não tem orthographia, o que é um mal no ponto de vista da educação publica, e uma inferiori-

dade para uma lingua de gente civilizada. Escreve-se *idéa* = *ideia; poz* = *pôs*, *irman* = *irmã*; *grao* = *grau*, *coisa* = *cousa* e assim todos os vocabulos com o dithongo *au* em latim; *loîro* e *louro*, *ouro* e *oîro*, *thesouro* e *thesoiro*, e mil outros.

Alexandre Herculano (*Historia de Portugal*) escreve: *razão, sair*, *lagrymas, cahir*, *lição paiz*, *falar*, *vizinho, farol*, *amizade, eschola, conformidade*, *epocha*, *thio, diante*, *trair, traição, igreja, idade*, *teor*, etc. Escreve, contrahindo as proposições com os determinativos, *delle, naquelle, desta*, mas não escreve *num*. Escreve sempre *letra* (*letra apostolica*, *letras gregas* e *latinas*), mas *litteratura*. Tambem Camillo escrevia *letrado* com um *t* e *litteratura* com dous.

Latino Coelho (*Oração da Corôa*) escreve: *escola*, *falar*,, *deiante*, *cair*, *ali* (Herculano: *alli*), *ao diante*, *adiantado*, *circundava*, *época*, *pictoresco*, *esplendida*, etc. Garett occupou-se especialmente da orthographia, no seu livro *Da Educação*. « E' lastima, diz elle, ter que dar satisfacções sobre orthographia; a ninguem mais succede isto sinão a nós, que tendo uma lingua formada ha seculos, ainda (copiamol-o tal qual) não podémos sahir da anarchia orthographica em que vivêmos. » E nella estamos, tendo o mesmo Garett ainda mais para ella

contribuido com o systema que adoptou. Reformas e modificações individuaes não podem ter nenhuma influencia util para o fim de chegarmos á unidade orthographica que é sobretudo o que devemos procurar. Os tres reformadores da literatura portugueza no renascimento romantico, Herculano, Garrett e Castilho, tinham cada um a sua orthographia. Os Castilhos escreviam *seo*, *meo*, *teo*, *deos ou Deos*, *o-farão*, *é-o*, *se-educar*, *edade*, *insina*; *aponctar*, *céo*, *impresas*, *practica*, *scei* (do verbo saber), *n'um*, *manhã*. No fim dos verbos põem, ao contrario de Herculano et Garrett, *ão* e, ao envés delles, escrevem *amal-os*, *fazel-os*.

A mais perfunctoria analyse destas differentes graphias destes escriptores mostra-lhes a incoherencia, a sem razão. Por que escreve Herculano *cahir* com *h*? porque escreve *thio* com *h* e *pharol* com *f*? Não vêm ambos do grego com o *h* um e o correspondente do *ph* outro? Por que respeita a etymologia em *eschola* e já a não respeita em *igreja*? Já Latino escreve *cair*, *fallar*, *ali*, *época* e muitas outras palavras differentemente de Herculano. Certo não escreve *pictor*, mas escreve *pictoresco*, por amor do archaismo. Garrett escrevia *hynverno*, *ricco*, *fummar*, *injôo*, *sette*, *commigo*, *ceita*, *diante*, *atélli*, *apezar* e mil outras cousas mais. Os diccionarios da lingua para serem bons

deviam trazer cada palavra nas suas fórmas diversas: *systema*, *sistema*, *systhema*.

As grammaticas nos ensinavam desde meninos que o nosso systema orthographico era o mixto. A etymologia fornecia-lhe a base essencial, e depois os melhores elementos o uso, e a phonetica. Nada mais simples e claro; o resultado é o que ahi se vê. Os proprios grammaticos, e dos mais sabidos, não se entendem. Uns mandam dizer *falar*, outros *fallar*, divergindo como os escriptores. A mais recente *Grammatica Portugueza*, do Sr. Dr. Ribeiro de Vasconcelloz, lente da Universidade de Coimbra e adoptada no ensino secundario official, traz uma verdadeira reforma orthographica. De parte a accentuação, em que é prodiga, manda escrever *simplez*, *português*, *francês*, *inglês*, *noutra*, e assim com contracção todas as conjuncções de uma preposição com um determinativo, inclusive *num*, o que até aqui alguns grammaticos refugavam, *gerais*, *fundamentais*, *sam*, *pior*, *ombro*, *dithongo* (os outros todos escrevem *diphthongo*), *açucar*, *ontem*, *aí* (ahi). Mas o que a orthographia do Sr. Dr. Ribeiro de Vasconcelloz, adoptada já hoje nas aulas portuguezas, e a de outros reformadores de além-mar, como o Sr. Candido Figueiredo, tem de realmente novo, e não sei si não tambem de pittoresco, é a accentuação. Quasi a gente não

conhece mais a sua pobre lingua portugueza; rara será a palavra sem accento, leiam: *dissémos, às* (o accento grave, que de facto não existe em portuguez, entra a ter um papel), *babylónica*, *histórica*, *sciéncia*, *período*, *reünir*, (introduz-se o banido trema), *ordinário*, *ainda*, *impróprio*, *carácter*, *inútil*, *secundário*, *àquelles*, *àlém*, *colónia*, *sómente*, *sábio*, *matéria*, *simultáneamente*, *àmanhã*. Emfim, manda accentuar sempre todas as exdruxulas, quasi sempre as agudas, e ainda em muitos casos as graves. De sorte que ao cabo, quasi não ha palavra que não seja accentuada, segundo a nova orthographia.

O Sr. Candido de Figueiredo é advogado tambem de uma reforma orthographica mais ou menos nos mesmos termos, com accentos em barda. O seu *Nôvo Diccionário da Lingua Portuguêsa* (aliás é antes um vocabulario, de escasso merito, que um diccionario) é escripto nella e traz a justificação della. As modificações orthographicas doutrinadas pelos dous eruditos portuguezes, sem embargo de estreitamente apegados á etymologia, mostram que mesmo com esta base a nossa orthographia seria mais simples e mais facil do que actualmente é. Essa base, porém, no estado a que chegámos, ainda é restricta de mais e aliás os mesmos que a proclamam como unica boa, divergem no ap-

plical-a. O Sr. Candido de Figueiredo manda escrever *mãi*, *pai*, *falar*, além daquellas palavras que não ha mais etymologista que restaure na sua fórma lidima : *aghora*, *charta*, *prancto*, *mactar*, *chorda*, e outras. Taes eruditos não querem ver que em orthographia a etymologia é uma convenção como outra qualquer, que não tem nenhum caracter dogmatico, ou scientifico ou racional. A Hespanha e a Italia puderam banil-a, sem que o castelhano ou o italiano perdessem o que quer que fosse da sua derivação latina. A razão — e deu-a Julio Ribeiro ! — de com ella melhor percebermos a evolução historica do vocabulo, é indigna de attenção. Quem a não souber independemente da forma do vocabulo, no periodo a que chegaram as nossas linguas, não a aprenderá dessa fórma. Homem em italiano escreve-se sem *h*, *uomo*, o que não impede que o italiano semiculto saiba que deriva do *homo* latino, nós o escrevemos com *h*, *homem* ; ensina acaso isso aos nossos illetrados a sua origem classica ? A puerilidade da razão não lhe dava direito mesmo a esta observação. Para que a etymologia fosse tomada, segundo parece quererem os reformadores portuguezes, como o criterio unico, era preciso que, não só para o latim, mas para outra qualquer lingua, ella fosse a regra absoluta. E não é assim, e dada a copia

de palavras de toda a origem que entram na nossa lingua, cumpre-nos resolver sobre como adoptal-as, adaptal-as e graphal-as. O mesmo Sr. Candido de Figueiredo dá no supplemento do seu vocabulario *budismo* e diz: « Melhor orthographia que budhismo (note-se que acima elle mandára escrever como melhor *budhismo*) e até do que buddhismo. O grupo *dh*, em palavras simples, não é da indole da lingua portugueza. » E as geminadas *pp* e *tt* e outras, e os grupos *th* e *rh* e outros, são da indole da lingua portugueza? Eu acreditava, e continúo a acreditar, que grupos, letras, signaes nada têm com a indole das linguas. Si nós não nos servimos do *W* anglo-saxonio, é porque o transformámos no nosso *V* nas palavras que o povo adoptou. Desde o Rio de Janeiro ao Pará diz-se *vagon* ou *vagão*, e já se escreve assim, e não *wagon* ou *wagão*, que era como etymologicamente se deveria escrever. Si a etymologia deve valer sempre para o latim, deve valer tambem para o sanscrito, para o grego, para o inglez, o allemão, ou outra qualquer lingua.

Já vimos como os proprios etymologistas não estão de accordo comsigo mesmos, e com os outros mestres da mesma escola. Tudo é contra elles, a evolução da lingua, a independencia com que cada vez mais se separa do latim, as altas necessidades da disseminação de uma ins-

trucção facil e popular. A tendencia evidente da orthographia portugueza, de parte estas reacções eruditas, é para a simplificação: acabar com o duplo som do *s*; reduzir os do *x*; findar com a inutilidade das letras dobradas; supprimir as que já não soam: *tratar*, *tratado*; desprezar as de todo inuteis: *tisica*, sem o *ph* e o *y*; *época*, *éco*, *escola*; seguir a pronuncia geral, sem embargo da etymologia, *mãi*, *pai*, *igreja*, *igual*, *irmão*, *irman*; acompanhar a etymologia, quando ella favorece a simplificação, *amizade*, *vizinho*, *sair*, *cair*, *aí*, *letra*, *literatura*, *trair*, *razão*; abolir o *y*; reduzir ás fórmas duplas *idéa* — *ideia*, *coisa* — *cousa* a uma só. Não falo em orthographia phonetica, não porque tenha medo da cerebrina razão de Latino Coelho, que não respeitou sufficientemente a Academia das Sciencias para cohibir-se de manifestal-a. Elle não podia ignorar que, quando se fala de orthographia phonetica ou sonica, entende-se a orthographia que manda escrever como se deve pronunciar e não como se pronuncia. A recta escripta presuppõe a recta pronuncia. Aliás póde-se dizer *voi* e *baca* e escrever *boi* e *vaca*. Na minha terra ha homens de boa cultura que dizem claramente *canua*, *curua*, *dus* e escrevem correctamente *canôa*, *corôa*, *dous*. A orthographia é naturalmente phonetica, pois não é sinão a trans-

cripção dos sons. Os primeiros orthographos foram phonetistas. Num povo só, é possivel conseguir uma média de pronunciação; não o é, porém, em dous povos como o portuguez e o brazileiro. Basta ver as notações prosodicas de que elles se servem para se notar a differença. Ainda assim, brazileiros e portuguezes escreverão da mesma maneira a grande maioria das palavras da sua lingua, desde que não queiram levar a todo o rigor as notações dos sons e suas gradações. Creio que ninguem o contestará.

Parece ouvi dizer que a Academia das Sciencias de Lisboa trabalha numa reforma da orthographia portugueza. Ha tempos sei que o Sr. Assis Brazil propoz áquella illustre corporação que ella se entendesse para este fim com a Academia Brazileira. Ignoro que andamento teve a sua proposta. Esse seria o unico meio pratico de chegar a um resultado, que nada impedia fosse mais tarde favorecido pela acção officiosa dos dous governos. Não faltam na Academia Brazileira, além de escriptores sabedores de sua lingua e amorosos della, eruditos capazes de versarem o assumpto com competencia, Carlos de Laet, Silva Ramos, Ruy Barbosa, João Ribeiro e outros. A collaboração do Brazil numa obra destas me parece indispensavel, e quero crer que sem ella a tentativa

portugueza ficaria perdida. Não duvido dizer que não aceitariamos reacções excessivas (como escrever *çapato* e *açucar*, *português*, *francês* e *simplez*, por amor da etymologia) ou carregar todas as palavras de accentos, que na maioria dos casos não corresponderiam á nossa prosodia. Mas, creio eu, nada impedia que se viesse a chegar a um resultado pratico que acabasse com a anarchia orthographica, de que, ha mais de cincoenta annos, já se lastimava Garrett.

XI

O SR. GARCIA MEROU E O BRAZIL INTELLECTUAL

El Brazil Intellectual, Impressiones e notas literarias, por MARTIN GARCIA MÉROU, Buenos-Aires. Felice Lajouane, Editor, 1900.

Nós, nações americanas, nos desconhecemos reciproca e radicalmente. E' o que tem sido verificado pelos raros que se hão occupado de povos americanos, para lhes estudar a historia, as instituições, os costumes, a vida emfim, economica, moral ou intellectual. Um desses é o Sr. Garcia Mérou, diplomata, homem de Estado e escriptor argentino, cuja notavel bagagem literaria, além de livros consideraveis sobre a sua patria, conta mais de um de interessantes noticias sobre outros paizes da America. E' sobretudo o aspecto espiritual que nesses paizes in-

teressa ao Sr. Mérou. Elle entende seguramente que mesmo nestas nações novas, ainda algumas não de todo civilizadas, ou apenas com uma escassa e tenue camada de minguada cultura, a expressão mais interessante, mais significativa da sua vida será a da sua intelligencia. Uma civilização material, um commercio desenvolvido, uma industria florescente, caminhos de ferro, portos, telegraphos, construcções urbanas e ruraes, tudo isso póde ser feito por estrangeiros, com os seus capitaes, com a sua intelligencia e actividade, com os seus braços, com a sua sciencia e os seus machinismos importados. Uma cultura, quaesquer que sejam os soccorros que lhe traga o estrangeiro, só se faz com o genio nacional. Só ella, por isso, póde de facto dar a feição, a medida, o valor de um povo. Só ella, sobretudo, póde exprimir o que ha na sua alma, dizer as suas aspirações, manifestar as suas capacidades. Póde ser que em povos puramente imitadores essa expressão de si mesmo não tenha sinão um mediocre interesse; em todo o caso talvez não seja de todo despiciendo verifical-o.

Até aqui, ao menos, era natural e explicavel esta ignorancia em que as nações americanas viviamos umas das outras. De facto, não nos interessavamos reciprocamente. Nada tinhamos a aprender umas de outras, sinão maus exem-

plos de vida publica. A cultura em todas era rudimentar; a intelligencia em todas, somenos; a producção espiritual em todas, de segunda ordem e de segunda mão. De nenhuma haveria a aprender ou a receber nada. Os seus mais altos espiritos apenas se approximariam dos bons da cultura européa. Idéas, concepções da vida, sensações, principios, noções, emoções, sentimentos, tudo nellas, de fundo e de fórma, era de emprestimo, de imitação, tudo era reflexo. Sómente haveria um pequeno interesse em observar como reflectiam, como recebiam e reenviavam a luz vinda de outrem, e nesta operação que modificações poderia essa luz acaso ter soffrido. Esta mesma curiosidade não a incitava uma conveniencia pratica. A propria existencia politica e economica dessas nações, algumas aliás limitrophes, nos era menos presente, menos sabida, menos interessante, menos proxima, que a de qualquer das da Europa. Nem mesmo na sua patria americana se passava a nossa vida espiritual, sinão nos centros da cultura européa, e nas nossas antigas metropoles politicas.

Não acho que condemnar neste facto, que me parece ao contrario naturalissimo, e se me afigura ao envéz artificial querermos crear ficticiamente um interesse americano que não existe e ao qual somos de facto radicalmente

alheios. Elle nascerá naturalmente da approximação pratica entre os povos, que em virtude de condições geographicas e economicas especiaes, tenham forçosamente de se approximar. Antes do estabelecimento de relações commerciaes, de communicações faceis e frequentes, de trocas de productos, de relações politicas e sociaes; antes da creação, emfim, de ùm interesse reciproco entre essas nações, estou em que tudo o que se fizer para pôl-as em relações espirituaes será artificial e falho. Por ora os povos americanos têm vivido, em todos os sentidos, isolados uns dos outros.

Occupando com uma população minguada e disseminada extensos territorios, elles não têm mesmo entre si, dentro dos seus proprios limites, o contacto necessario á sua mesma cohesão e solidariedade.

Menos ainda se sentem uns aos outros. A falta quasi absoluta de vias de communicação ou o desaproveitamento das que existem, augmenta essa separação e põe entre elles muralhas mais effectivas que as da China. O problema de um espirito americano, de uma consciencia americana, de uma internacionalidade americana — si é que vale a pena tental-o — é eminentemente um problema economico. Depende inteiramente do estabelecimento de relações industriaes entre os paizes americanos,

e de communicações faceis, commodas e frequentes entre elles. Sem isto o Perú, a Bolivia, a Venezuela, o Mexico serão para nós alguma cousa mais vaga, mais indecisa, mais apagada, e muito menos interessante, que qualquer das pequenas nações européas. E nós, o Brazil, seremos para elles igualmente uma cousa indefinida e sem interesse.

Não estão já absolutamente no mesmo caso o Chile, a Argentina e o Uruguay, como não estão os Estados-Unidos. Mas, seguramente, das nações da America a que, pela sua posição geographica, pela sua proximidade da nossa capital, pelo seu desenvolvimento economico nas suas relações comnosco, pelos interesses politicos que a attráem para nós, está destinada a manter com o Brazil mais estreitas, e devemos todos desejar, mais cordiaes relações, é a Argentina. Já é com ella que mais avulta o nosso commercio no continente, e tudo parece indicar que as relações por elle creadas tendem a augmentar consideravelmente.

Ha, pois, motivo para que se crie entre e Brazil e a Argentina uma corrente de curiosidade, de sympathia, de interesses de toda a ordem. A Europa, é a minha convicção, manterá ainda por larguissimos seculos, sinão para sempre, a sua supremacia espiritual, mas dentro de dous ou tres seculos a America, ou, pelo

menos, alguns paizes da America, competirão com ella na disseminação da cultura. O que estamos hoje fazendo para reproduzir aqui a alta civilização que de lá trouxeram as gentes que fundaram estas nacionalidades, tem já, sob o aspecto do futuro, o seu interesse, e duas nações, como a Argentina e o Brazil, que devem ter as mais estreitas relações economicas e sociaes, sentem instinctivamente que cada uma dellas tem uma feição por onde sobretudo valerá na obra do progresso em que ambas se empenham.

Foi certamente com estes pensamentos e intuitos que o Sr. Garcia Mérou estudou, com tanta intelligencia e sympathia, no livro que acaba de publicar, a nossa vida intellectual. As finezas de benevolencia com que nelle se occupou do obscuro escriptor destes *Estudos*, de alguma sorte restringem-me a liberdade de dizer todo o bem que merece. Mas a simples exposição de como o concebeu e realizou, basta-lhe como o melhor e mais encarecido elogio.

O Sr. Garcia Mérou foi Ministro Plenipotenciario do seu paiz no Rio de Janeiro. Aqui conheceu os nossos homens de letras e as suas obras, que não sómente leu, mas estudou e meditou. Trazia um nome laureado de poeta e prosador. Publicára já onze volumes de poesias, de critica e estudos literarios, de viagens e

memorias, além de um notavel estudo critico sobre João Baptista Alberdi, o grande pensador e publicista da sua patria, e outro sobre o poeta Echeverria. Hoje accrescentou-lhes mais dous volumes da *Historia de la Republica Argentina* de 1815 a 1870, e um de *Estudios Americanos*. Como um homem do antigo continente, o Sr. Garcia Mérou, diplomata, plenipotenciario no Brazil, nos Estados-Unidos ou no Mexico, Ministro da Agricultura, não acha incompativel a actividade da politica com as letras, e acha tempo para redigir notas, relatorios e circulares e escrever livros que demandam estudo e reflexão. Aliás, na sua terra os melhores homens de Estado, os homens publicos mais consideraveis, foram escriptores, poetas ou publicistas ; Sarmiento, Bartholomeu Mitre, Alberdi, João Maria Gutierrez, Saenz Peña, os Quesadas, Nicoláo Avellaneda, Calvo, Zeballos, Miguel Cané, Pellegrini, Ramon Carcano, Agostinho de Vedia, e muitos outros, são disso exemplo. O Sr. Garcia Mérou continúa com talento e distincção essa tradição gloriosa. Elle é, sem nenhum estreito preconceito continentalista, ao contrario, com uma larga admiração pela cultura européa, a nossa *alma mater*, um enthusiasta da cultura americana. E' nella talvez que elle enxerga a salvação da America.

De todas as literaturas sul-americanas, ne-

nhuma, affirma o Sr. Mérou, é tão pouco conhecida na Republica Argentina como a nossa. No momento em que fazia o seu livro, não conhecia elle escripto ali sobre nós sinão uma « interessante analyse » da *Confederação dos Tamoyos*, de Magalhães, por João Maria Gutierrez, alguns juizos literarios de Ernesto Quesada, « a soberba descripção de um trecho da natureza fluminense que enquadra uma das bellas scenas do *Fruto prohibido*, de Groussac » e as « paginas ligeiras » que lhe dedicou Sarmiento nas suas *Viagens*. Salvo erro grande, não seria mais, si tanto fosse, o que pudessemos por nossa parte mostrar da nossa sciencia da vida espiritual argentina. E si hoje, graças ao livro do Sr. Mérou, elles estão em condições de avaliar da nossa, com informação segura, nós continuamos, a respeito da sua, na mesma ignorancia. Aos que tenham vontade de sair della, tomo a liberdade de recommendar com justo encarecimento o *Juan Baptista Alberdi*, os *Libros y autores*, os *Recuerdos literarios*, as *Confidencias literarias* e o *Ensayo sobre Echeverria*, do mesmo Sr. Garcia Mérou. Estes livros lhes darão um quadro que parece exacto, e é animado e vivo, da vida intellectual argentina. Convem tambem ler o interessante estudo literario do Sr. Araripe Junior sobre o Sr. Mérou, e os dous bons artigos que sobre

este literato argentino publicou na *Revista Brazileira* o Visconde de Taunay.

E' pelo estudo particularizado da personalidade e da obra do Sr. Sylvio Roméro, que enceta o Sr. Mérou o da nossa actualidade intellectual. Porque este é especialmente o objecto do seu livro, de « impressões » como elle claramente declara. Nem o escriptor argentino se propoz, tambem lisamente o confessa, « fazer um estudo methodico e minucioso do desenvolvimento intellectual do Brazil », nem remontar aos nossos primordios literarios. Entretanto desses mesmos se informa, guiado pelo Sr. Sylvio Roméro, conservando entretanto sempre a liberdade do seu juizo. Acompanha as analyses do *Caramurú* e do *Uruguay*, de traducções correctas e elegantes, em verso, dos trechos afamados dos dous poemas. As suas referencias aos poetas do nosso romantismo, como ainda aos do periodo pseudo-classico, aos Mineiros, são de quem os conheee mais que da méra informação do historiador da nossa literatura. Uma traducção homeometrica e quasi completa do *Y-Juca-pirama*, de Gonçalves Dias, dirá aos Argentinos a que altura se elevou a musa brazileira. O estudo do Sr. Sylvio Roméro e de sua obra poz o Sr. Mérou no amago da questão do nosso movimento intellectual contemporaneo, que era o seu principal objecto. Quaesquer

que sejam os defeitos dessa obra, defeitos que são os do temperamento do escriptor, ella representa uma acção fecunda nas nossas letras, e pela sua vastidão e complexidade, em todo o nosso movimento intellectual. Os seus senões são manifestos, mas si ella não vale pelo que encerra de correcção e verdade, si é facil mostrar nella, como com tanto espirito e delicadeza fez o Sr. Mérou, as numerosas e flagrantes incoherencias e contradicções de toda a especie, a paixão, o preconceito, o polemista sobrelevando ao critico, não se lhe póde negar o valor do talento, do saber, do ardor intellectual e, sobretudo, da influencia que exerceu na nossa mentalidade. E' um acontecimento literario de primeira ordem, não é uma grande obra literaria.

Reconhece-o nestas palavras o Sr. Mérou: « No seu conjunto, a obra do Sr. Roméro apresenta um quadro colorido da vida psychica de sua patria, desde a época da conquista até os nossos dias. E' a mais particularizada e extensa que sobre a materia se haja no paiz escripto. Revela no seu autor uma intelligencia poderosa, um amor apaixonado das letras, uma independencia de juizo e um valor moral que inspiram respeito. Mas, sem embargo, acabo de relel-a com attenção, e reconhecendo todas estas condições, ella me deixa no espirito um

vasio, parece-me confusa e pouco ponderada, difficulta-me construir mentalmente o vasto todo que procurou animar com o brilho de sua palavra calida e vibrante. »

E ainda, referindo-se a deficiencias apontadas dessa obra : « Essas mesmas mostram mais plenamente a sua personalidade vigorosa e permittem ver até ao fundo de sua alma de apaixonado e de combatente. Ao terminar a leitura deste livro extenso, desigual, porém nunca banal, nunca mediocre, sentimos uma viva sympathia pelo distincto escriptor que se refere com amargura ás suas lutas tenazes e aos seus intimos soffrimentos, fazendo-se justiça a si proprio, ao declarar que as idéas da sua vida concentraram-se no sonho da independencia literaria, da independencia scientifica e no reforço da emancipação politica da sua patria, e que este triplice fanal luminoso guiou as suas generosas emprezas ».

São cheias de razão e humor as suas considerações sobre Tobias Barreto, de cujos *Estudos Allemães* diz com toda a procedencia : » Não é este livro uma explicação do pensamento allemão, uma synthese da philosophia alleman, nem siquer um allegado em favor da cultura germanica, opposta á cultura latina. E' uma serie de artigos de grande variedade de themas... que apenas correspondem ao

titulo, porque reffectem todos o pensamento de algum autor allemão, citam todos algum livro allemão, encerrão todos algum hymno... á cultura, á intelligencia, á arte, ao poder da Allemanha. Si Tobias Barreto se occupa da alma da mulher, é para dizer-nos o que pensa sobre ella o distincto israelita Adolpho Jellinck ; si escreve sobre zoologia, é para falar-nos das theorias de Hœckel ; enxerga a historia religiosa do Brazil através de Julio Fröbel e de Hartmann, o que pouco esclarece o seu assumpto ; mais tarde traça um « ensaio prehistorico da literatura classica alleman fundado nas mesmas bases, assim como assignala alguns traços de literatura comparada do seculo XIX, extractados de George Brandes, que, embora, creio, não seja allemão, apparece ali como si o fôra. Analysa os estudos historicos de Renan para dar-se ao luxo de deleitar-se com Ewald, com Gratz, com Ranke, como mais tarde fala da philosophia no Brazil, para evocar « uma recordação de Kant ».

Nunca se disse com mais razão e com mais graça a nenhuma originalidade do pseudo-pensador que é Tobias Barreto, o espirito mais livresco, dos bons espiritos das nossas letras. Já creio haver dito que o livro do Sr. Mérou é um livro de sympathia ; mesmo um livro de benevolencia, accrescentarei.

Mas vê-se por estes exemplos que elle não

sacrifica a independencia do seu juizo. De Tobias Barreto acha elle que seria « flagrante injustiça » negar o esforço intellectual respeitavel de que o seu livro é o resultado, a seriedade e importancia do trabalho que representa, os nobres ideaes que o inspiraram, « o que acho, declara, é que nada do que nos diz Tobias Barreto é uma novidade para espiritos cultos da nossa época, para amadores mais ou menos profundos que tenham frequentado bibliothecas e estejam um pouco ao corrente do movimento das letras da Europa. O que eu desejaria achar nelle não é o que dizem Ewald, Hartmann, Jellinck, Ranke e outros, o que me é facil averiguar, lendo as suas obras, mas alguma cousa de original, de nativo, tirado da sua propria substancia... » Mais de uma vez tenho mettido á bulha os nossos pseudo-philosophos, que sem capacidades philosophicas — e penso piamente que não as podemos ter sem a cultura necessaria, sem o saber scientifico indispensavel (Tobias ignorava completamente as sciencias physico-mathematicas) limitam a sua philosophia á repetição dos autores cujas doutrinas mais escolhem por palpite, por sympathia de temperamento, que mediante processos de raciocinio. Tobias foi o mais eminente destes nossos philosophos.

Em capitulos extensos, ou em paginas bre-

ves e ainda em linhas ligeiras, passa o Sr. Mérou em revista a personalidade e a obra do Visconde de Taunay, dos Srs. Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Araripe Junior; os poetas das novas gerações: Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, João Ribeiro; os romancistas: Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Inglez de Souza; escriptores diversos: Rodrigo Octavio, Oliveira Lima, Affonso Celso; jornalistas: Carlos de Laet, Ferreira de Araujo, Carlos Rodrigues, Tobias Monteiro, Campos Salles e Assis Brazil. De sorte que quasi não ha aspecto da nossa vida intellectual que elle não considere por um ou mais dos que lhe parecem os seus melhores representantes. Poder-se-ia reparar que dá importancia acaso maior que a justa, aos criticos e á critica, aos escriptores sociaes e politicos, e que os romancistas e os poetas têm relativamente menos espaço no seu livro. A razão será porque aquelles lhe facilitavam mais a tarefa, dando-lhe nos seus estudos a imagem que se faziam da nossa intellectualidade. Demais, poeta e homem de letras, o Sr. Garcia Mérou é, pela tendencia principal da sua mente, um espirito votado á critica, ao estudo das sociedades, á historia, mesmo á politica. Na nossa vida intellectual o que principalmente lhe devia interessar era o nosso pensamento social, que lhe pareceu des-

cobriria melhor na obra critica dos Srs. Sylvio Roméro e Araripe Junior, na obra politica e social dos Srs. Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco, e na dos nossos publicistas. Não que elle não dê sempre ao literato o primeiro lugar; o que elle aprecia e admira, com gabos generosos, nos citados, é o escriptor, o homem de letras, o intellectual.

O seu processo de informação, pela exposição e analyse do que ha de essencial e caracteristico no obra de cada autor, é seguro e feito com intelligencia e sinceridade. Para ter uma noção exacta e sufficiente da obra do Sr. Sylvio Roméro, do Sr. Araripe Junior, do Sr. Ruy Barbosa, do Sr. Joaquim, Nabuco, basta conhecer os capitulos que lhes consagra o Sr. Mérou. E como, occupando-se della, refere-se a cousas e homens nella tratados, a José de Alencar, a Gregorio de Mattos, a poetas e escriptores, e acontecimentos, e a individuos estudados por aquelles autores, quasi nenhum nome ou facto interessante da nossa vida intellectual escapa no seu livro. Não se tirará, talvez, delle uma vista synthetica, uma somma das feições caracteristicas, das tendencias geraes do nosso espirito. Não o procurou acaso o critico; achal-o-ia entretanto, si o buscasse? E' pelo menos duvidoso. O que elle julga ter achado, e o diz com declarada sympathia, é que ha um Brazil intel-

lectual. Esforcemo-nos por não o desmentir. Será ainda o melhor meio de lhe reconhecermos a fineza do affecto e intelligencia com que nos estudou, e do talento que poz em divulgar a nossa ignoradissima vida espiritual na mais espalhada lingua da America.

XII

OS HOLLANDEZES NO BRAZIL.

O Principe de Nassau, Conde João Mauricio, Governador do Brazil neerlandez. Ensaio biographico, por M. T. N. A.

Este livro, publicado na Allemanha pelo Sr. Manoel Thomaz Alves Nogueira, dá mais do que promette. Não é um simples ensaio biographico, como indica o titulo, do illustre magnata, sinão um escorço da historia da Hollanda nas suas heroicas lutas contra o dominio hespanhol na Europa, e do Brazil hollandez, desde o começo das tentativas hollandezas contra esta possessão portugueza da corôa hespanhola até á expulsão do invasor. Era preciso um especial talento de synthese para expôr em 298 paginas, in-16, e typo grosso, tão largos e complexos acontecimentos sem sacrificar a cla-

reza e a boa ordem do discurso. Esse sacrificio não o evitou o Sr. Thomaz Alves. A architectura do seu livro é defeituosa, a sua contextura algumas vezes falha. Seu livro não tem siquer um indice, cousa que hoje só se verá em um livro brazileiro. Este foi aliás impresso na Allemanha, e traz um retrato do seu heróe, em plena virilidade, que aliás bem pouco se parece com o da celebre pintura de Francisco Post. E' antes obra de vulgarização, e como tal, sem embargo daquelles senões, estimavel, que propriamente obra de erudição.

O autor não justifica nenhuma das suas asserções com citações de fontes ou autoridades, o que só em obras puramente de vulgarização se admitte, porque então se suppõe que não contem sinão o que ha de apurado e certo no assumpto. Não parece, aliás, que nesta haja novidades, que carecessem justificadas por citações. O autor, aliás, acode de antemão a este reparo, declarando o seu livro de« leitura popular » e resultado « da laboriosa investigação de eruditos ». Eu por mim lastimo que, tendo tudo o que se precisa para dar um valioso trabalho de erudição sobre o Brazil hollandez, se houvesse o sr. Thomaz Alves limitado a essa obrinha de vulgarização, aliás, sem embargo das nossas -divergencias, boa e util. Essa historia, apezar dos meritorios trabalhos de Varnhagen, que

ainda são o que de melhor temos sobre o assumpto, está deficientemente feita. Os fragmentos publicados pelo Sr. José Hygino bastam para mostral-o, e pena realmente é que o Sr. José Hygino, com o vasto e profundo conhecimento que tem da sua parte inedita, que explorou nos Archivos hollandezes, e o seu saber da lingua hollandeza, não nos dê a historia completa e certa do Brazil neerlandez.

Em uma obra para leitura popular, não me pareceu bem a novidade de mudar, sem nos dizer porque, denominações consagradas, e que, si não me engano, não são erradas. Assim porque casa de Orania, Guilherme de Orania, em vez de Orange, como sempre se escreveu em portuguez, e se escreve nas linguas latinas, e ainda em inglez, e que me parece o certo, pois o nome é francez, e vem, como sabe o autor pertinentemente, de um principado ao sudéste da França, antecedentemente um senhorio, existente já no IX ou X seculo, e que primitivamente, no tempo dos Romanos, se chamou Arausio? João de Barneveldt, e não João de Oldenbarneveldt, chamaram sempre os historiadores francezes e inglezes, e acostumámo-nos nós sempre a lêr e a dizer na nossa lingua, ao grande Pensionario de Rotterdão, que tanta parte teve na luta contra os Hespanhóes, embora saibamos que elle se chamava *van Olden-Bar*

neveldt. Que vantagem ha em mudar, nesse livro de vulgarização, estas denominações assentadas?

No meu fraco juizo, porém, o defeito capital do livro do Sr. Thomaz Alves é a falsa luz a que elle viu o caso dos Hollandezes no Brazil. Elle tem pelos Hollandezes uma sympathia, uma preferencia, que lhe vicia o juizo e lhe não deixa ver que entre os contendores, luso-hespanhóes, como chama aos habitantes do Brazil, e o Hollandez invasor, expugnador da gente que occupava a terra, incendiario dos seus campos, perseguidor da sua religião, matador das suas mulheres e seus filhos, roubador dos seus bens, a justiça estava inteira e indiscutivel com os do Brazil. Porque sympathiza o sr. Thomaz Alves com os Hollandezes que na Europa souberam defender com tanto denodo e heroicidade a sua terra e a sua liberdade do ominoso dominio hespanhol? Porque elles defendiam essas duas cousas, e mais a sua religião, a sua tradição, a sua raça. Pois o mesmo faziam os Portuguezes, moradores ou nacionaes do Brazil, com a differença juridica a favor destes que lá os Hollandezes cairam sob o dominio da Hespanha legitimamente, segundo o direito do tempo, aqui essas populações foram atacadas de surpreza, conquistadas com violencia e tratadas segundo a barbara lei da guerra de então.

O Sr. Thomaz Alves tem o vulgar preconceito de que ao Brazil fôra melhor vingasse a conquista hollandeza. A um homem que é uma das notabilidades scientificas da Hollanda, physico distincto, principalmente na especialidade do magnetismo terrestre, e demais sociologo, autor de estudos e viagens na Australasia e especialmente na sua parte neerlandeza, e de uma viagem ao Brazil em dous volumes, que me disse quem a poude ler no original sera o mesmo tempo muito interessantete e pouco agradavel para nós, o Sr. Ryckevorsel, si lhe não erro o nome, communiquei eu uma vez esta opinião brazileira, que aliás sempre tive por errada, para não dizer mais. Respondeu-me elle que isso lisongeava o seu amor proprio nacional, mas que era um erro nosso. — Porque? — Porque si nós houvessemos dominado o Brazil, expulsando delle os Portuguezes, os senhores não existiriam. Tomei a resposta por um rasgo de vaidade nacional, comprehendendo quizera elle significar que não haveriamos podido jamais conquistar a nossa independencia. — Não é isso, disse-me elle. E' que nós não poderiamos viver e prosperar no Brazil. Não supportariamos o clima, degenerariamos á segunda ou terceira geração. — E as possessões hollandezas da Malasia? — São meras colonias de exploração. Nós não somos de facto um povo colonizador, no sentido que o

são o Hespanhol, o Portuguez ou o Inglez. Em Java e em Sumatra são poucos os Hollandezes, e esses, por lei ou costume, regressam periodicamente á Europa para se refazerem. Os que não o fazem desapparecem em pouco tempo. — E perguntou-me: — Conhece o senhor aqui no Norte uma familia da Europa septentrional, estreme de cruzamento, em segunda ou terceira geração? — Os Hollandezes cruzariam. — Não, não cruzariam, nem trariam mulheres. Fariam trabalhar á força a população indigena, como fazem no Extremo Oriente. Reproduzindo esta conversa, tenho certeza de não ter traido ou siquer alterado, de mais ou de menos, o exacto pensamento do illustre hollandez.

Pelo mesmo tempo lêra eu, em uma revista franceza, uns artigos do publicista hollandez Roorda van Eysenga, terriveis contra o regimen colonial neerlandez, que a crel-o era muito peior que o hespanhol. Nas colonias da Hollanda, o indigena é de facto escravo, pois é obrigado a trabalhar em um genero de cultura determinado, para o governo ou contractadores, por um salario miseravel. Nesses artigos entre outras autoridades citavam-se os livros do Sr. Ryckevorsel e os celebres romances da vida colonial do famoso escriptor hollandez Multatuli. Depois tenho lido mais sobre a colonização hollandeza, e vêm-me calafrios pensando o que os nossos

antepassados teriam soffrido desses duros calvinistas fleugmaticos e demasiado convencidos da sua superioridade de raça. O que os Boers fizeram com os negros do Sul da Africa nos diz o que elles aqui teriam feito com os « pobres Brazis ». Que seria da maioria desses Brazileiros que ainda hoje lastimam a sua expulsão, e cujos antepassados andariam bem perto do matto ou da senzala? Nem se allegue a prosperidade economica das colonias hollandezas; nem é tal essa prosperidade que offusque os vicios profundos dessa colonisação, nem penso que progressos materiaes, por grandes que sejam (e não é tambem o caso nessas colonias) sejam prova de verdadeira prosperidade, que só é a moral. Realmente, a situação das colonias neerlandezas nada tem de florescente, e de facto, no Brazil, salvo o caso excepcional e extraordinario de Mauricio de Nassau, elles se mostraram colonisadores incapazes, de curtissimas vistas, conquistadores inintelligentes. Não ha maior erro do que julgar, pela administração desse grande principe, ou antes pelo seu alto e generoso programma de governo, incapaz de realizar, no curto periodo de seis annos, a administração hollandeza. Elle é uma excepção verdadeiramente singular, um espirito de rara cultura, e de larga envergadura e ambições de estadista, que commetteu o generoso erro de

querer governar uma colonia, segundo o pensamento dos seus donos, de pura exploração, com intuitos de homem de Estado. Assim a sua gloriosa administração, que apontava a fazer uma Nova Hollanda, nunca de facto agradou aos mercadores da Companhia das Indias Occidentaes, que, em má hora para elles, pensariam convencidos, cá o mandaram. Do seu estreito e venal ponto de vista commercial, a administração do principe foi desastrosa á Companhia, cujas rendas lá se iam em dilatar a conquista, em construir e embellezar o Recife, em estudos scientificos do paiz, em angariar os nacionaes. Aquelles tratantes, como então ainda diria algum antiquado portuguez, o que queriam eram bons dividendos e não podiam siquer, na sua sordida cupidez, comprehender os escrupulos de Nassau em não tosquiar até á pelle as ovelhas indigenas, em não forçar a arrecadação da sua divida para com a companhia, e em não augmentar os impostos. Dos seus compatriotas, dizia elle, no seu testamento politico deixado aos seus indignos substitutos no governo, que era preciso respeitar-lhes « a bolsa como um sanctuario : elles antes querem perder a vida do que perder o dinheiro ».

E' legitima a admiração pela conde Mauricio de Nassau. Os seus dotes de politico, as suas capacidades de homem de Estado, as suas con-

cepções de administrador, como as suas idéas de philosopho, são de muito superiores á dos governantes do seu tempo, e sobretudo dos governadores coloniaes da sua éra. O seu testamento politico ou instrucções deixadas aos seus successores são um documento demonstrativo das suas altas capacidades e dos seus bons sentimentos de estadista. E não são palavras mentirosas de programmas e promessas de politico, mas conceitos que foram por elle praticados durante o seu governo. Desse documento dá o Sr. Thomaz Alves o que chama « uma desbotada transcripção e resumo dos topicos principaes ». Não lhe approvo o processo, tanto mais que, comparando-o com a traducção integral que delle deu na *Revista do Instituto*, tomo 58, o Sr. José Hygino, me pareceu de facto « desbotada » e insufficiente a transcripção do Sr. Thomaz Alves. Mesmo em um livro popular, fôra preferivel que elle houvesse dado *in extenso* o precioso documento.

Póde-se afoitamente affirmar que, não foram os annos do sabio governo de Mauricio de Nassau, a occupação e dominio dos Hollandez no Brazil não teria durado os curtos 30 annos que durou. E o havel-os os luso-brazileiros repulsado de uma vez, quando aliás minguados e mesquinhos eram os soccorros da metropole, que quasi os abandonou, basta como prova, na

occasião e naquella conjunctura, da sua superioridade sobre os Hollandezes. Não me turva o entendimento nenhum preconceito patriotico, que nenhum tenho; mas convenço-me de que com a preconisada colonização hollandeza não seriamos a nacionalidade que somos, uma das mais compactas e homogeneas da America, pelo cruzamento physico e moral que aqui fizeram as raças que a formaram. Que deixaram, aliás, os Hollandezes, mesmo Nassau, depois de mais de vinte annos de dominio? Sei que o espaço é pequenissimo para se lhe exigirem signaes da sua passagem por aqui; mas nem vestigios, por minimos que fossem, logrou a erudição nacional encontrar.

De sorte que verdadeiramente o dominio hollandez tem apenas na nossa historia uma importancia indirecta, reflexa, si assim posso dizer: a de ter sido a provocadora do sentimento nacional no Brazil. Foi ao impulso da resistencia ao invasor estrangeiro que os Brazileiros se sentiram uma patria e, si não me engano, é dahi que data para nós essa cousa e essa palavra. Todas as raças que no Brazil concorriam para a formação de uma nação, tomaram parte nessa luta, sem embargo da frouxidão da metropole, « desobedecendo ao rei para melhor servir ao rei. »

Indios, Negros, Portuguezes e Brazileiros

bateram-se conscientemente com igual denodo pela mesma terra, que todos consideravam sua; e si o bom procedimento de Nassau com os nacionaes, si quanto empregou para angariar a sua bemquerença, logrou desarmal-os por algum tempo, nunca de facto lhes venceu a vontade e a resolução de não serem da Hollanda. Mal partido elle, a revolta recomeçou, e desta vez para a reconquista definitiva da sua terra, da sua religião, da sua liberdade. Esses insurrectos Henrique Dias, Camarão (que não sei porque o Sr. Thomas Alves escreve, ao contrario de toda a gente, Camaram), Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Barreto de Menezes, seus cabos e seus soldados eram os nossos *gueux*, batendo-se por uma causa tão justa como a por que se batiam os da Hollanda. Nem outro póde ser, e não será o criterio do verdadeiro historiador, mesmo Hollandez, como não é, por exemplo, o do historiador inglez (veja-se Goldwin Smith, dos mais illustres, por exemplo) recontando a luta da independencia das colonias da Nova Inglaterra, hoje Estados-Unidos. A falsa luz em que se poz o Sr. Thomaz Alves, fel-o não comprehender o facto hollandez no Brazil, e á conta da sua justa admiração pela Hollanda, terra de sciencia e cultura, refugio da liberdade de consciencia, e pelo Conde de Nassau, considerar a tentativa

neerlandeza no Norte de Brazil sob um aspecto inexacto. Ninguem escolhe seu pai, o que só por si torna pueril esta desarrazoada nostalgia de não termos provindo do Hollandez. O erro do Sr. Thomaz Alves leva-o a tentar justificar mais uma vez a traição de Calabar. Que pensaria o Sr. Nogueira de um *gueux* da Hollanda que por preferir o dominio hespanhol ao governo nacional se bandeasse com os castelhanos, pondo-se a seu soldo contra os da sua terra? A ninguem acudirá negar a superioridade de civilização, de regimen politico, de força e prestigio da Inglaterra sobre as republicas africo-hollandezas. Seria ou não um traidor o Boer que, assim pensando, abandonasse as fileiras onde batalhava pelos seus e se passasse aos Inglezes? Si o Sr. Thomaz Alves e os que pensam como elle fizessem taboa rasa da noção de patria, de familia, de lingua, de tradições, de raça, de religião, eu os comprehenderia; não, mesmo assim não os comprehenderia; porque mesmo um Kropotkine, um Reclus, já não digo um Tolstoi, si escrevessem dos Hollandezes no Brazil, seriam pelos nossos. Calabar é um traidor em toda a força do termo, com as idéas de então e com as idéas de hoje. Foram vis e infamantes os moveis que o fizeram bandear-se com os Hollandezes. Mostrou-o Varnhagen, e o repetiu ha tempos o mais sa-

bedor dos estudiosos da nossa historia, em uma das suas eruditas *Revistas historicas* publicadas no *Jornal do Commercio*. E' estupendo que um homem do saber e juizo do Sr. Thomaz Alves escreva destes conceitos : « Tornava ainda mais lugubre este espectaculo (a guerra feroz que se faziam em 1635 Portuguezes e Hollandezes) a associação de dous elementos estranhos a uma e a outra parcialidade e alheios ao sentimento christão ; os Africanos, entre os quaes não tardou a sobresair Henrique Dias, pugnavam em ambos os campos em prol da escravidão da propria raça ; os indios, cujo chefe mais saliente foi Poty (Antonio Philippe Camaram), persistiam na estulta pratica de odio reciproco, quando unidos Tupinambás e Tapuyas poderiam recuperar a primitiva autonomia e varrer do solo avoengo antigos e novos vindiços. » Como? Haverá quem, não ignorando de todo a historia do Brazil, e a historia geral, imagine que uma alliança daquelles broncos selvicolas, no mais baixo periodo de selvageria, armados de arcos e flechas, pudesse expulsar da sua terra Portuguezes e Hollandezes, e naturalmente constituir aqui um Estado florescente que por intuscepção, tirasse de si mesmo uma civilização rigorosamente indigena? Onde, em que tempo, em que paiz já aconteceu facto igual? Nunca o jacobinismo nativista atirou a barra tão longe.

E' um erro do Sr. Thomaz Alves só falar em população portugueza quando trata dos habitantes do Brazil, que tão denodada e pertinazmente se oppuzeram ao dominio hollandez; não só Portuguezes como Ferdandes Vieira, Barreto de Menezes que fizeram do Brazil sua terra, que por ella desde moços batalharam, que aqui edificaram, cultivaram, fizeram familia, morreram, mas brazileiros, como Vidal de Negreiros, Luiz Barbalho Bezerra, Mathias de Albuquerque, sem falar em Camarão e Henrique Dias, que todos se irmanaram no mesmo sentimento de oppugnação ao estrangeiro, que para todos era, sem distincção alguma, o Hollandez, todos se sentiam de uma mesma patria. Bem andou Varnhagen chamando sempre aos luso-brazileiros « os nossos ». O mais pensador dos nossos historiadores, João Lisboa, tratando da invasão hollandeza no Maranhão, tem tambem a mesma concepção de que, combatendo-a, a população combatia pela patria, e que afinal melhor foi para nós a victoria dos Portuguezes sobre os Francezes e Hollandezes.

Ha ainda no livro do Sr. Thomaz Alves outras asserções no meu parecer erroneas ou exageradas, como a que « data da esclarecida administração do Conde de Nassau o verdadeiro descobrimento do Brazil » e frases destas, pura rhetorica, sem realidade objectiva: « O terreno

em que devia irradiar esta luz, (o espirito de Nassau) era cuidadosamente amanhado, o ensinamento do povo effectuava-se pela acção benefica da escola, pelo influxo salutar da imprensa livre. Assim despertou-se nas terras de Pernambuco a especulação scientifica, o gosto das artes, o culto da natureza. » Não é exacto. Muito confundiu o autor no seu panegyrico do principe as suas boas intenções com os seus actos. Nem elle teve tempo e vagar para fazer tanta cousa, apezar de ter feito muito, e ter sincera vontade de fazer mais. E' duvidoso que fundasse escolas ou pelo menos que essas tivessem realidade. Qual seria a população escolar e quaes os mestres ? Que os Hollandezes não introduziram a imprensa no Brazil é hoje certo, e a frase do Sr. Thomaz Alves indicaria que havia até jornalismo no Recife, ou em Mauricia, como elle prefere se continuasse a chamar á velha cidade de Duarte Coelho. Nem o avisado governador despertou nas terras de Pernambuco a especulação scientifica, e o mais que enumera o autor. Elle trouxe comsigo uns scientistas e artistas, que trabalharam sobre a terra, mas alheios a ella, que não fizeram discipulos, não crearam imitadores, e cujo fito era sómente o de informar a Europa da nova natureza. São eminentes os seus serviços á sciencia, e ao conhecimento de certos aspectos do Brazil, mas

ficaram desconhecidos e inuteis para o Brazil de então. Como se póde dizer que houvesse Nassau despertado em Pernambuco « a especulação scientifica, o gosto das artes, o culto da natureza? » Que provas ou documentos ha disto? Nenhuns, sómente elle e a sua meia duzia de sabios e artistas, em toda a colonia, entre Hollandezes e Portuguezes, se occuparam de sciencia, de arte, da natureza. Os seus outros patricios, como os nossos, apenas chatinavam e guerreavam.

Não nos illudamos sobre os beneficios que acaso nos poderia trazer o dominio hollandez. Esse dominio, em primeiro lugar, só se poderia firmar com o sacrificio completo da nossa gente e da nossa nacionalidade incipiente, e não se consolidaria jamais sinão por um ferreo regimen militar dominando o indigena, e os poucos moradores de origem portugueza, que ainda restassem, e uma larga importação de escravos africanos. De 1621 a 1624, conta-nos o Sr. Thomaz Alves, a importação dos Africanos em Pernambuco pelos Hollandezes foi de 15.430. E desde a conquista de S. Jorge da Mina, na Costa d'Africa, por elles, em 1637, Pernambuco importava annualmente « para mais de 3.000 escravos ». E' quasi certo que no pouco tempo que estiveram no Brazil importaram os Hollandezes relativamente mais escravos do

que os Portuguezes. Não se podendo aclimar na região torrida por elles aqui occupada, não podendo, pelos seus preconceitos de raça e de puritanismo religioso, cruzar com o indigena e menos com o negro, só restava aos Hollandezes fazer disto, como de todas as suas possessões intertropicaes fizeram, uma colonia de exploração: uma enorme escravaria negra, e o indigena, sinão exterminado, ou de direito escravizado, de facto captivo, como em Java, pela obrigação de occupar-se em um trabalho determinado pelo governo, por um salario menos de mesquinho, e sujeito ao bel prazer dos feitores.

Tal seria rigorosamente a sorte de Brazil sob o dominio hollandez. O Conde de Nassau, creatura excepcional — e digo-o sem ignorar as restricções que se podem fazer ao retrato demasiado favorecido do Sr. Thomaz Alves — era ao cabo um utopista, não sei si não diga um romantico, e a sua administração aqui não mereceu o louvor, e menos o apoio dos seus concidadãos.

XIII

ALGUNS LIVROS DE 1900

Val de Lyrios, por B. Lopes (Laemmert e C^ia^). — *Destinos*, por Adelina Lopes Vieira (Laemmert e C^ia^). — *Mãi tapuia*, por Medeiros e Albuquerque (H. Garnier). — *Pindorama*, por Xavier Marques (Bahia). — *Rimario*, por Valentim Magalhães (Paris, Aillaud). — *Balladas e Phantasias*, por Magalhães de Azeredo (Laemmert e C^ia^). — *Jorge do Barral* por Emmanuel Guimarães (Rio de Janeiro). — *O descobrimento do Brazil pelos portuguezes* por Capistrano de Abreu (Laemmert e C^ia^). — *Sobre a colonia do Sacramento* pelo mesmo (Laemmert e C^ia^). — *Livro do Centenario* (Imprensa nacional), — *Via Crucis*, por Felix Pacheco (Rio). — *Cantos do Equador*, por Mello Moraes Filho (H. Garnier). — *Mar-*

tins Penna, por Sylvio Roméro (Porto, Lello e Irmão. — *Ensaios de sociologia e literatura* pelo mesmo (H. Garnier). — *O Holocausto*, por Xavier Marques (H. Garnier).

O novo livro do Sr. B. Lopes não me fez, mau grado meu, mudar de opinião a respeito deste poeta (1). Conheço hoje toda a sua obra, que não é pequena; li-a com attenção e sympathia; procurei descobrir nella qualidades, virtudes, feições que lhe déssem valor, que lhe não acho, sem encontral-as. Não é que propriamente essa obra seja, em a nossa poesia contemporanea, ordinaria e commum. Ha alguma cousa que a distingue, que a afasta das outras, mas essa cousa não é o talento, sinão a maneira, que póde ser consubstancial ao autor, que póde ser sincera, que quero crer seja sincera, mas que dá ao leitor, a mim ao menos, com outras sensações, a de uma attitude, a de uma postura affectada. E com esta, a de nenhuma riqueza real de sentimento poetico, uma carencia absoluta de pensamento, uma não vulgar pobreza de recursos metricos, tudo disfarçado, não sem alguma habilidade, em uma simplicidade que pretende ser ingenua, mas que se sente rebus-

(1) V. 1ª série dos *Estudos de literatura brazileira*, a noticia dos *Brazões* deste poeta em *Alguns livros de* 1895-98.

cada, incoherentemente misturada com um fingido ideal da vida pomposa. Porque ha systematicamente, creio poder dizer, estas duas feições no Sr. B. Lopes : uma em que elle affecta a simplicidade, a ingenuidade, a candura de sentimentos, de emoções e de expressão, de um poeta natural, espontaneo, simples de espirito, de coração e de forma ; outra em que nos apparece como o poeta de rebuscadas sensações de alto gozo, de predilecções fidalgas, do gosto da alta vida, e não canta sinão de duquezas, de palacios, de castellos, de carruagens, de faustos e grandezas. Não é facil conciliar a sinceridade destas duas feições que se repellem ; tambem não trato de concilial-as, noto o facto.

Val de Lyrios pertence á primeira feição, simples e candida, do éstro do Sr. B. Lopes. Tem a simplicidade da poesia popular, mas sem se lhe encontrar uma só vez um desses achados, verdadeiros mimos de belleza e graça, que o povo põe não raro nos seus versos. Confesso, aliás, que prefiro o Sr. B. Lopes sob essa feição, que vai melhor ao seu genio sem profundeza, á sua inspiração nativa, de curto folego. Para a outra falta-lhe tudo, a começar pelo conhecimento da vida e das cousas que canta, e o seu poder de ideação não é bastante para supprir essa deficiencia. O seu merito, e não lh'o nego, apenas procuro definil-

o como me parece justo, está na sua maneira simples do descriptivo sem vigor, mas delicado e verdadeiro dos *Chromos*, e do sensitivo, si posso dizer assim de *Sinhá Flor* e de *Val de Lyrios*, deste e do que com o mesmo titulo vinha nos *Brazões*. Esse merito, porém, é restringido, quanto á inspiração geral, pela extrema pobreza dos seus themas poeticos, do pensamento e do mesmo sentimento; quanto á fórma, pela affectação evidente de simplicidade, que redunda em uma maneira fixa, monotona, rebuscada e preciosa. E com tudo isto pobre, como de um artista que não conhece a lingua e os seus recursos de vocabulario e construcção. Tomemos para demonstração este volume novo de *Val de Lyrios*.

Abre com uma poesia *Mater* que é, aceita a maneira do autor, verdadeiramente linda, sinão bella, a melhor seguramente do livro. Ha nella real emoção, e a fórma traduz bem a naturalidade do sentimento. Mas essa fórma vai repetir-se, com a monotonia de uma goteira a pingar, pelos vinte e tantos poemas da collecção, e quasi que só em um unico metro. A expressão do pensamento, e tomo pensamento aqui sómente no seu sentido grammatical, se faz sempre sob a fórma de enumeração, com o accumulo de frases descriptivas, que, longe de reforçarem, enfraquecem o effeito esthetico,

tanto mais que, mui raro, si alguma vez succede, alguma verdadeira idéa ou conceito poetico remata essa fastidiosa enumeração:

Pallido e fino rosto moreno,
Rosa crestada posta ao sereno,
Magoado aroma deixando no ar;
Enlanguescido no vão de um peito,
Jasmim fanado, nascido e feito
De um beijo frio dado ao luar.

Mas, em summa, uma cadencia rara, uma verdadeira musica, melodiosa e dolente, de versos que parecem feitos para serem chorados á viola, em noites de luar, por um trovador amoroso e sentimental, é a sensação que deixa nos meus ouvidos, e não no meu espirito, a leitura dos versos do Sr. B. Lopes. Não nego, ha nelles bellezas, frases de valor poetico, virtudes de melodia e sonoridade pouco vulgares, aliás tudo de mistura com verdadeiros disparates de pensamento, expressões erroneas ou forçadas, impropriedades lexicas e verbaes, solecismos e outros senões; mas ao cabo, dando ao S. B. Lopes um lugar á parte entre os nossos poetas, não lhe dão aquellas qualidades, ao meu ver, um lugar distincto. Mas que elle é, no seu genero especial e limitado, e com a sua maneira por assim dizer estereotypada — e que

já agora não mudará pois confessa ter 40 annos — um bom poeta (grande poeta não se póde ser em tal genero) não contesto eu.

Destinos, por D. Adelina Lopes Vieira e *Mãi tapuia* pelo Sr. Medeiros e Albuquerque são dous livros de contos. A proposito dos ultimos publicados do mallogrado Guy de Maupassant, escreveu o erudito critico e elegante escriptor, Sr. Gastão Deschamps, umas engenhosas considerações mostrando a filiação do conto nacional aos *fabliaux* francezes medievaes. Maupassant, aliás, offerecia-lhe um bello exemplo da sua theoria. Como nenhum contador francez, dos contemporaneos ao menos, elle possue a mesma veia libertina dos velhos poetas dos *fabliaux*, apenas augmentada do septicismo, da ironia, da malicia moderna. Ao contrario, segundo uma autoridade reconhecida, as historietas dos *fabliaux* são alegres, revelando nos seus autores, com a libertinagem do espirito, o amor da chocarrice e da jovialidade, o gosto, tão dos Francezes, de rir sem maldade dos defeitos e ridiculos humanos, um optimismo malicioso e alegre.

Foi essa origem que, mediante Brantôme, Rabelais, a Rainha de Navarra, o La Fontaine dos *Contos*, e toda a rica literatura faceta franceza, e Voltaire, e Diderot, e outros, cujo nome esqueço, fez o conto francez qual elle é nas

suas caracteristicas geraes, sobretudo o conto de Maupassant.

No conto, a literatura portugueza e a nossa, ramo seu, procedem directamente da franceza. Tambem os nossos antepassados tiveram contadores de historias em verso, e os velhos cancioneiros e romanceiros as conservam, resguardadas do conhecimento do commum pela sua lingua archaica, quasi incomprehensivel ao vulgar, e por sua obscenidade, desagradavel ao nosso gosto mais civilizado e aos nossos costumes, si não mais puros, mais decentes. Mas, quaesquer que fossem as causas, e não é aqui o lugar de dizel-as, é certo que dessas historias, ou estorias, como se então dizia, gestas, romances, poemas, que aliás, pelo fundo e intenção, se parecem pouco com o *fabliau* francez, se não originou uma fórma moderna que se lhe possa, á primeira vista e sem algum esforço, filiar. Demais, o primitivo romanceiro portuguez está cheio da influencia franceza, e o que haveria nelle de espontaneo e nativo, suffocou-o a reacção palaciana e humanista do seculo XV. As novellas e contos do seculo seguinte, ou são sentimentaes, pastoraes á moda italiana, como a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro ou, pela maior parte, uma sobrevivencia das gestas medievaes, historias heroicas e de cavallaria, de que vai sair, com Camões, a vasta epopéa

portugueza. O futuro conto será, com a reacção classica do seculo XVII, com os chamados culteranistas, moral, allegorico, pastoril, sem nenhuma ligação com as historias primitivas, com o sentimento popular, sem nenhuma jovialidade. Nem isso nos depara o seculo XVIII, e a primeira metade do seculo XIX apenas apresenta de notavel os contos historicos e austeros de Alexandre Herculano. Garett não escreveu propriamente contos: a *Joanninha* das *Viagens na Minha Terra* é uma novella, mais que um conto e menos que um romance. O conto, em Portugal, como no Brazil, é de menos de cincoenta annos atrás, e nosso contemporaneo, e deriva directa e apertadamente do francez, tendo, salvo excepções muito raras, o mesmo caracter, a mesma inspiração, as mesmas intenções e até o mesmo estylo daquelle, de que é, o nosso ao menos, um *pastiche*. Sómente não sustentarei que um *pastiche* não possa revelar talento, superioridade de feitura, e até imaginação e originalidade. Mesmo na imitação ha graus de bom e mau.

Os dous livros de contos, que acabo de ler, do Sr. Medeiros e Albuquerque e da Sra. D. Adelina Vieira, creio me justificam. Approximando-os, não é meu intuito comparal-os. Ha entre elles differenças grandes, mas, com ellas, o fundo commum do conto francez, segundo a

maneira dos seus contadores do naturalismo para cá, e da qual Maupassant foi o principal praticante. E essa é, e sómente me refiro á concepção geral, abstrahindo da execução, a da maioria dos nossos autores de contos, dos mais nomeados e mais fecundos na producção, como os Srs. Aluizio e Arthur Azevedo, Coelho Netto, Valentim Magalhães, Lucio de Mendonça, Pedro Rabello e outros. Os contos do Sr. Machado de Assis têm outra inspiração e outro caracter ; no seculo XVIII francez muitos delles mereceriam a denominação de philosophicos. Não se confundem com outros ; têm uma concepção e uma execução muito pessoaes. Afóra estes, que se não póde dizer tenham feito escola e se propagado, não obstante algum imitador inhabil, temos tambem o conto a que, á falta de outra qualificação, chamarei ethnographico, descrevendo intencionalmente a nossa vida nacional, principalmente nos seus aspectos sertanejos, mais originaes. Taes são os dos Srs. Magalhães de Azeredo, Inglez de Souza, Affonso Arinos, Valdomiro Silveira, e de muitos escriptores provincianos. Mas incontestavelmente o que domina em a nossa novellistica contemporanea é o conto á feição dos contadores francezes do *Gil Blas* e do *Echo de Paris*, nos tempos heroicos — si não fosse blasphemia chamar-lhes assim — dessas duas folhas parizienses.

Os contos do Sr. Medeiros e Albuquerque e da Sra. D. Adelina Vieira pertencem a essa feição. Mas os do Sr. Medeiros e Albuquerque têm as qualidades de um talento que, sem embargo da sua accessibilidade a todas as correntes de pensamento, da sua curiosidade, do seu amor da novidade, da sua facil receptividade, conserva a sua originalidade, ou pelo menos têm a potencia necessaria para, amalgamando ou assimilando tudo o que recebe, dar-nos a impressão da originalidade. Si essa impressão não é sempre bastante forte, si algumas vezes a producção descuidada e apressada revela, mais do que fôra para desejar, a imitação, ou, talvez melhor, a inspiração franceza, como em *Bis in idem* e em outras que são verdadeiros *pastiches*, ha uma tal versatilidade e variedade no talento do Sr. Medeiros e Albuquerque, que afinal a sua obra resulta original, ao menos original e distincta relativamente á producção indigena. Elle é um nervoso, e não sei si um critico da escola de Nordau lhe não chamaria mais. O seu nervosismo de poeta e de artista dá-lhe uma rara variedade á ideação, correspondente á mobilidade geral da sua personalidade. Assim, nesta sua collecção de contos, como em todos por elle escriptos, não ha nenhuma unidade ou similhança de invenção, de concepção, ou, siquer, de execução. Apenas a

maneira, o estylo é o mesmo. Cada conto é uma novidade em relação aos outros, e como não se póde dizer que o autor tenha uma philosophia da vida , ou siquer a revele nestas suas historias, ou ao menos um criterio commum, um pensamento conforme, um mesmo ideal artistico e moral, falta á sua obra uma unidade qualquer. Si a variedade deleita, a unidade superior da obra d'arte, resultado de uma concepção da vida, é, penso eu, com a mesma historia da literatura e da arte, condição indispensavel do seu valor e duração. E' aqui o lugar de repetir a minha queixa do Sr. Medeiros e Albuquerque : o desperdicio de grão senhor que elle faz do seu real talento e das suas evidentes capacidades literarias. Elle pertence, infelizmnnte, ao numero, hoje copioso, dos amadores e dilettantes literarios, que talvez sem verdadeiro amor, sem paixão seguramente, têm pelas letras uma inclinação mais ou menos forte, uma *quéda* mais ou menos grande ; um gosto, não uma verdadeira e profunda affeição. E' desses espiritos curiosos, avidos de sensações intellectuaes de todo o genero, romanticos a seu modo, nervosos atormentados pela inquieta e complicada vida moderna, quasi puramente cerebraes, tambem hoje numerosos, incapazes de assentarem o seu pensamento e a sua vontade. Esses dão ou os desesperados ou os dilettantes, com

todas as graduações e modalidades que estas duas feições do espirito podem comportar. Politico, jornalista, pedagogista, poeta, critico, novellista, o Sr. Medeiros e Albuquerque é, parece-me ao menos, um dilettante, um amador, no fundo um sceptico, mas um sceptico sem uma philosophia especial do scepticismo. Como virtuose não se lhe dá de tocar este ou aquelle instrumento, executar este ou aquelle trecho, indifferente aos mestres, ás escolas, ao gosto alheio, com a intima e inconsciente certeza de que em nenhuma cousa é mediocre.

Neste livro dá elle mais uma prova disso, e reune sem cura o mau e o excellente, as emoções mais puras e mais delicadas (*As calças do Raposo*, *A Escada*) com outras (*Noivados tragicos*, *Bichaninha*), que positivamente pertencem a literatura malsan, segundo a qualificação de Gener. A nota bregeira de *Bis in idem*, *Prophylaxia da infidelidade*, *Como se escreve a historia*, ou simplesmente chocarreira de *Nota dissonante*, *Setenta e cinco*, casa-se no mesmo livro com os rasgos commoventes do *Presente de Vôvô*, das *Calças do Raposo*, da *Escada* e os tons tragicos do *General* e da *Revolta*. Para esta variedade um pouco natural, um pouco rebuscada, concorre a preoccupação do autor de tomar ás chamadas sciencias psychopathicas a á physiologia noções e themas

applicados, aliás com bastante tacto literario, como no *Presente de Vóvó*, em *Tic-Tac*, no *Homem que morreu* e em mais contos. No seu trabalho facíl, espontaneo, e como quer que seja não muito cuidado de dilettante que concebe sem esforço e gera sem dôr, falta ao Sr. Medeiros menos a vulgar correcção, que a abundancia e variedade não só do vocabulario, mas da expressão, da frase, dos modos de dizer. Estes defeitos, porém, resgata-os a facilidade, a clareza, o correntio do seu estylo, e mais a sua arte natural e espirituosa de contar.

O livro de contos da Sr. D. Adelina Vieira é menos interessante. Grandes excellencias tem a lingua. franceza ; uma dellas, que agora me lembra, é não ter feminino para as palavras autor e escriptor. Inapreciavel vantagem para o critico, perante quem esta simples falta de flexão iguala o escriptor e a escriptora, desobrigando-o das cortezias que podem prejudicar a sinceridade dos seus juizos ou pondo a salvo os seus reparos do reproche de menos galantes. Eis ahi uma pobreza lexica que eu hoje invejo aos Francezes.

Verdadeiramente, não tenho a dizer mal dos *Destinos*. São contos sem relevo, nem distincção especial, mas razoavelmente contados. Alguns ha em dialogo, que são bem bons. A narração é por vezes viva, alegre, picante. Exemplo,

esta pagina, em que falla um maldizente :

« — Dizia-me hontem o Veiga, bem sabe, aquelle Veiga do Club, que poz no prégo os brilhantes da Celestina, que « a Bolsa nestes ultimos tempos é a photographia da sociedade; cada qual procura enganar a cada um, com mais vantagem. »

« A fortuna é caprichosa como as mulheres e, como ellas, enganadora e mentirosa ; os ricos de hoje são os troca-tintas de hontem. E venham para cá com os seus carros de luxo, as suas parelhas inglezas ou argentinas, que eu bem os conheço. Desvio-me delles e vou, satisfeitissimo, tomar o meu lugar honrado no bonde expresso da Tijuca. Pois si até se dão ao luxo de ter amantes de alto cothurno ! Isto quando as ha tão baratas por ahi !

« Sabe o meu amigo o caso da Honorina Trigueiros ? Não ?

« Pois não póde haver nada mais *fin de siècle*.

« O marido entra ; o querido esconde-se atrás do cortinado ; o Trigueiros tem calor, vem cançado, despe-se e deita-se, á fresca ; Honorina sobre brazas, sem atinar como ha de fazer sair dali o amante. De repente : — « Estou com vontade de imitar-te, está tão quente a tarde ! Faz vontade de dormir. » E ei-la que se deita ao lado do marido e com tal arte o céga com beijos, que o Oliveira sáe do esconderijo e do

quarto sem ser visto nem presentido. Até me affirmou que voltou lá para buscar a bengala, que esquecêra a um canto, sem que déssem por isso. »

E mais adiante:

« Quinta-feira passada fui com mais tres rapazes jantar ás Paineiras, pois ha de crer? antes da sobremesa já eu sabia umas vinte chronicas escandalosas de pessoas do *high-life*. Algumas até suas conhecidas.

« O Ramiro, por exemplo, vive nas melhores relações com duas cunhadas e uma sobrinha; e o caso é que todas se dão muito bem, e são madrinhas dos filhos umas das outras. E é muita alegria e muita festa ao *pai de todos*.

« Do Conselheiro F. diz-se que tem sempre em casa umas carinhas novas e bonitinhas. Vai buscal-as a bordo, ás emigrações ou aos recolhimentos e pouco depois deixa-as ir e vai buscar outras.

« E ellas não se queixam, porque naturalmente elle paga-lhes bem o silencio.

« A viuva do Senador V. F., aquella gorda, muita rosada, que conversou commigo quando fomos ver o panorama, lembra-se? escolhe as fazendas nas casas de modas e exige que lhe sejam levadas á casa pelo caixeiro mais novo. Os pequenos voltam sempre de lá com as algi-

beiras cheias de doces e o coração de saudades. Ora não ha ? »

Não é precisamente uma leitura para escolas o livro desta professora.

Ha tolices fecundas. Uma dellas é esta invenção de *Pindorama*, de um espirito manifestamente enfermo e em declinio. Que o selvagem brazileiro não denominava a terra em que vivia, e, o que é mais, não podia denominal-a com appellido algum, é o que a ninguem acudirá contestar. Que lhe chamasse *Pindorama*, Terra das palmeiras, é um disparate. Mas, como tantos outros, e como é talvez proprio dos disparates em certas terras, frutificou. Os frutos, aliás, — e, por amor da verdade, ainda bem — não serão sobreexcellentes á semente. São até agora um romance da Bahia e, creio, um poema ou drama de S. Paulo.

O romance *Pindorama*, do Sr. Xavier Marques, obteve o premio do concurso aberto na Bahia pela respectiva commissão do Centenario « para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto », e foi por essa mesma commissão publicado.

Não está bem na letra do programma; mas, que é o romance moderno sinão o poema antigo? De accôrdo com este conceito da critica,

se não póde dizer exorbitasse a digna commissão, nem nós temos a ver com isso.

O livro do Sr. Xavier Marques infelizmente justifica a opinião da quasi infallivel mediocridade da literatura de occasião, da literatura commemorativa e de a proposito. O Sr. Xavier Marques é, no romance, talvez o escriptor mais distincto entre os escriptores provincianos, e mesmo um dos mais distinctos entre os escriptores do genero no Brazil. Conhece a lingua e a maneja com facilidade, tem imaginação, tem estylo proprio, tem invenção e poesia. O seu livro *Praieiros* é de um escriptor e de um romancista; tive a satisfação de o reconhecer algures. Mas o seu livro *Pindorama*, sendo de um escriptor que não póde fazer mais um livro inteiramente ruim, não tem, sob nenhum aspecto, o merecimento que se devia nelle esperar. Considerando-lhe o merito, e não só a factura, não é nem um romance historico, nem verdadeiramente uma obra de imaginação ou antes de idealização, como o *Guarany* ou a *Iracema*, de Alencar. Quero dizer que se não encontra nelle nem um quadro que nos pareça verdadeiro, e como tal nos impressione, da época, da vida e da alma dos seus personagens, nem o alento poetico, o sopro lyrico e épico, que faz dos citados livros de Alencar dous dos mais bellos poemas de nossa lingua. Curioso,

muito mais poesia ha em *Janna e Joel*, o penultimo livro do Sr. Xavier Marques, que neste romance premiado como um poema. Singular ainda, que o Sr. Xavier Marques, que nos seus anteriores livros se mostrava um paizagista, não tenha sabido neste fazer a paizagem, aquella paizagem nova e opulenta que devia deslumbrar os descobridores. Ella é neste livro sem precisão, sem caracter, sem destaque, como são tambem os personagens, portuguezes ou indios. Nelle não sentimos viver o Brazil primitivo, nem da vida real que os primeiros chronistas nos deixaram entrever, nem da vida idealizada, que com tanto vigor e poesia lhe crearam os nossos indianistas desde Basilio da Gama até Alencar. E' esta, pelo menos, a minha impressão, que, entretanto, me não veda verificar as qualidades que fazem do autor um escriptor estimavel e bem dotado. Si não foi bem succedido neste romance, é seguramente que o seu assumpto lhe não era de facto sympathico, não existia entre ambos, o escriptor e o seu thema, a correspondencia de sentimentos de que Tolstoi faz com razão uma das condições do exito da obra de arte.

Em um volume, editado pela casa Aillaud de Pariz, reuniu o Sr. Valentim Magalhães, sob o titulo de *Rimario*, os seus versos, quasi todos, sinão todos, já publicados em folhetos ou em periodicos, de 1878-1899.

O Sr. Valentim Magalhães é um poeta. E', com a de chronista ou folhetinista, que o foi com muita *verve* e desenvoltura, esta, a de poeta, a sua principal perfeição literaria. Forçando o seu talento a outras partes da literatura, nada produziu o escriptor que não seja muito mediocre comparado aos seus versos e ás suas chronicas. E' um poeta, e este livro o prova, mas não um grande poeta ou siquer daquelles que temos todos pelos nossos melhores, entre vivos e mortos. Tem o seu verso facilidade e correcção, tem mesmo luz e ar, possue as qualidades que foram as primaciaes dos seus bons tempos de chronista hilariante e endiabrado, a graça, a leveza, mesmo o espirito; ha em alguns emoção real ou apparentemente real, e ás vezes uma sensibilidade fina e discreta; mas, com tudo isto, nenhuma distincção especial, tudo em tons e notas médias. Seria difficil, a mim ao menos foi impossivel, achar-lhe um distinctivo, uma physionomia ou uma expressão poetica extremada, caracteristica. Elle pertence, e então conspicuamente, aquelles que os colleccionadores da poesia latina chamaram *poetæ minores*. Amando a literatura, como é evidente que a ama, sempre a amou o Sr. Valentim Magalhães mais á maneira de um galanteador que de um apaixonado. Ora, a arte quer-se amada com ardor e paixão

para se entregar toda; reserva sempre alguma cousa de si, resguarda-se e defende-se dos simples namoradores. Como literato e como artista, o Sr. Valentim Magalhaes é, infelizmente para elle e para nós, um devoto da « literatura ligeira » e um dos seus mestres aqui. Confesso não tenho por essa fórma de literatura, si não é della apenas uma parodia ou um arremedo, nenhuma estima, e o que se chama « leve » em arte, chamo-lhe eu simplesmente « vasio ».

Verifica-se, porém, do *Rimario* que o Sr. Valentim Magalhães é um poeta e mesmo, com as retricções feitas, um bom poeta. Devia elle ter tido ao republicar os seus versos mais desprendimento em escolhel-os e em sacrificar maior numero delles, como por exemplo a maioria dos que chamou *Rimas heroicas* e poemas de quejanda inspiração, quasi todas inferiores, de nenhum valor para a reputação do poeta, e que só mereceriam reeditados como documento do seu republicanismo historico, que nada aliás interessa á literatura.

O que ha de melhor no *Rimario* são os poemas sentimentaes em que o poeta casa e harmoniza a sua sensibilidade superficial com a graça, a leveza de espirito, o tom facecioso, que lhe é natural. E não muito raro consegue darlhes uma emoção e uma eloquencia de bom

cunho, como em *Canção*, *O nosso morto*, *Felicidade* e poucos mais. As traducções, de que abunda o livro, são, em geral, felizes.

Do seu novo livro, *Balladas e Phantasias*, titulo como quer que seja romantico e escolar, revendo a juvenilidade do poeta e a ingenuidade do escriptor, diz-nos o Sr. Magalhães de Azeredo que o fez sem quasi pensar em fazel-o. Não que o fizesse sem cuidado ou sem prazer; gosou ao contrario muito em o fazer, e só desse goso se dá por premiado. Mas compol-o todo sem esforço, nem fadiga, nem attenção obrigada de prazo ou programma, livremente, á mercê da imaginação caprichosa, já preguiçosa, já diligente. Si não são esses os livros melhores, são pelo menos os que deixam na memoria do autor recordação mais grata. Não se pódem, infelizmente, escrever muitas vezes na vida. Requerem condições especiaes de alma e de ambiente, uma razão propria, vagares que raro se nos deparam. Absorvido por outros labores, tão cedo não dará, não dará talvez nunca, outro livro desta feição. Por isso, no momento de publical-o, sente que elle lhe é caro, não pelo que vale, mas pelo que representa, e mais, sente que se está a despedir de uma estação da vida que se não póde prolongar e, ainda menos, renovar. Não que se lhe acabasse a Primavera, mas na Primavera acabou-se-lhe o que havia

de mais tenramente verde, mais indecisamente matinal, mais symbolizador de percursão e promessa.

Fôra com effeito ridiculo que longe ainda da maturidade se puzesse o poeta a perguntar pelas rosas de antanho. Rosas, muitas rosas, florescem ainda e florescerão, permittindo Deus, por largos annos, rosas de crença, rosas de enthusiasmo, rosas de affecto, mescladas embora aos espinhos da experiencia e da dôr, e aos primeiros frutos estivos. Mas rosas plenamente desabrochadas, não já botões de rosa. Tem algo de profundamente significativo e commovedor o ultimo dom ritual da adolescencia em todas as religiões e em todos os povos. Estas paginas, que são a sua prenda votiva ao despedir-se daquella idade, não as deixa o poeta sem enternecimento.

Embalou-o até aqui a Phantasia : mulher, não domestica e próvida e repousada, antes mulher bizarra, um pouco excentrica, um pouco emancipada, ás vezes sombria, galante ás vezes, mas sempre encantadora. Mulher que com sorprendente facilidade muda de tom, de traje e de humor; que tão depressa veste a chlamyde grega como ás vestes da bailarina andaluza, que calça igualmente bem nos ageis pés os cothurnos romanos, os chapins orientaes, os sapatinhos parizienses e até os sócos de pastora. Que importa

lhe ralhe a razão, sua irmã mais velha, chamando-lhe louca e perdularia, si a adora e a prende com caricias, conhecendo que sem ella a sua morada seria horrivelmente árida e tediosa. E' ella, a Phantasia, quem invade tudo, abre as janellas do espirito para que entrem a jorros os raios do sol, os córos magnificos das aves e os perfumes salubres do bosque e do vergel.

Rapariga franca e sem affectação, embora não se embarace a fronte com uma corôa e a dextra com um sceptro, todos os reinos, sem exceptuar o da sciencia, são seus. A sua apparente leviandade lhe não veda de servir menos que a Logica ou que as Musas austeras as grandes causas humanas. Ella busca a Belleza pelo prisma da ficção e proclama a verdade sob a fórma extravagante do paradoxo. Por não ser secca e magistral, ou altisona e guindada, a sua linguagem não deixa de cantar as lôas dos sentimentos fortes e delicados, e ás vezes, em uma frase petulante, traduz cousas capitaes, inexplicadas em um ponderoso tratado.

Este é, transposto, como se diz em musica, por mim num tom mais baixo e menos vivo, o hymno que á Phantasia canta no atrio da sua capella o poeta. Não o hymno todo, apenas uma parte do hymno; que elle é mais extenso e mais bello. Não indaguemos do poeta porque *Phan-*

tasias e porque *Balladas*. A Phantasia inspirou todos os trechos do seu livro, os ligeiros, os alegres, os risonhos, como os graves e dolorosos; o *Samba*, idealização pungente de uma dôr nacional retrospectiva como o *Hymno a Loie Fuller*, uma pagina quasi digna d'Annunzio pela harmonia plastica da fórma. Não cuidemos de classificações; contos, lendas, fantasias, historias, que quer que sejam, os artigos que formam o livro do Sr. Magalhães de Azeredo são formosas paginas, de uma literatura assentada e calma, talvez um pouco academica, numa lingua que é seguramente, com toda a sua modernidade, uma das mais puras que escrevemos hoje no Brazil. Sob o aspecto do estylo e da lingua, ha enormes progressos no Sr. Magalhães de Azeredo, e isto e a sua emoção poetica, verdadeira, sincera, embora pouco intensa e pouca profunda, fazem delle um escriptor, e entre os contemporaneos da nossa lingua um dos mais estimaveis. Mas não só as faculdades de expressão têm ganho no Sr. Magalhães de Azeredo, mas igualmente todas as suas outras faculdades de escriptor, de poeta e de artista. Talvez lhe falte ainda mais liberdade espiritual, mais desembaraço, mais personalidade, mais independencia, mais virilidade; tudo isso, porém, virá, porque tudo isso ha nelle em germen. Sómente é preciso que elle resista á ac-

ção, espiritualmente deprimente, da artificialidade da vida diplomatica e mundana, ao respeito supersticioso do *decorum* convencional de uma sociedade sem espontaneidade e compressora de toda a originalidade, que não seja bastante forte e energica para superal-a.

Paginas como estas que elle agora publicou, não obstante agradaveis, mesmo deliciosas como leitura ligeira e amena, valem apenas como os estudos de um pintor para um quadro mais vasto e mais completo. Não vivem em geral por si mesmas, sinão quando o escriptor soube accumular nellas, com a emoção sentimental e a riqueza da fantasia, que não faltam nestas, idéas e sensações verdadeiramente raras, ou a alta expressão de um pensamento social e moral. Não as ha por ora neste livro, ainda da adolescencia ; mas a sua genesis já porventura nelle se entrevê ou adivinha.

Creio que é uma estréa o romance *Jorge do Barral*, do Sr. Emmanuel Guimarães. Não conheço o autor e nada sei delle. Ignoro si aquelle nome não é apenas um pseudonymo. Em todo o caso, parece-me que é inteiramente desconhecido em o nosso mundosinho literario, onde, si não me engano, surge pela primeira vez na capa de um livro, e um grosso volume de 300 paginas compactas, antes de apparecer, como em geral acontece, em jornaes e revistas.

Sendo assim, é rigorosamente uma estréa. Não a qualificarei siquer de boa ou auspiciosa; mas, tanto quanto cabe á critica a previsão, me não arreceio de dizer que o romance do Sr. Emmanuel Guimarães é uma promessa. Apezar dos seus defeitos e falhas, descobrem-se no autor capacidade para o genero e no livro qualidades que, desenvolvidas e aperfeiçoadas, promettem nelle um romancista. Não são em a nossa producção literaria vulgares estréas como esta. Não faltam no livro invenção, imaginação, a arte da apresentação das personagens, da disposição dos episodios, do arranjo das scenas, da composição geral da fabula, tudo, emfim, que constitue a technica do romance, segundo o modelo francez, que, si não é o melhor, é o mais vulgar e conhecido. O espirito geral do livro é mesmo francez, de sorte que, lendo-o, temos a impressão de estar a ler um romance francez bem feito, como são de ordinario todos elles, mas em uma traducção defeituosa. Sob o aspecto da fórma, da lingua e do estylo, o livro é mal composto e mal escripto, mesmo incorrecto. O autor não conhece sufficientemente a lingua, maneja-a com manifesta difficuldade e usa-a ainda com muita impropriedade.

Estou convencido que em o nosso meio literario a critica pedagogica tem ainda o seu lugar e prestimo. Por via de regra, os que aqui escre-

vemos começamos a fazel-o sem o preparo necessario. Os nossos estudos literarios não são apenas deficientes, sinão completamente falhos. O da nossa lingua é pura e estreitamente grammatical. Não ha nelle, como ha nos paizes de boa cultura, onde o estudo da lingua nacional é completo e perfeito, o estudo, ou siquer a leitura, intelligente e comprehensiva, dos bons autores, a analyse literaria delles e dos seus estylos e peculiaridades de linguagem, não ha a discussão das fórmas e modalidades linguisticas que todo o idioma apresenta, e não se procura tambem penetrar, descobrir, fazer perceber o genio, a indole da lingua. O alumno se não exerce em composições e redações da lingua materna, sobretudo nessas composições, em que, tendo já um certo desenvolvimento intellectual, póde deixar correr espontaneo e livre o seu pensamento, a sua imaginação, a sua invenção, o seu raciocinio. Dahi vem que raros são os que, dedicando-se ás letras, entram logo a tratal-as sabendo utilizar a materia prima dellas, que é a lingua. Rarissimos somos os que não tivemos de por nós mesmos refazer um aprendizado falho, trabalho longo e difficil e ordinariamente defeituoso na sua execução e imperfeito no seu resultado. O conhecimento cabal da nossa lingua, que a escola não preparou sufficientemente, se nos torna ainda mais

difficultoso pela forçada necessidade que temos de ler mais nas alheias que na propria, versar mais os autores estrangeiros que os nossos. Não admira que gente que só fala, lê e pensa numa lingua, como a franceza, a ingleza ou a allemã — que é a sua leitura estrangeira comparada com a nacional ? — mantenha pura a tradição, a indole, o genio, a syntaxe, o lexico della. Os Francezes, por exemplo, escrevem naturalmente bem; são excepções os que delles conhecem, além das linguas classicas, outro idioma que não o seu; mas mesmo o conhecendo, lêm enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso de francez nos Lycêos é de sete annos) e directamente dos seus grandes escriptores estudados sob todos os aspectos, não admira que a critica ali raro tenha a notar-lhes incorrecções de linguagem. A sua lingua acha-se por tal modo feita e perfeita que um critico allemão poude dizer com espirito e motivo que não ha grande merito em escrever bem em francez, pois a lingua já escreve pelo escriptor.

Não é absolutamente o mesmo caso em portuguez, e sobretudo no Brazil, onde mil circumstancias adulteram a lingua. Aqui dá-se o opposto do que se passa em França : raro é o escriptor que começa a escrever, sabendo-o. A critica que aqui systematicamente abandonasse

o que acolá aliás não abandonou ainda systematicamente, o seu direito de estudar tambem a lingua dos escriptores, lhes faria um desserviço, e não só a elles, mas á literatura nacional.

Não foram os defeitos de linguagem, poder-se-ia dizer do livro do Sr. E. Guimarães, sem embargo dos seus outros senões, que era uma excellente estréa. Em literatura não ha qualidades que suppram a lingua. Sem esta não ha em literatura alguma grande escriptor.

Dedica o Sr. Guimarães o seu primeiro livro ao Sr. Machado de Assis : *primo primum*. Tudo o que faz o Sr. Machado de Assis digno desta homenagem vale, fique certo o Sr. Guimarães, pela lingua admiravel que elle escreve. O Sr. Emmanuel Guimarães mostra no seu livro louvaveis preoccupações de pensamento ; sente-se lendo-o que o novo escriptor tem idéas, muitas idéas, quer exprimil-as, expríme-as a todo o proposito, mas por via de regra mal, sem saber dar novidade ás velhas, nem relevo ás novas. Não é só elegancia, facilidade, precisão, clareza, propriedade que falta á sua lingua, falta-lhe tambem correcção, na syntaxe dos pronomes, no uso do demonstrativo *o*, no emprego abusivo do verbo *ser* significando *estar*, e dos pronomes pessoaes á franceza, e da regencia da preposição *de* com verbos que a não admittem (« cantava de sua magnifica

voz »; os exemplos aliás são frequentissimos), no uso immoderado de certas palavras e formulas (o verbo *soer*, a palavra *solito*) e de expressões e frases francezas e até na conjugação de verbos (*poder*, por exemplo). Affecta o Sr. Guimarães a construcção inversa, mais da nossa lingua, mas, imperito, sae-lhe tal construcção desnatural e « gôche », como elle diz horrivelmente, imitando um verdadeiro disparate de Eça de Queiroz, que aliás o engeitou, e é hoje não só um dos mais elegantes, mas dos mais correctos e puros escriptores da nossa lingua. Assim escreve o Sr. Emmanuel Guimarães : « Um tenue sopro de esperança por isso ella respirára » — « Hygienicamente os dias lhe corrião num methodico programma » — « toda a gamma do sentimento elle escrevêra. » — Fórmas similhantes são abundantissimas, e muitas de mau effeito. Não levarei mais longe os meus reparos sobre esta feição do livro do Sr. Emmanuel Guimarães. Atrevo-me a chamar para ella a sua attencão : saiba criticar-se a si mesmo, não duvide sacrificar muito do que escrever, estude, converse os bons autores da nossa lingua, aprenda-a com amor, que vale a pena, e fio não terei errado annunciando no seu primeiro livro, e apezar de todas as suas maculas, um futuro escriptor e bom romancista.

Quantos conhecem e apreciam o Sr. Capistrano de Abreu, por o tratar mais de perto ou de leitura da sua obra fragmentaria, lastimam que elle não tenha até hoje produzido aquella que da sua rara e segura sciencia das cousas brazileiras de alguma fórma lhe creava a obrigação de escrever. O centenario do Brazil deu lugar a bastantes publicações occasionaes. A maior parte, porém, como é aliás de regra em circumstancias similhantes, de pouco ou nenhum valor. Não preciso dizer que estão justamente no caso opposto as duas do erudito professor.

Não são propriamente livros as novas publicações do Sr. Capistrano de Abreu ; uma é o artigo, ampliado e corrigido, que, commemorando o 4° centenario do descobrimento do nosso paiz, publicou o *Jornal do Commercio* ; outra, a reproducção parcial do prologo que escreveu para a edição que da *Historia topographica e bellica da colonia do Sacramento*, publicou uma das associações portuguezas desta citade, celebrando tambem aquelle facto. Mas ambos esses folhetos têm a substancia de um livro. Não terá aquelle novidades, principalmente para os que conhecem os primeiros trabalhos do Sr. Capistrano de Abreu sobre o mesmo assumpto e outros esparsamente por elle publicados em épocas diversas. No expôr

uma historia tantas vezes repetida, como a do descobrimento do nosso paiz, acha, entretanto, o Sr. Abreu maneira de dar-lhe um tom de novidade, revivendo e animando os successos á luz dos documentos coevos, adequando a sua narração á lingua do tempo, salpicando-a de expressões contemporaneas que lhe emprestam um tom pittoresco, semeando-a de conceitos seus originaes, que animam toda a sua narrativa, renovando a historia conhecida.

No segundo capitulo do seu opusculo, « emquanto Cabral prosegue seu caminho de longo » destino da India, seu fito, discute o nosso sabedor « algumas questões connexas á historia do descobrimento », como qual o navio de Cabral que desgarrou na altura de Cabo Verde ; si o descobrimento de nossa terra foi ou não obra do acaso ; qual o ponto exacto em que passou a armada de Cabral e, finalmente, como se deve escrever, com *s* ou com *z*, o nome da terra descoberta por Cabral.

Estas questões não têm, nem o desconhece o escriptor, importancia maior em a nossa historia. Por qualquer modo que se resolvam, não influem sobre a sua exactidão, o seu caracter e o seu desenvolvimento. São de facto meras curiosidades de erudição. Responde á primeira o Sr C. de Abreu, que aquelle navio desgarrado foi o de Vasco de Athayde. A segunda

resolve de uma maneira original: que sendo, na concepção do tempo, no globo terraqueo o oceano apenas parte minima e a terra quasi a totalidade, Cabral, encontrando ventos favoraveis, podia entregar-se a elles sem receio, pois por toda a parte se lhe depararíam terras encastoando os mares, por toda a parte estaria no caminho da India, por SO como por SE. Nada teria de imprevisto o descobrimento, nem de inexplicavel a insistencia, si houve insistencia, em buscar terras apparentemente estranhas áquellas a que levava missão de ir. Este argumento parece-me mais original que concludente, e eu persisto em pensar que desde que Cabral não trazia o proposito de descobrir terras novas ao occidente, e nem siquer as buscava á aventura, o seu achado tem o caracter do fortuito, do imprevisto, do acaso, dando a esta palavra a exacta significação daquellas. Aliás, como bem diz o Sr. Abreu, «não é questão historica; deve relegar-se para as minucias da biographia conjectural». Sobre a ancoragem de Cabral pronuncia-se elle pela bahia Cabralia, ilhéo da Corôa Vermelha e riacho Mutary.

Com certa acrimonia, o Sr. Capistrano de Abreu repete e renova a sua opinião e argumentos sobre a graphia da palavra Brazil, que elle quer que se escreva com s. Outros, com argumentos igualmente historicos, ensinam que se

deve escrever com z. Confesso que, de uma e de outra parte, os argumentos não me convencem sufficientemente. Que passando para as linguas latinas essa palavra, donde quer que venha e fosse qual fosse a sua orthographia primitiva, só se havia de escrever com s, é rudimentar. Portuguezes, hespanhóes, francezes, italianos não podiam escrever de outro modo que Brasil, e é essa a fórma por que a palavra, como nome da nossa terra, se acha escripta em todos os documentos nas linguas desses povos. O que eu sustento, porém, é que, no Brazil ao menos, a tendencia, não só popular mas erudita, é escrever com z, tendencia que corresponde bem á tendencia geral da orthographia portugueza, em Portugal e aqui, de substituir s por z em todas as occasiões em que aquelle signal graphico tem o som deste. Penso que a orthographia — que é uma convenção — que não é, como a phonetica ou a syntaxe, uma parte integrante da philologia, que não tem, como estas, regras e leis naturaes, sinão preceitos convencionaes, tem um aspecto social mais interessante e importante que o grammatical ou o esthetico.

Sou convictamente pela simplificação orthographica, como um meio de facilitar ao povo a leitura e a escripta, e não tenho nenhuma superstição pelas complicações com que se

deleitam eruditos e grammaticos. Sou emfim « cacographo. »

A tendencia referida da graphia do nome do nosso paiz com z prova-se pelo uso geral de doutos e indoutos (é claro que ha excepções e numerosas), na legislação, nas moedas, na literatura, nos documentos officiaes, na maioria da imprensa, de cerca de meio seculo para cá. Desde 1812 que a Academia Real das Sciencias de Lisboa assim o escreve nos documentos publicados nas *Noticias para a historia e geografia* (sic) *das nações ultramarinas* ; Varnhagen, que já assim o escrevêra nessa collecção, assim o escreve na primeira edição da sua *Historia geral* (1854) e assim o escreveu sempre. Creio que se poderia dizer que desde que os disticos das nossas moedas passaram a ser em portuguez e não mais em latim, se introduziu nellas o Brazil com z. Já em 1822 se encontra numa medalha consagrada a José Bonifacio, Brazil assim escripto e de 1841 em diante, em todos os annos do decennio de 50, e mais ainda para adiante, quasi todas as medalhas que têm a legenda em portuguez assim o trazem. Nem preciso alongar-me a demonstrar essa tendencia ; é um facto patente.

Em um capitulo final revista o Sr. Capistrano as duas correntes historicas que levaram os navegadores dos seculos XV e XVI a procurar

a India, uns ao longo da costa africana, outros ao longo do Atlantico, ou uns para léste, outros para oéste.

No seu opusculo sobre a colonia do Sacramento historía o Sr. Abreu succintamente a marcha dos descobridores, portuguezes e hespanhóes, para o sul do nosso continente, attribue áquelles o descobrimento e talvez o baptismo do Rio da Prata, e mostra como, desprezando a costa safara do Rio Grande do Sul, se foram de preferencia estabelecer no extremo da região banhada ao sul por aquelle rio, fundando ali o estabelecimento que recebeu o nome de Colonia do Santissimo Sacramento. Exposta nos termos em que expoz essa historia movimentada e dramatica, comprehende-se melhor tudo o que della se desenrolou, os conflictos hispano-portuguezes, que haviam de deixar no extremo sul do Brazil, entre este e as republicas hespanholas suas vizinhas, os germens de futuras questões, quem sabe si de todo extinctas.

Pensa o escriptor que, perdida em 1828 a provincia Cisplatina, mais descortino politico mostraria D. Pedro I abrindo mão tambem do Rio Grande do Sul. « Separada a provincia cisplatina, pergunta elle, que ficava significando o Rio Grande do Sul ? Que se lucrava em, derri-

badas as muralhas de Ilion, guardar o cavallo de Troya ? »

« A resposta não se fez esperar. Em 1835 rebentou uma revolução que durou dez annos. Desde então ou doutrinario, ou sanguinario, ou pecuario, ou caudatario ou federatario — as fórmas variam, o fundo permanece — grassa o artiguismo além do Cabo de Santa Martha. O Dr. Francia poude prender o corpo; mas a alma de José Artigas (chacal conjugado a Moloch) ulula, duende impropiciavel, pela campanha e sobre as coxilhas.

« Haveria medico, diz Wilhelm Roscher, incumbido do tratamento de um tisico, que em falta de medicamento efficaz, não querendo ficar sem fazer nada, cosesse a boca do paciente para impedir os escarros de sangue ?

» Si ha !

« Desde mais de meio seculo não têm estado outros á cabeceira do enfermo Brazil. »

Os homens de boa vontade que tomaram a peito não deixar passar despercebida a data do quarto centenario do descobrimento da nossa terra, e que com tão inesperado exito realizaram a sua aventurosa empreza, puzeram no programma das celebrações desse facto uma resenha da nossa vida historica e da nossa actividade social nos quatro seculos da nossa existencia. A varios escriptores confiaram a realização

deste seu empenho, que comprehendia o descobrimento do Brazil, o povoamento do sólo, a organização administrativa e politica, a evolução social, a religião, ordens religiosas, instituições pias e beneficentes, as religiões acatholicas, a literatura, a instrucção, a imprensa, as bellas artes, as sciencias juridicas e sociaes e a organização judiciaria, as sciencias mathematicas, physicas e naturaes, as explorações scientificas, as sciencias medico-pharmaceuticas, a engenharia, a viação e obras publicas, a mineração, a industria, a lavoura, o commercio e a navegação, as finanças, a organisação militar, as relações exteriores, os tratados e os limites. As memorias sobre estes diversos assumptos constituirão o *Livro do Centenario*, cujo primeiro tomo acaba de ser publicado na Imprensa Nacional, em um grosso volume in-4° de mais de 400 paginas.

Além das memorias do Sr. Capistrano de Abreu sobre o descobrimento do Brazil, do Sr. Padre Julio Maria sobre a religião, do Sr. Sylvio Roméro sobre a literatura, do escriptor destas linhas sobre a instrucção e a imprensa, traz este volume duas outras, premiadas no concurso aberto pela Associação do 4° Centenario, publicadora do livro: uma do Sr. Oliveira Lima ácerca do descobrimento, primeiras explorações e negociações diplomaticas a que

deu o descobrimento origem, e outra, do Sr. Moreira de Azevedo, ainda sobre o descobrimento e intuitos da viagem de Cabral.

O trabalho do Sr. Capistrano de Abreu, solido como quanto sai da sua penna, é um dos melhores, pelo fundo e pela fórma, que elle tem escripto. Conhecendo bem o assumpto, e tendo sobre elle vistas proprias e, o que mais vale, certas, o seu quadro tem na sua concisão o acabado das obras perfeitas. Póde-se-lhe notar que para chegar ao descobrimento do Brazil tenha vindo de muito longe, das origens do commercio das especiarias, madeiras singulares, perfumes, pedras preciosas, bichos exoticos, desde Salomão e Alexandre. Mas a censura não chega a formular-se, attendendo-se á excellencia desse resumo do que é a mais moderna e segura erudição das relações economicas do homem e da sua influencia sobre o conhecimento do mundo, as navegações, as viagens, os descobrimentos. Uma opinião recente, publicada justamente a proposito do quarto centenario (1), contestou alguns factos que pareciam definitivamente adquiridos para a nossa historia, como a existencia da expedição de 1501 ás nossas costas e a da armada de D. Nuno Manoel. O Sr. Capistrano de Abreu con-

(1) V. neste volume *Nova historia das origens brazileiras*.

tinúa nesta sua memoria, e a despeito dessa opinião, a sustentar, ao meu ver com razões poderosas, a realidade dos dous factos. Tendo aproveitado os ultimos documentos publicados sobre o assumpto dos archivos portuguezes, hespanhóes e italianos e os mais recentes e aprofundados estudos sobre o assumpto, e com os proprios, feitos nas fontes que se aqui encontram, a memoria do Sr. Capistrano de Abreu é o resumo do que neste momento de mais novo e seguro se conhece do descobrimento do Brazil, seus antecedentes historicos e economicos, as primeiras viagens e explorações da sua costa, a ethnographia e a feição da terra descoberta. Esta ultima parte é devida á sciencia solida e elegante do Sr. Emilio Göldi, sciente director do Museu paraense. Não está infelizmente completa a porção do *Livro do Centenario* que cabia ao Sr. C. de Abreu escrever, mas uma nota no fim do seu trabalho promette que nos volumes subsequentes sairão as duas partes complementares. Ainda bem. Cumpre agradecer ao Sr. Capistrano de Abreu ter reproduzido integral e facilmente transcriptos os cinco documentos que são as fontes da historia do descobrimento da nossa terra: o setimo livro da setima navegação de Vicente Pinzon escripta por Pedro Martir, a narrativa da viagem de Pinzon ou de Diogo de Lepe escripta por Ves-

pucio a Pedro Soderini, a carta de Vaz de Caminha a D. Manoel, a carta de Mestre João, physico e cirurgião da armada de Cabral, ao mesmo D. Manoel e a narrativa de Matheus Cretico sobre a viagem de Cabral.

Segue-se a memoria do Padre Julio Maria sobre a religião, ordens religiosas, instituições pias e beneficentes no Brazil. E' extensa e mesmo diffusa, mas não deixa por isso de ser interessante. Perde menos por aquelles defeitos, que a vivacidade e o calor com que está escripta desvanecem em parte, que pelo seu tom apologetico e de polemica. O autor faz em largos, e como quer que seja salteados, traços, a historia da religião catholica no paiz desde a sua entrada com os descobridores até hoje, mas a sua historia, feita *ad probandum*, apenas lhe serve de motivo e thema ás considerações geraes, politicas e religiosas, e acaso mais politicas — no melhor sentido aliás do termo — quo propriamente religiosas. A memoria do Padre Julio Maria pareceu-me um trabalho franco e sincero. A sua intenção apologetica, de apostolado, de propaganda, não só não a esconde ou disfarça, mas a publica. Póde isto tornal-o suspeito como historiador, mas dá á sua obra o picante da polemica e o vivaz da predica. E' antes uma conferencia religiosa, como as faz o autor do pulpito, um sermão de controversia,

que uma memoria historica, no sentido commum. Não lhe faltam nem as invocações, nem as apostrophes do genero, nem aquella colera sem peccado que o mais violento dos apostolos recommendava. Com peccado ou sem elle (nenhuma competencia tenho para resolver), a ira do Padre Julio Maria contra os adversarios da igreja no Brazil, contra os catholicos servidores do regalismo, contra a indifferença do Imperador e dos seus ministros em materia religiosa, contra os governantes do tempo da « questão religiosa », contra o catholico Senador Nabuco de Araujo e seus projectos de reforma dos conventos e medidas similhantes, contra o Sr. Joaquim Nabuco, seu filho, e como elle declarado catholico, que o defende e as escusa ou approva, contra o mesmo clero, de bispos a presbyteros, contra a tibieza e pouco zelo dos fieis, se expande sem refolhos nem subterfugios.

Os livres pensadores não estarão sempre pelas razões e argumentos do autor, e menos pelas suas intenções confessadas, e ainda menos pela sua conclusão de que « nas mãos da Igreja está o futuro do Brazil », mas não deixarão de, mais de uma vez, dar-lhe razão contra o regalismo, contra a intolerancia, contra os pseudo-catholicos que se repartem entre a Igreja e o Estado, que examinam, que separam, que escolhem,

em materia de fé, que conciliam o avental de pedreiros livres com a ópa de beatos. E' certo, parece-me ao menos, que sem estas transacções, que o Sr. Julio Maria justamente, do seu ponto de vista, condemna, sem este relaxamento, digamos a palavra, do dogma, da disciplina, dos costumes religiosos catholicos, sem essa escolha por parte dos crentes, sem essa transigencia das regras da fé com o temperamento, a indole, os gostos, a pratica dos fieis — a Igreja talvez já não existisse. E', talvez, do afrouxamento de todas essas obrigações que ella vive, principalmente entre gentes que não têm quiçá a capacidade das convicções fortes, activas, persistentes e praticas. O proprio clero brazileiro, e ninguem jamais poz com mais franqueza e verdade em evidencia este facto incontestavel que o padre Julio Maria nesta sua memoria, soffre do mesmo mal e com o seu exemplo o aconselha e justifica. Mostra mais uma vez o Sr. Julio Maria, e reprova-o com toda a energia, que o clero do Brazil, melhor diremos, o clero brazileiro, foi sempre regalista e infenso sinão á Santa Sé, á Curia romana e ás doutrinas contemporaneamente chamadas ultramontanas. A Igreja catholica sente-se agora sob a Republica, proclama-o o Padre Julio Maria, em um periodo de auspiciosas esperanças uma especie de lua de mel succedendo á sua submissão regalista

no Imperio. Este periodo, declara o Sr. Julio Mari, « não póde ser ainda para a religião, como foi o colonial, o esplendor. » A observação indica uma esperança, que respeitamos: mas a conclusão: « Não é tambem, como foi a do Imperio, a decadencia. E', não póde deixar de ser, o periodo do combate » — exprime uma aspiração, legitima, não o negarei, mas prenhe de ameaças ao livre pensamento e á liberdade.

Em um tambem longo artigo, diz-nos o Sr. Sylvio Roméro, com o seu minucioso conhecimento do assumpto, a evolução da literatura brazileira. Encontram-se neste seu escripto, e acaso exagerados, as qualidades e defeitos, mais do seu temperamento que do seu genio de escriptor: o amor das letras nacionaes, a capacidade, entre nós não vulgar, das generalizações, a familiaridade com as doutrinas das principaes correntes philosophicas, o ardor das convicções, a sciencia do seu objecto, a comprehensão dos phenomenos espirituaes na sua relação com os factos sociaes, e, do mesmo passo, a falta de proporções no ajuizar dos escriptores e dos livros, as idéas preconcebidas e os sentimentos apaixonados no aquilatar-lhes o valor, o abuso das classificações, que o leva a contrariar os factos ou a forçal-os a entrar nas suas categorias, o exaggero no elogio ou no vituperio, em summa os peccados proprios ao seu temperamento de

polemista, que não escreve jamais sem imaginariamente estar em luta não só com alguem, mas contra alguem. Penso que em uma memoria desta natureza e fim, é desapropositado o tom que lhe deu o Sr. Sylvio Roméro. Mas ralhal-o por isso seria não comprehender que elle é o homem do seu temperamento, e que ao seu muito talento e cultura se mistura, com a paixão propria á sua indole intellectual, uma absoluta incapacidade de soffrer a contradicção. Não importa, o seu trabalho, mais completo e minucioso que porventura se requeria, o que, aliás, segundo o rifão, não o prejudica, é um util resumo da nossa historia literaria até este momento.

Apezar de estar em moda, e de se encontrarem neste mesmo volume, e bem junto a mim, exemplos que me acoroçoassem, falarem os autores de si proprios, de seus trabalhos e da sua influencia, o leitor de bom gosto me não perdoaria, com razão, qualquer palavra minha respeito ás memorias sobre Instrucção e Imprensa. Ter eu achado que reparar na obra dos meus illustres collaboradores neste llvro, não insinua por fórma alguma, digo-o em toda a sinceridade, que o meu trabalho nelle se approxime siquer da valia incontestavel dos seus. Com lisura confesso que nesta leitura definitiva me pareceu como quer que seja deficiente. Que lhe não acharão outros?

Bom, na sua concisão, é o do Sr. Oliveira Lima, que fóra das competencias e dos zelos, de alguma sorte mesquinhos, do nosso mundosinho literario, trabalha sempre. A originalidade da sua memoria, justamente premiada, é o estudo das questões diplomaticas que o descobrimento do Brazil suscitou entre Portugal, Hespanha e França. O Sr. Oliveira Lima as expõe e resume com conhecimento certo dos factos e clareza, escrevendo assim, embora em esboço, o primeiro capitulo da nossa historia diplomatica.

Como a maioria das nossas publicações, é antes ume folheto que um livro a *Via Crucis* do Sr. Felix Pacheco, um folheto ao comprido, contendo, em outras tantas paginas, cerca de trinta sonetos. A idade e as tendencias espirituaes, sinão só puramente estheticas, fazem do Sr. Pacheco o que se chama um « novo ». Haveria um estudo curioso a fazer sobre a « novidade » em literatura. Não me despeço de o tentar um dia. Novos, no fim de contas, foram todos os que poetaram ou escreveram, e que viveram. Denominação relativa, não ajunta de facto merito aos que têm a ventura de merecel-a. Ventura ! Sim, mas que, apezar da petulancia da juventude, se não aprecia sinão quando passou. E' tambem relativa, segundo o fallivel e insolente juizo humano e até conforme aos lu-

gares. No Brazil, por exemplo, começa-se a ser « novo » muito cedo, e se deixa de o ser tambem muito cedo. Como a desbotada rosa de Malherbe, a « novidade » aqui dura apenas *l'espace d'un matin*. Os que começaram hontem, com novidades tambem de esthetica, de estylo, de ideaes, Coelho Netto, Bilac, Alberto de Oliveira, já não são « novos » ; só o são os que principiaram agora, ha bocadinho, Em França, donde nos vêm os nomes e as cousas, as estheticas e as gravatas, os « novos » têm, por via de regra, quarenta annos, que a physiologia, a psychologia e a estatistica demonstram ser a idade da força, da virilidade, da boa fecundidade intellectual. Aqui têm de quinze a vinte ; aos trinta já entram a envelhecer, para os « novos » que vêm atrás, suffocando de genio e sofregos de gloria. Bemaventurada natureza a nossa ! Vista de perto e de dentro, a nossa vida literaria, por tantos aspectos ridicula e desprezivel, assemelha-se a esse jogo de empurra, que os nossos meninos, apertando-se em um mesmo banco uns contra os outros, jogam esforçando-se por fazer pular fóra um dos companheiros. Poderiam responder-me que esse brinco não é seu privilegio ; que em summa não é mais que o mesmo jogo da vida.

O Sr. Felix Pacheco é, por ora, um « novo », tem o temperamento de moço, o ardor, o en-

thusiasmo, as illusões, as ambições, que tão bem ficam á juventude. Não serei eu quem o ralhe por isso. *Il faut que jeunesse se passe...* Piamente creio que, feitos os sacrificios rituaes á mocidade, o que ha no Sr. Pacheco de verdadeiro talento, sem as demasias que o tempo e o estudo hão de forçosamente aparar, queira-o elle ou não, nos promette um poeta. Digo de industria um poeta, sem qualificativo. São tantos os que por ahi os trazem em penca, como as nossas moças os dixes e berloques em moda...

O Sr. Felix Pacheco possue já a fórma poetica, o verso, o rythmo, a harmonia; tudo ainda precisando de desbaste e polimento, como um bloco de marmore, onde se já lobriga a estatua, onde se póde já adivinhar uma deusa ou um ephebo, mas que carece ainda do esforço e tempo do artista para vir a ser uma obra d'arte. Que haja nelle tambem as qualidades, mais essenciaes a meu ver, da creação poetica, a emoção, o dom da representação, o sentimento interior, o capacidade symbolica, não contesto, ou siquer duvido; sómente me parecem menos evidentes que aquellas da pura fórma. E' certo que não são esses os attributos da juventude, sinão da plena mocidade e da madureza. Si não faço injuria ao espirito do Sr. Pacheco, estou daqui vendo que lhe não aprazem talvez de to-

do estes reparos. Prefiro crer que não, que elle tem intelligencia bastante para lhes avaliar a justeza. Em um nosso livro recente, leio que Gœthe, falando de um escriptor allemão, disse: « Elle ensinou-me que a belleza é simplicidade e repouso, do que se segue que nenhum joven póde tornar-se um mestre. » Certo o Sr. Felix Pacheco não terá a pretenção de ser um mestre (de tornar-se, é justo que tenha), nem eu a de ensinar-lhe uma verdade que só a ignorancia presumida póde desconhecer.

Justamente « simplicidade e repouso » não ha na poesia do Sr. Pacheco. E impertinencia fôra exigir-lh'as. Ao contrario dessas qualidades da perfeição daquella pura belleza que a arte grega realizou e que o grande Allemão buscou com afan, o que ha nos versos do nosso joven poeta é o seu temperamento enthusiasta, exuberante, incontinente. E' uma das feições mais frizantes do symbolismo, a simplicidade, ás vezes mesmo rebuscada, a expressão suave, mesmo dos sentimentos mais vehementes, das emoções mais intensas. Não ha sinão ler os mestres dessa poetica em França ou Portugal para verifical-o: Verlaine, si elle é de facto um symbolista, Mallarmé, Samain, Régnier ou outro qualquer, Antonio Nobre, A. de Oliveira ou Eugenio de Castro. Por esse aspecto, não per-

tence o Sr. Felix Pacheco á escola; não ha nenhuma suavidade, nenhuma simplicidade, nenhuma ingenuidade na expressão da sua emoção poetica. E' um lyrico enthusiasta — e de proposito repito o termo que me parece bem o qualifica — vibrante, cuja lingua poetica é mais eloquente que propriamente poetica. Cada um dos seus sonetos é um grito, um brado, uma interjeição, nma prosopopéa; elle é fecundo, discursivo, hyperbolico. A sua lyra tem a sonoridade argentina de uma trompa. Esta é que, no momento, me parece ser a dominante do seu talento poetico, sem personalidade destacada ainda, mas porventura com virtudes para vir a tel-a.

Ha livros que são como as fortalezas, ou esses encouraçados modernos, eriçados de armas de defesa, cuja approximação nos amedronta. Assim o do Sr. Mello Moraes Filho. Vemol-o protegido por um tal apparelho de defesa, em estudos, prefacios, introducções, appendices laudatorios, que nos arreceiamos de percorrer com olho menos devoto as paginas a que a critica e o noticiarismo entoaram tão pias lôas. Temos a sensação de constrangimento que sentimos penetrando num templo em cujo deus não cremos; o vago receio que nos commove ao entrar numa praça de guerra. Alguma cousa ali nos opprime o espirito, tirando-lhe a liberdade

de apreciação. O mesmo nesses livros que começam e acabam entre recommendações e louvores. Francamente não acho boa esta maneira de suggestionar o leitor e, como quer que seja, de forçar-lhe o juizo, para não destoar dos introductores e louvadores mais ou menos illustres. E embora justificado e legitimo em alguns casos esse costume, cuido que não se deve abusar delle. Um livro de versos, ao menos, penso eu, bem póde dispensar a transcripção do que delles disseram os jornaes.

Acabem, porém, esses receios; tambem nas praças de guerra se dansa, entre trophéos de armas mortiferas. Deixemol-as ás suas panoplias decorativas; não olhemos sinão ás mulheres, ás flores, aos risos. Assim no livro do Sr. Mello Moraes, além dos prefacios e postfacios, ha versos, bons e máus, mas versos. Chamou elle definitiva a esta nova edição, em que penso reuniu com escolha toda a sua producção poetica até esta data. O que tirou ou o que accrescentou ao que já delle conheciamos, não sei. E' natural que não haja colligido sinão o que tem por melhor. Tivemos hontem a edição definitiva das poesias do Sr. Alberto de Oliveira, temos hoje a do Sr. Mello Moraes e teremos amanhã (já não é indiscreção publica-lo) a do Sr. Machado de Assis. Que outros poetas os imitem e achem editores, são os meus votos. Tanto mais os de-

sejo vêr realizados, quanto mesmo, nos melhores dos nossos poetas, ha muito que refugar, graças á nossa precoce producção literaria, sobretudo poetica. Os poetas e as letras ganharão com essa escolha, si ella fôr feita com criterio e desprendimento. E si alguem tem de a fazer, melhor é sejam elles proprios que a façam.

Em tres partes se divide a collecção do Sr. Mello Moraes, *Sertões e florestas*, *Nocturnos e fantasias* e *Poemas da escravidão*. A primeira é a mais caracteristica, e a melhor. Si o Sr. Mello Moraes não é um poeta de grande inspiração, si não se distingue por nenhuma excellencia notavel de fórma, possue, entretanto, uma feição propria, que o não deixa confundir com o geral dos nossos poetas dos annos de 1870 para cá. O Sr. Mello Moraes é, conscientemente, propositalmente, um nacionalista. Era proventura bom ensejo para uma dissertação sobre o nacionalismo, e especialmente o nosso nacionalismo na literatura, e não é sem custo que me forro á vontade de repetir o essencial do que mais de uma vez escrevi a respeito. Não pela vaidade de reproduzir-me, mas por amor de corrigir alguns conceitos que julgo hoje erroneos e dizer, sómente em preito á boa fé, como na questão evolveu o meu juizo. Num dos escriptos a que alludo — peço desculpa desta citação — a proposito mesmo do Sr. Mello Mo-

raes, disse eu que o seu nacionalismo era por demais intencional, o producto de uma convicção erudita, para que, com a espontaneidade, lhe não faltasse a sinceridade artistica da emoção. Devia ser isto que disse, nem tenho vagar para o verificar; e accrescentei que na arte não basta a convicção critica, era imprescindivel tambem a inspiração, a vocação por dada ordem de assumptos, para produzir as obras duraveis. E dizia eu mais, em termos que me não lembram, a questão não é tanto do assumpto como da indole do poeta, cuja personalidade entra por muito (não se poderia dizer por quasi tudo?) na obra cujo é o creador. Um poeta de espirito profundamente nacional será, em qualquer assumpto que cante, um poeta nacional, que vale o mesmo que nacionalista.

Entre os nossos artistas literarios alguns conheço que são politicamente brazileiros extremes, que são nativistas, jocobinos, patriotas até o chinezismo, mas que não são de modo algum nacionaes, em cuja obra se não percebe, se não sente essa cousa, acaso indefinida mas real, que é o intimo e o inconsciente sentimento nacional, feito com os instinctos ethnographicos, com os instinctos historicos, com os instinctos geographicos, com os instinctos tradicionaes, que nenhuma cultura, que nenhuma aspiração cosmopolita consegue destruir ou siquer apa-

gar. Não negarei este sentimento assim comprehendido ao Sr. Mello Moraes, sómente me parece que é menos elle que a vontade do poeta que o poz no caminho que em nossa poesia tomou. Aceitando concepções ethnographicas e criticas, proprias ou alheias, e antes que ellas houvessem alcançado aquelle gráu de generalidade que só as torna aptas para o uso da arte, o Sr. Mello Moraes pol-as, por assim dizer, em verso como os glosadores fazem aos mottes que lhes dão. E é curioso que, atacando o indianismo e especialmente Gonçalves Dias, não fizesse outra cousa, na parte mais caracteristica da sua obra, que os repetir anachronicamente e, respeito a Gonçalves Dias, com menos talento. Que são, com effeito, pergunto eu, a *Tapera da lua*, a *Lenda do algodão*, a *Boia-Assú*, as *Uyàras*, a *Lenda das pedras verdes*, sinão restos do indianismo do grande poeta brazileiro? Certo misturou-lhe o Sr. Mello Moraes alguma cousa de novo e de seu, como já o fizera Gonçalves Dias ao indianismo de Basilio da Gama e de Durão. Mas a mesma nota já puramente mestiça, que mais se destaca no Sr. Mello Moraes, sôa no poeta de *Leito de folhas verdes*, de *Caxias*, do *Gigante de pedras*, da *Mangueira*, da *Mãi d'agua* para não sair das *Poesias americanas*. E' exactamente da mesma inspiração de *Marabá* que procedem as lendas ver-

sificadas pelo Sr. Mello Moraes. Nem lhe eu faria carga disso, si o Sr. Mello Moraes não contrapuzesse o seu ideal poetico ao do cantor de *Y-juca-pyrama*, e si criticos nimiamente condescendentes lhe não aceitassem a presumpção. Si, do ponto de vista esthetico, é secundario o valor da obra poetica do Sr. Mello Moraes Filho, sob o aspecto da historia literaria, seria um erro não lhe enxergar, sinão o valor, a significação. Depois dos poetas como Alvares de Azevedo e Castro Alves, que abandonaram, com o indianismo, o veio nacional trabalhado com tanto afinco e resultado por Gonçalves Dias e Alencar, o Sr. Mello Moraes intencionalmente retomou o trabalho interrompido. Não se póde siquer dizer que os seus methodos, a sua ferramenta, sejam absolutamente outros. Si alguma differença ha é contra elle, contra o seu muito menor poder de creação e de idealização. Em todo o caso, porém, a sua acção, si foi nulla no desenvolvimento posterior da poesia brazileira (e, salvo em algum provinciano obscuro, ninguem será capaz de a mostrar), não o foi no do nosso naturalismo nacionalista. Sendo um dos que faziam com mais ardor a campanha nacionalista, não só os seus versos, mas toda a sua obra poetica ou critica, serviram proficuamente a esse movimento. Não duvido da legitimidade dessa campanha, nem do valor dos seus resul-

tados; mas, confesso, não tenho mais a mesma fé na necessidade della, nem a mesma estima pelo que deu. O que nós chamavamos aqui « nacionalismo » em literatura era evidentamente uma concepção estreita e apoucada; o « nacionalismo » quando não é o que ha de mais intimo, de mais consubstancial e de mais subtil tambem, na alma de um povo, e que seus escriptores e artistas traduzem nas suas obras, qualquer que seja o assumpto; quando não é esse sentimento indefinivel, mas vivo, que faz que Chateaubriand, fazendo indianismo americano, seja francez, que Shakespeare dramatizando a vida romana seja essencialmente inglez, e que Gœthe permaneça allemão, mesmo quando o seu grande anhelo é ser grego, apenas póde ser uma feição, um aspecto, um genero numa literatura, jamais toda a literatura. E' verdade que sem aquella especie de nacionalismo, quasi impossivel de existir em povos em formação como nós americanos, não póde porventura existir tambem literatura. Haverá quando muito escriptores, livros, literatos, poetas, poesias, obras em todo o genero, mas literatura, como expressão e definição de um povo, é difficil que haja.

Não é isto um grito de desanimo, sinão méra verificação de um facto. Consolemo-nos, porém; são aquelles—escriptores e poetas, com seus li-

vros e obras, — que lidando, trabalhando, lutando, acabam por destacar da massa ainda informe e heterogenea, sinão uma alma já formada, o principio do que póde vir a ser uma alma — si não são elles tambem que lh'a insufflam, na esperança generosa de a receberem completa e vivaz.

Presentemente quasi se não escrevem propriamente livros; fazem-se de preferencia collecções de artigos, semi-livros, como lhes chamou um escriptor celebre que os fez numerosos. Outra feição da producção espiritual dos nossos tempos é que raro é o livro, mesmo as obras mais inteiriças e homogeneas, que não tenha, parcial ou totalmente, duas publicações, uma na imprensa periodica, revistas, magazines, jornaes especiaes, e até na imprensa diaria, nas gazetas de informação e noticias, outra em livraria.

Deste facto, que não sou certamente o primeiro a notar, não quero tirar nenhuma conclusão ; apenas reparo nelle para observar que num paiz como o nosso, mais natural e justificado é. Aqui, onde a vida espiritual não tem base material, onde se é forçado a ser homem de letras de horas vagas, amador, não ha lugar e lazeres para as longas meditações, os aturados estudos, e as demoradas e trabalhadas composições, que as obras de unidade e de

folego exigem. O Sr. Sylvio Roméro, que é um dos nossos mais operosos e valentes escriptores, não conta talvez na sua obra copiosa, com tal caracter, sinão um livro, a sua *Historia da literatura Brazileira*. Esse mesmo, e é talvez o seu principal senão, e motivo das muitas repetições e incoherencias que lhe notam, é composto de fragmentos ulteriormente accommodados para formarem um conjunto, cujas partes se não ligam cabalmente e em que é facilimo descobrir as emendas e junturas. E salvo uma ou outro excepção, rara, a producção literaria nacional é nos ultimos vinte annos quasi toda assim fragmentaria, na maior parte de meios-livros. Na mesma novella abundam mais as collecções de contos que os romances. Deu-nos agora o Sr. Sylvio Roméro dous novos volumes. Um ensaio critico sobre *Martins Penna* e varios *Ensaios de Sociologia e Literatura*. Aquelle, comquanto um opusculo, tem a unidade de um livro ; este é uma recolta de artigos diversos, ligados, sempre, é verdade, pelo pensamento do autor.

A parte, a meu vêr, mais interessante e consideravel do primeiro, são as considerações moraes e sociaes que a vida e a obra do famoso comedista provocam á penna nervosa, alternadamente pessimista e optimista, apaixonada, batalhadora do Sr. Sylvio Roméro. Os *Ensaios*

de Sociologia e Literatura contêm, entre outros, dous excellentes estudos, o *Haeckelismo em sociologia* e *Classificação dos phenomenos em sociologia.*

No primeiro, combate o Sr. Sylvio Roméro, a meu vêr com muita procedencia, boa logica e seguros fundamentos, a lei sociologica que o Sr. Fausto Cardoso julgou descobrir, e formulou por este modo : « Cada povo que se desenvolve recapitula as phases anteriores da evolução da especie humana. » A mim, parece-me que este facto, ainda que fosse real, carecia, para ser generalizado em lei, que se verificasse em todos os phenomenos sociologicos. Ora, na parte delles que me não é de todo estranha, a literatura, não o posso verificar. A literatura brazileira começa no ponto justamente em que acha a portugueza e não recapitula de modo algum a evolução desta. Eu estou antes pelas conclusões do Sr. Sylvio Roméro.

Reconheço o que ha de elevado e nobre nas innumeraveis tentativas de classificação dos phenomenos de toda a ordem em meio dos quaes vivemos e cuja acção soffremos. Não vai o meu realismo até ao ponto de pretender que refuguemos de nossas preoccupações intellectuaes o esforço, até agora de resultados muito duvidosos e indecisos, de os classificar. Mas confesso que o incerto, o indeterminado, mesmo

o vago em que têm ficado taes classificações, ainda as mais bem aceitas e inventadas pelos melhores espiritos, me deixa um pouco desconfiado e sceptico sobre o seu merito, respeito á verdade e sobre a sua utilidade para o progresso dos conhecimentos do espirito humano.

Como quer que seja, a tentativa do Sr. Sylvio Roméro me parece uma das mais felizes, pelo menos uma daquellas que menos me têm repugnado ao entendimento. Sómente observo que nas creações sociologicas da humanidade muitas originariamente se confundem e por longos periodos vivem e desenvolvem-se confundidas, assim a religião, a moral, o direito, a esthetica e a mesma politica, sinão tambem a sciencia. Para podermos separal-as em classes distinctas, precisamos talvez abstrahir deste facto historico primordial e não considerar estes phenomenos sinão como já tendo experimentado a differenciação a que o progresso os obrigou. Com esta restricção, não tenho duvida, repito, em aceitar a classificação do Sr. Sylvio Roméro ; fica-me, porém, sempre a duvida, não o esconderei, da utilidade, da vantagem, mesmo theorica, de taes classificações.

E' um trabalho literario, não de todo despido de merito, o novo romance do Sr. Xavier Marques, escriptor bahiano. E' o terceiro livro delle que leio, e dos tres ainda o melhor no meu

desautorisado conceito é *Janna e Joel*. Este, *Holocausto*, embora inferior a esse, vale muito mais que *Pindorama*, o seu segundo livro que li, e de que acima me occupei.

Não o contarei ao leitor, porque, sendo uma historia simples, sem uma acção verdadeiramente interessante, receio que o meu resumo atraiçôe o livro. E' o caso (já que é preciso dizer assim, tratando-se de romances) da herança da tisica. Os principaes personagens pertencem a uma familia de tisicos, e o romance tira o nome de que um delles, já tocado do horrivel mal, e amando ardentemente uma prima e sendo por ella amado com igual paixão, pretexta uma viagem de saude á Europa, com a certeza de por lá morrer, e fugir a um casamento que seria a desgraça dos dous. O Sr. Xavier Marques não teve a arte bastante para evitar quanto convinha o aspecto clinico do assumpto, mas tambem não se o póde accusar de haver abusado delle. Eu achei este seu livro menos natural, e perdoem-me dizer, attenuando a significação do termo, mais pretencioso do que (si não erro completamente a sua psychologia de escriptor, que apenas pelos livros conheço) o seu talento nos faria esperar. O seu trabalho de psychologia literaria, por demais evidente neste livro, não lhe deu resultado nenhum. Não ha nenhma figura ali que se destaque, e algu-

mas, como o jornalista Vanique, e Barcellos e Villarim, são de pura convenção. Ao romance tambem falta isso a que os pintores chamam ambiente, e justamente no sentido em que lhe chamam. A sua lingua neste livro tem defeitos, que se não encontram nos *Praieiros* e em *Pindorama*. E' menos correcta, sobretudo menos pura, cheia de francezismos escusados, á moda de Lisboa. Não sei si não póde ser taxado de ridiculo o tratamento á franceza dos titulares, do Sr. de Villarim, á Sra. de Barcellos. Ignoro si na Bahia é de usó, em todo o Brazil que conheço nunca o ouvi. Nos ultimos annos do Imperio, os velhos do Senado, que gostavam ás vezes de rir, introduziram ironicamente nos seus discursos este tratamento, com intençâo maliciosa, e diziam: o Sr de Cotegipe (creio que foi com elle que a graça começou), o Sr. Disto ou o Sr. Daquillo.

Mas o que vinha da troça, a troça matou. Não ha revivel-a, quando os titulares se vão extinguindo, e a expressão toma um ar de facecia. Depois não ignorará o Sr. Xavier Marques porque em França, e em outros paizes, a particula supre o titulo, que é até de bom tom não usar. No estylo do Sr. Xavier Marques, por ora incaracteristico, o que principalmente desagrada é a mistura incongruente de fórmas archaicas e mesmo obsoletas, com gallicismos e

francezismos absolutamente desnecessarios, neologismos inuteis e o uso de termos technicos. E' curioso e de sentir que estes defeitos não se lhe notavam nos seus anteriores livros, nem os desculpa neste ser um romance de vida mundana. Não é no dialogo que sómente apparecem, mas na mesma narração do autor, em paginas exclusivamente suas.

Mas, em summa, si o seu romance a mim me não despertou um interesse grande, não me parece que seja isso razão para que os outros não lh'o achem. Tem sympathia, tem sinceridade, e tem dous ou tres episodios commovedores.

APPENDICE

XIV

AINDA A QUESTÃO ORTHOGRAPHICA

Tendo o erudito escriptor portuguez, Sr. Candido de Figueiredo, se ocupado, no *Jornal do Commercio*, dos artigos sobre a « questão orthographica » atraz reproduzidos, e que na mesma folha foram publicados, julguei-me obrigado a responder-lhe nesse jornal, por esta maneira :

Exm. Sr. Candido de Figueiredo.

Meu illustrado confrade.

Li e considerei, com a attenção que mereciam o autor e o assumpto, a carta aberta que por este jornal, onde temos ambos a honra de collaborar, me fez V. Ex. a fineza de dirigir, a proposito de dous artigos meus aqui publicados sobre a orthographia portugueza.

Eu quasi me podia dispensar do gosto de responder a V. Ex., pois, como V. Ex. reconhece,

não ha entre nós sinão divergencias fortuitas, como lhes chama, estando ambos de accordo sobre a questão principal: que não tendo a lingua portugueza orthographia, é preciso dar-lhe uma e que, por mil razões que nos parecem excellentes, essa deve ser a orthographia usual de hoje, simplificada. Nos meus artigos, evitei de industria falar de orthographia phonetica; V. Ex., mais corajoso, não recua ante o termo que arripiava a Latino Coelho. Na accepção em que naquelles escriptos aceitei essa expressão de reproducção exacta da pronuncia correcta, não ponho davida em empregal-a para maior commodidade da exposição.

Informando-me V. Ex. da existencia em Portugal de um grupo de eruditos, especialistas em linguistica e philologia, entre os quaes dous, pelo menos, conheço e aprecio, os Srs. Gonçalves Vianna e Vasconcellos Abreu, que são partidarios decididos da orthographia phonetica, causou-me grande gaudio, pois eu, que não sou nem erudito, nem philologo, nem glottologo, nem siquer grammatico, receiava pudessem attribuir á minha ignorancia as minhas opiniões neste assumpto. E muitos haverá no meu caso, que sabendo-se na companhia de sabedores de tão alta reputação na sua especialidade como aquelles, tenham melhor a coragem das suas opiniões. E podemos, com effeito, sustental-as com todo o desassombro, pois temos por nós a primeira tradição da nossa lingua, a sua indole, o exemplo das duas que lhe são mais affins, o hespanhol e o italiano, a ten-

dencia popular para a simplificação orthographica nos povos que a falam e até, em numerosissimos casos, a mesma etymologia, que, como V. Ex. no seu *Novo Diccionario* e o Dr. Ribeiro de Vasconcelloz na sua *Grammatica* mostram, determinaria uma graphia mais simples que a em uso.

E' possivel que eu, não obstante conhecer alguns dos trabalhos de V.Ex., não lhe tenha feito inteira justiça tendo-o por decidido phonetista. Mas na sua mesma carta dá-me V. Ex. de algum modo razão. Assim, contra uma opinião minha, declarando que as graphias *português* e *açucar* não seriam aceitas no Brazil, sustenta V. Ex. a sua firmado na etymologia, e quanto á segunda em João de Barros tambem. Ora, para um phonetista declarado o argumento etymologico não colhe, sinão quando a etymologia justifica a graphia phonetica, e a autoridade de João de Barros, grande e respeitavel no estudo historico da lexeologia, da semantica e da syntaxe da lingua, é nulla para nos ensinar a graphar hoje, ou apenas teria applicação no estudo da nossa evolução orthographica. Esse estudo do admiravel chronista nos mostraria, por exemplo, como sabe V. Ex. melhor do que eu, que a sua orthographia era muito mais phonetica, muito mais simples do que a fez depois a reacção erudita. E nem me embaraça o exemplo que V. Ex. me cita para confundir-me. « Quero que me *dez* esse livro que tu *lez*, porque bem *vez* que preciso delle. » Não sou, parece-me o haver deixado claro nos meus artigos, um reformador da

orthographia, um autor de systema orthographico, que me apaixone por esta questão. Aquelles escriptos eram singelas observações de um escriptor que não sabe como deve escrever a sua lingua, sem divergir de alguns dos mestres mais illustres della, e de um homem, pai de familia, preoccupado de como a deve ensinar a escrever a seus filhos ou, generalizando, de como se deve ensinar ás pobres crianças hesitantes entre modos varios e multiplos de escrever as mesmas palavras. Nelles disse apenas os meus reparos, as minhas duvidas, manifestando ao mesmo tempo o meu desejo, que será sem duvida o de todos os que precisam escrever a nossa lingua, de que ella acabe por ter uma orthographia uniforme. Uniforme, não logica, nem systematica, nem scientifica, digo eu, sabendo, apezar da minha ignorancia, que é talvez impossivel, sem fazer um trabalho todo artificial, conseguir um systema orthographico com a exacção de um systema de logarithmos. A orthographia é uma convenção, mas uma convenção que assenta em uma serie de convenções que se continuam, desenvolvem, modificam segundo um typo commum. Em portuguez, por exemplo, estamos presos pelas letras do alphabeto, herdado dos latinos, apenas com o accrescimo de dous signaes para certas palavras de origem grega ou germanica, *k* e *w*, e um systema orthographico que inventasse novos signaes, ou sómente novos empregos dos já existentes, não teria certamente nenhuma probabilidade de bom exito. Isto posto, penso que po-

demos continuar a usar do *z* nos patronimicos, como até agora, salvo excepções, aliás illustres, temos feito os Portuguezes e Brazileiros, e escrever *Francez*, *Inglez*, *Portuguez*, e, com alguma incoherencia, reconheço, escrever *des*, *les*, *ves*. Não me arrepia, aliás, a idéa de escrever *dêz*, *lêz*, *vêz*, si se convencionasse que, para evitar um accento, assim se escrevesse. Quanto a *açucar*, a *çapato*, e outras fórmas identicas, que V. Ex., no seu *Diccionario* e em um artigo do *Jornal do Commercio*, preconisa como graphia mais certa, não duvido reiterar a V. Ex., embora não tenha para isso procuração especial dos meus compatriotas, que ninguem as aceitará no Brazil. Não obstante se encontrarem nos escriptores antigos taes fórmas graphicas com ç, não ha negar, penso eu, que ellas são antipathicas ao portuguez moderno. Tambem creio poder affirmar que não aceitaremos o uso, que V. Ex. me não levará a mal chamar immoderado, dos accentos graphicos, que V. Ex. e outros illustres reformadores da orthographia portugueza querem introduzir na nossa lingua. E para rejeitar-lhes de antemão a reforma, não precisamos de oppôr-lhe nenhuma razão theorica (e, aliás, as temos e boas); basta-nos a fortissima da impossilidade material de conformar a nossa prosodia com a do povo portuguez. Pronunciando nós differentemente, teriamos de accentuar differentemente, e para não chegarmos á extravagancia de accentuarmos os portuguezes de um modo e os brazileiros de outro, melhor é, salvo casos especiaes,

como os dos agudos ou oxytonos, e algum outro raro, continuarmos a tradição da nossa lingua, avessa, como a latina, á accentuação graphica. Nós brazileiros não podemos enxergar a necessidade de accentuar *diccionário*, *sciência*, *história*, *período*, *ainda*, *inútil*, *secundário*, *colónia*, e todas as exdruxulas, como manda o Dr. Ribeiro de Vasconcelloz, e, creio, quer V. Ex. tambem. Para nós aquella accentuação não tem cabimento: nós não dizemos *sciência* nem *colónia*, mas *sciencia* e *colonia*; com o segundo o quasi mudo. Eis porque eu disse — e julgo que com toda a razão — e continúo a sustentar, que a introducção de uma copiosa accentuação graphica na orthographia da lingua portugueza não tinha nenhuma probabilidade de vingar no Brazil.

Não desconheço, entretanto, a sua utilidade pratica, sobretudo do ponto de vista escolar, mas diante da impossibilidade manifesta, absoluta, de a fazer aceitar pelos dous povos de lingua portugueza, parece-me prudente rejeital-a, tanto mais que nada impede que, nos casos onde a notação do accento seja absolutamente necessaria para evitar confusões ou para facilitar a pronuncia correcta, usem e abusem delle os mestres, até haverem fixado a prosodia exacta na memoria dos seus discimulos. Para os estrangeiros que quizessem aprender theoricamente a nossa lingua, se fariam grammaticas e livros de leitura accentuados, como a Igreja Catholica accentuou os seus livros sagrados, para evitar as syllabadas dos padres que não sa-

biam latim. Ainda assim se não evitaria o inconveniente da dupla prosodia que tem de facto hoje a lingua portugueza ; o estrangeiro que a aprendesse por um livro de Portugal acabaria por pronuncial-a diversamente do que a houvesse aprendido por um compendio brazileiro. Este inconveniente, porém, é já agora fatal, impossivel de ser remediado. Temos de nos curvar a elle. A unica medida que ambos os povos podem tomar, ao estabelecerem, como todos desejamos façam, um padrão orthographico unico para a lingua que falam, é a discreta accentuação indispensavel para evitar confusões de palavras em que são ellas não só possiveis, mas faceis : como *alea*, *anodinò*, *batega*, *pegada* e *avô* e *avó*, *besta* e *bésta*, *rôla* e *róla*. Tudo o que não fôr isto, parece-me demasiado, e, o que peior é, sob o aspecto pratico, impossivel de realizar no Brazil. E como eu não desejo que nós venhamos a ter duas graphias portuguezas, uma de Portugal, outra do Rrazil, afigura-se-me que, seja qual fôr a excellencia das razões theoricas que possam ter os Portuguezes para adoptar a sua preconisada accentuação graphica, sabio será de sua parte ceder á razão pratica.

Não quer V. Ex. admittir commigo que o accento grave não é portuguez, nem que o trema esteja banido da nossa lingua. Peza-me ter de persistir na minha opinião, contra a autoridade de V. Ex. Em portuguez, principalmente no portuguez de Portugal, ha certamente o som grave, que quasi não existe mais no Brazil, mas nunca houve um

signal para notal-o. Este é o facto que da leitura dos velhos autores da lingua, si não erro, se verifica. Alguns lexicographos, como observa o talvez mais excellente grammatico da lingua portugueza, o Sr. Julio Ribeiro, o usaram para marcar os sons fechados, mas, segundo elle, esse accento, « estranho ao portuguez », acha-se banido do uso geral. Garrett tambem não o admittia como portuguez. Como o trema, é uma excrescencia introduzida na lingua por grammaticos e diccionaristas esquecidos que elles não fazem a lingua, mas apenas lhe registram os factos. E a prova maior de que é uma superfluidade, uma creação artificial de grammaticographos e lexicographos, é que de facto nunca se introduziu no uso corrente, nunca foi de emprego commum. Nos tempos mais modernos pelo menos, nenhum escriptor da lingua portugueza deixou de usar dos accentos agudo e circumflexo, lidimos portuguezes, mas apenas se apontaria algum, si algum ha, que do grave usasse. Mais ainda, esse accento não tem na nossa lingua, segundo os mesmos que o empregam e recommendam, funcção bem determinada. Servia até aqui para marcar os sons fechados ou assignalar os sons graves; V. Ex. usa-o significando que « a respectiva vogal é aberta mas não tonica » : *córado*, *lusó-francês*, etc., e o Dr. Ribeiro de Vasconcelloz escreve: *àquelles*, *àlem*, *àmanhã*. Assim, o accento grave já não é mais uma notação graphica pertencente á lingua, como é em francez, por exemplo, com applicação rigorosa, mas um

méro signal que grammaticos e diccionaristas podem usar a seu talante para nos indicarem a recta pronuncia das palavras, conforme a entendem, como se poderiam servir de qualquer outro symbolo de sua invenção, como nos alphabetos phoneticos preconisados por alguns pedagogos allemães.

A' minha affirmação, que reitero, de que estava banido da lingua portugueza o trema, oppõe V. Ex.. a doutrina contraria de um grammatico, meu compatriota, que o admitte. Naquella minha asserção ha um erro, confesso ; é haver eu dito banido. Devia ter escripto — não existe, — para ser mais exacto. Quanto a um ou mesmo a dez grammaticos o haverem admittido, isso pouco alterou a questão. O caso é que elle seja « praticado », isto é, que os escriptores e o commum dos que escrevem a lingua o empreguem correntemente. Sem isto, podem todos os grammaticos da lingua decretar a sua introducção, que nem por tal elle faz parte della. Aliás, si o parecer dos grammaticos pesasse no caso, eu creio que a maioria delles, ao menos brazileiros, apoiariam o meu aviso. E' certo que Garrett o admittiu e praticou, mas ficou só. Desde Herculano e os Castilhos, os mais notaveis escriptores portuguezes jamais o empregaram. No Brazil, quer dos escriptores mortos, quer dos vivos, posso garantir a V. Ex., só ha apenas um que delle use, o Sr. Dr. Ramiz Galvão, aliás mestre provecto da lingua. Posso, pois, com toda a segurança, continuar a affirmar que o tal trema foi banido ou, talvez melhor, não é da lingua. Que V. Ex., como lexi-

cographo, o empregue, como ao accento grave, ou a outro qualquer signal graphico, para *notar* a pronuncia da palavra, eu aceito, mas não posso admittir que nos dê taes signaes como fazendo parte da nossa orthographia tradicional, e menos da corrente. A admittil-os agora seria como uma nova convenção que eu, releve-me V. Ex. o ousio, acho inteiramente desnecessaria. O accento agudo, que é nosso, satisfaz plenamente em todos os casos em que precisassemos, como V. Ex. entende, de usar do trema.

São estas, Exm. Sr., as principaes divergencias entre nós. O publico, que nos lê, está vendo, como V. Ex. foi o primeiro a reconhecer, que não havia talvez motivo para por amor della discutirmos, e eu poderia ficar aqui, apresentando a V. Ex. a expressão leal do meu apreço, si V. Ex. não se referisse a uma frase minha a respeito do seu *Novo Diccionario da lingua portugueza*, contrastando-a. Sinto que o haja feito, porque me poz na desagradavel situação, já que o amor da verdade me não consente retractar-me, de repetir a V. Ex. que julgo aquelle seu trabalho de « escasso merito », e de dar as razões do meu, reconheço-o sem fingimento de modestia, desautorizado juizo. Chamei de preferencia Vocabulario ao *Diccionario* de V. Ex., querendo significar que elle era uma lista copiosa, não importa, de palavras, com as suas significações ou definições, e uma succinta indicação da sua origem, mas sem aquillo que só, não ao meu ver, mas no de todos os competentes,

faz o merito de um diccionario : as citações de frases de autores classicos ou de bom nome, exemplificando as differentes accepções da palavra, e, ainda mais, como já o praticou o nosso Moraes, e o fazem a Academia Franceza e Littré, com breves e claras lições de synonymia e de syntaxe dos vocabulos que as reclamam.

Sem isto me parece — e julgo como um ignorante que tem necessidade de recorrer ao diccionario — que uma obra dessas perde a maior parte do seu valor. O que principalmente se busca em um diccionario — e é com a minha experiencia que falo, crendo, entretanto, poder generalizal-a — é menos a definição, a significação do vocabulo, que as suas accepções especiaes, os seus matizes e gradações de sentido, o como empregal-o com exacção e propriedade. Ora isto só se póde conseguir de um diccionario que nos dê a palavra na frase, mesmo porque nenhuma definição, ainda a mais perfeita, dará jámais a noção exacta das accepções de uma palàvra, qual a deduzimos, muitas vezes a sentimos mais que a comprehendemos, do seu emprego por um bom escriptor. V. Ex. mesmo, em um nota do seu *Diccionario*, reconhece o erro que commetteu cedendo á extravagante e singular opinião de Latino Coelho, — erudito consideravel mas sem nenhum espirito critico ou scientifico, — « de que um diccionario synthetico ou manual não se coaduna bem com citações e transcripções. » Não sei aliás até que ponto se póde chamar manual a um livro em formato de

folha, em dous grossos volumes, com mais de 700 paginas cada um. Ao contrario de Latino Coelho, pensava, com toda a razão, Voltaire que « um diccionario sem citações é um esqueleto ». Não ha já no mundo quem lhe não reconheça a justeza do conceito. A Academia Franceza no seu diccionario poude dispensar citações de autores, exemplificando as suas definições com frases suas. Mas, tendo a Academia, em materia da lingua, a mesma autoridade dos bons escriptores, o seu exemplo não implica uma violação deste principio. Entretanto, ha quem, como Voltaire, preferisse que, em vez de citar-se, citasse os classicos. O que se póde fazer em um diccionario que não tome as proporções do de Littré ou do inglez de Murray (porventura ainda mais desenvolvido e completo que aquelle) e o que fizeram os scientes autores do mais recente e, na opinião dos entendidos, excellente diccionario francez, os Srs. Adolpho Hatzfeld e Arsenio Darmesteter, é supprimir esses exemplos quando elles não são necessarios para assentar o emprego contemporaneo de palavras que todos conhecem e podem por si mesmos verificar, mas não deixar de dal-os, como elles não deixaram de fazel-o, em todos os casos de accepções especiaes, de gradações diversas de vocabulo. Hoje, aliás, em todas as linguas, diccionarios menores que o *Novo Diccionario da lingua portugueza* trazem exemplos tirados a autores em abono da sua doutrina. E sem isso um diccionario de pouca utilidade é.

Todos ou quasi todos os grandes diccionarios da nossa lingua, e o de V. Ex. deve ser classificado de grande, têm citações, e só por isso serão na maioria dos casos de consulta mais prestadios que o *Novo Diccionario*. Informa-nos V. Ex. que só do padre Antonio Vieira poz V. Ex. no seu *Diccionario* perto de 400 vocabulos que não figuram em nenhum outro. Permitta-me V. Ex. a liberdade de notar-lhe que mais corria então a V. Ex. o dever de acompanhal-os da citação por extenso da frase em que os encontrou. Tendo por fim V. Ex. a consciencia do erro que a irracional opinião de Latino Coelho lhe fizera commetter, entrou, de certa parte em diante do seu livro, a citar autores, mas em vez de cital-os por extenso, e com a indicação exacta da fonte, não ; limitou-se a indical-a, assim, para exemplificar : « Cf. Castilho, *Fastos*, I, p. 340 » na palavra *Dispoéta*. E' verdade que uma ou outra vez cita por extenso, o que revela falta de systema. A simples citação das fontes obrigaria o consultante a ter uma bibliotheca completa dos bons autores da lingua.

Taes os motivos que me levaram a taxar de escasso o merito do novo diccionario, com que V. Ex. acaba de dotar a lingua portugueza. Não lh'o negando todo — e injusto fôra negar-lh'o — reconheço a somma enorme de trabalho benemerito de apreço que nelle ha, esperando que, para bem de todos os que falam e escrevem a nossa formosa lingua, V. Ex. nos possa dar em breve nova edição, em que aquelles senões, e outros que acaso

tenha, sejam corrigidos. Nem eu tenho a pretenção de haver dito a V. Ex. novidade alguma ; estas objecções já V. Ex. as previra com a sua citada nota.

Agradeço a V. Ex. as informações que se dignou dar-me sobre a questão orthographica na Academia das Sciencias. Não tendo nenhuma especie de preconceito nacional, respeito a Portugal e aos escriptores portuguezes, que leio, admiro e prezo, conforme o merecem; creia V. Ex. que terei maxima satisfação em ver assentada pelos dous povos de lingua portugueza uma orthographia uniforme, á qual, quaesquer que sejam as minhas divergencias pessoaes, prometto de antemão submetter-me.

De V. Ex., cordialmente,

J. Verissimo.